

Raquel Dantas Pinheiro



---

*Semeada entre lágrimas*  
a trajetória educacional de Nildes Alencar Lima



*Semeada entre lágrimas*  
a trajetória educacional de Nildes Alencar Lima

**Projeto Experimental**  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo  
Universidade Federal do Ceará  
Dezembro de 2010

**Autora**  
Raquel Dantas Pinheiro

**Orientador**  
Agostinho Gosson

# *Agradecimentos*

---

Dedico as páginas deste livro

ao meu orientador, Agostinho Gosson, a quem devo os conselhos e estímulos que me fizeram seguir em frente com o trabalho;

a minha família, pelo apoio, pelas ajudas e pelas lembranças sobre o tempo em que estudei na escola de Nildes, em especial a minha mãe, por ter plantado a semente desse projeto;

a Isabel Lustosa, pelas suas orientações valiosas de escritora e pela atenção oferecida sempre que precisei, e a Chico Lustosa, o meu primeiro leitor, pela paciência, pelo reconforto nas horas de angústia, pelas avaliações e pelas palavras de otimismo sempre tentando quebrar o meu pessimismo;

aos amigos e amigas com os quais dividi risos e lágrimas; das amigas da Escolinha - pela infância, juventude e pelas muitas fases da vida que iremos compartilhar -, aos amigos de tantos outros momentos e contextos, especialmente as minhas companheiras e meus companheiros de movimento estudantil, a quem devo muitos aprendizados;

àquela que tem um lindo caminho a trilhar no magistério, Ana Carolina Bittencourt, pelos livros e pelas reflexões sobre educação;

aos entrevistados, por compartilhar comigo suas memórias e por colaborar para a concretização deste trabalho. Sem eles não teria sido possível;

especialmente ao José Albano, por sua enorme prestatividade, me oferecendo toda ajuda possível, principalmente com seus registros fotográficos, que tanto enriqueceram este trabalho; e pelas palavras de incentivo que ele e sua filha Emília me deram em um dos dias em que mais precisei ao longo desta produção, mesmo que não soubessem disso;

e a Nildes, pelos longos diálogos, pela receptividade e por ter aberto sua casa e seu coração para me contar tantos detalhes de sua vida, e por ter me proporcionado uma educação tão valiosa, que posso hoje compartilhar com outras pessoas,

Obrigada imensamente!

# Sumário

---

Apresentação	4
<b>O desabrochar para a educação</b>	
1910 - 1955: A formação de Nildes	9
1956 - 1963: Os primeiros passos como professora	16
1964 - 1967: Trilhando sua ideologia	24
<b>Ideais, flores e lutas</b>	
Dezembro de 1967 - Janeiro de 1968: Semeando uma nova escola	28
Fevereiro de 1968 - 1989: Os anos dourados da Escolinha e os anos sombrios da ditadura	32
<b>O fim de um sonho?</b>	
1990 - 2001: Os tempos são outros	55
Referências	62
Novos caminhos	66
Depoimentos	68
Entrevistados e Colaboradores	69
Bibliografia	70

# Apresentação

---

De todas as pessoas que conhecemos ao longo da vida, naturalmente muitas terão passado por nós sem que conheçamos suas histórias, seus caminhos. Algumas terão deixado marcas profundas, não por serem mais importantes, mas por interferirem na construção de uma história coletiva, que diz respeito a um grupo, a um período, e que formam um contexto. Por isso, tenho uma imensa atração pela História. Ela que pode nos proporcionar além da descoberta do outro, o conhecimento e compreensão de nós mesmos, de nossas raízes, do que vivemos hoje, olhando para o que nos levou até o momento presente. Penso que sem ela, inclusive, não haveria o Jornalismo. Até mesmo para aquele que encontramos nos periódicos restringidos pela produção comercial à documentação dos fatos ocorridos no pequeno e delimitado período de tempo chamado agora, cortando e isolando histórias de seus contextos, desconectando-as de sua teia de porquês, fazendo com que o receptor absorva uma quantidade imensa de informações sem que lhe seja apontado a ligação entre elas. Por mais que seja intrínseca a relação entre o Jornalismo e a História, esta raramente é utilizada em sua potencialidade possível para o meio jornalístico. No entanto, existem suportes que buscam e valorizam a interação com a área. É o caso do livro-reportagem, que surge da inquietação de jornalistas que viram sua criatividade limitada pelas formatações da imprensa tradicional. Os anseios eram que tivessem uma válvula de escape para produzirem sem fronteiras e que fossem livres para explorar contribuições conceituais e técnicas provenientes de outros campos, reinventando e enriquecendo o jornalismo.

Nutrido os mesmos anseios, colocados nas devidas proporções de minha inexperiência, senti uma imensa vontade de me lançar ao mundo do livro-reportagem depois de refletir sobre as possibilidades que um trabalho como este poderia me proporcionar e, principalmente, sobre as tantas produções que desperdiçamos ou que não fomos estimulados a experimentar dentro da universidade, onde acabamos por muitas vezes seguindo os modelos estabelecidos encontrados tão facilmente no jornalismo afora.

A vontade se fortaleceu com o reaparecimento de uma dessas pessoas, que falei anteriormente, que passam por nós sem que saibamos quantas histórias esconde. Era uma personagem que me resgatava a minha infância e os meus primeiros anos de juventude e que há nove anos tinha ficado somente nas minhas lembranças. Saiu de lá graças a minha mãe, Elisabete, que me trouxe seu nome como uma ótima personagem para ser entrevistada na disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, que cursei no primeiro semestre de 2009. Entre tantas indicações, defesas e nomes cortados, a minha personagem foi uma das seis entrevistadas que formaram a lista final daqueles que teriam suas histórias de vida impressas nas páginas da produção da cadeira, a Revista Entrevista n° 22.

Foi então que parti ao seu encontro junto com minha colega de produção da entrevista, e companheira desde os primeiros momentos dentro da Universidade Federal do Ceará, Ana Carolina Nogueira, e com quem compartilhei os depoimentos de vida da grande educadora, que guardava muito mais do que um trabalho educacional diferenciado no Instituto Educacional de Alencar, onde estudei durante onze anos. Nildes Alencar Lima, a mulher de vivos olhos azuis da minha infância, estava diante de mim novamente, me fazendo compreender e ter a dimensão de sua trajetória dedicada à educação, que talvez nunca tivesse a oportunidade de conhecer, se não fosse a minha mãe e a Revista Entrevista.

No dia 15 de junho daquele ano, dia oficial da entrevista, duas horas e meia foram poucas

para abranger mais de 60 anos de amor e lágrimas destinados à sua grande paixão. Veio instantaneamente a inquietação. Queria saber e contar muito mais da personagem que nunca tinha registrado suas experiências no magistério, as quais trouxeram novas perspectivas para a área na cidade. Tinha então uma grande personagem para um livro-reportagem. Mas para dar início à produção precisava do aval da protagonista. Tive não só o aval, como uma atenção especial da educadora, que se desdobrou para me receber e contar a sua história por algumas boas horas de vários dias, apesar de seu cotidiano tão atarefado, cheio de atividades dedicadas à educação.

Com os primeiros passos vieram as primeiras dúvidas. Faria uma biografia ou me focaria na sua experiência educacional, dando destaque ao Instituto Educacional de Alencar? Uma biografia parecia algo muito maior do que as possibilidades de tempo e de retorno a que um trabalho de conclusão deve se propor. Achei que não deveria me atrever ao biográfico, já que a vida que eu pretendia contar era longa e cheia de acontecimentos. Além de tudo, o sofrimento seria grande diante dos julgamentos sobre o que deveria entrar e o que deveria ficar de fora do livro. Decidi-me então pelo foco à educação e à escola de Nildes. Primeiro porque ao falar da experiência educacional do Instituto, naturalmente falaria da trajetória da personagem, já que estão ligadas tão profundamente.

Outra ligação íntima, no entanto, poderia comprometer a história que estava decidida a escrever: a minha relação afetiva com a escola, onde me formei, onde fiz amizades que duram até os dias de hoje, e que me deixou uma grande marca pelo elo que se rompeu tão bruscamente com o seu fechamento quando eu estava na metade da oitava série do ensino fundamental, prestes a passar pelo ritual do fim de uma etapa e de mudança de colégio. Por essa relação, temi que isso pudesse prejudicar de alguma forma a narração jornalística, e acabar me prendendo somente ao lado emocional.

O receio foi passando aos poucos com a intensa busca por um panorama da escola que me mostrasse suas inovações pedagógicas, mas também as suas falhas, os seus desvios. Para isso, procurei professoras, alunos, coordenadores, pais, mães, funcionários e todos aqueles que pudessem me ajudar a reconstruir os seus trinta e três anos de existência. Tive ao meu alcance uma grande lista de personagens, fora as sortes do acaso que me levaram ao encontro de novas figuras. Ouvi relatos emocionados, saudosos, tristes, críticos, humanos. Sem dúvida, a melhor parte do trabalho. As entrevistas me levaram a conhecer uma Escolinha – como era chamado o Instituto – de novas facetas. Com a mesma essência, mas com aspectos diferentes ao longo das suas três décadas.

Com os meses passando, cheguei ao momento de começar a dar corpo ao livro. Era a hora de encarar a tela em branco do computador; não tão poético como a folha de papel, mas que causa a mesma sensação de entrave para as primeiras palavras a serem escritas. Depois dos rascunhos iniciais ainda sem forma, percebi que naturalmente dei o ponta-pé biográfico, levando o leitor à infância de Nildes, e me colocando na encruzilhada de dar conta de toda sua trajetória, mas mantendo o foco na educação e na sua escola. Seria impossível explicar as propostas pedagógicas que levaram para o Instituto Educacional Alencar, sem falar da sua formação e dos caminhos que traçou até a descoberta do magistério. Não poderia contar desta escola, sem mencionar aquela que foi o seu embrião, o Instituto Educacional João XXIII, primeira instituição de ensino fundada pela protagonista deste livro-reportagem. Também não poderia deixar de lado a sua militância católica e posteriormente a política, paralelas e interligadas à militância educacional. Uma história de vida que ajuda a contar os rumos percorridos pela educação em Fortaleza e explica as transformações que somos testemunhas hoje, tanto no sistema público, quanto no privado. Além de encontrar um contexto político de regime militar que deixou marcas profundas para ela e para tantos brasileiros, mas que também foi responsável por uma comunhão de ideais que aglutinaram personagens em

torno da luta pela transformação social, seja nos movimentos políticos, ou nas escolas que fundou, onde enxergavam a educação como um instrumento fundamental de libertação do homem. Ainda sobre esse ponto, tive também o desafio de falar de seu irmão frei Tito de Alencar, não pelo ângulo contado por tantos biógrafos, mas pela perspectiva da família Rodrigues Alencar Lima e principalmente de Nildes, que tanta influência teve em sua vida.

O dia de colocar o último ponto final enfim chegou. Estava pronto o livro-reportagem sobre Nildes Alencar Lima e sua trajetória educacional. A maior tristeza que tive foi ter que deixar de fora tantas histórias dos tantos personagens que fizeram parte do Instituto Educacional de Alencar. Milhares ficarei sem saber, guardadas com pessoas que não conheci. Mas espero que nestas páginas eu tenha conseguido refletir o ambiente da escola e as vivências e aprendizados de alunos, professores, pais, mães e funcionários que muitas vezes se encontram por suas semelhanças.

Por outro lado, espero ter alcançado um objetivo maior, que foi colocar o tema educação em evidência, trazendo o desenrolar das transformações do ensino em Fortaleza e mostrando experiências que nasceram de uma visão crítica sobre o tipo de formação tradicional da década de 60. Esta que se configurou nas empresas educacionais que vemos hoje nas propagandas de televisão e nos *outdoors* pela cidade. A educação sempre irá dizer a respeito de todos. É por ela que temos a capacidade de modificar vidas, pensamentos e sociedades. É por ela que podemos formar cidadãos conscientes, críticos e livres. Com todos esses meses mergulhada em livros e discussões sobre educação, a visão de que o homem não nasce com uma essência ruim me pareceu mais real. O desafio está em quebrar estruturas solidificadas há tantos anos como o preconceito, a intolerância e a ganância, que só poderão ser destruídas com a educação. Mas não a educação que se restrinja à formação cognitiva; a educação que vá além e que alcance a essência do ser humano, preservando-a e nutrindo-a para o bem.





## *Créditos*

---

**Foto de capa e de encerramento**

José Albano

**Foto de abertura dos capítulos**

Analice Diniz

(Revista Entrevista nº 22)

## Primeiro Capítulo

### *O desabrochar para a educação*

#### *1910 - 1955: A formação de Nildes*

**P**ara os onze filhos que um dia teriam Ildefonso Rodrigues Lima e Laura Alencar Lima, a grande e única herança que ficaria era a educação. No começo do século XX, nas Lavras da Mangabeira<sup>1</sup>, ela de família bem conceituada e de pessoas bem letradas, talvez nem soubesse da existência dele, filho de família abastada, dona de muitas terras. Enquanto a menina vivia a sua infância e mocidade na pequena cidade do interior cearense, ele resolveu fugir de casa aos quinze anos e se aventurar pela Amazônia, assim como tantos outros cearenses que foram em busca dos lucros da extração da borracha<sup>2</sup> naquele período. Sabe-se lá o real motivo de sua empreitada, já que dinheiro era o que não lhe faltava. O que diria mais tarde aos filhos é que seus interesses estavam mais para as letras e livros do que para o manejo da terra, preferência que não ganhou nenhum incentivo dos pais. Talvez quisesse apenas sair daquele pequeno mundo que era Lavras e tentar ganhar a vida de outra forma. O fato é que depois de longos anos voltou de lá com os bolsos cheios, o que já lhe garantia um começo de vida tranquilo. Mas na cidade natal ainda lhe aguardava aquilo que lhe coube dos dividendos hereditários: terras.

Foi nesse retorno à casa que conheceu a jovem Laura, que só agora completava os seus dourados e saudáveis quinze anos. Ele não resistiu aos seus encantos e pediu a mão da amada ao seu pretense futuro sogro. Alianças trocadas, Laura e Ildefonso começam assim uma vida a dois nas terras herdadas por ele. Logo se transformaria numa vida a nove, dez e assim por diante. Numa frequência anual, a jovem mãe ia aumentando a sua cria. O problema é que a riqueza de outrora não durou por muito tempo. Sem jeito para a terra, Ildefonso não conseguiu administrar o seu maior bem; e ainda que soubesse, aqueles duros anos de seca<sup>3</sup> que assolaram o sertão cearense na década de 30 acabariam também por desgraçá-lo. Aos poucos foram vendendo tudo o que lhes pertencia, a ponto de não lhes restarem nem as alianças de casamento.

Àquela situação de pobreza se somava a falta de novas perspectivas para os filhos que permanecendo ali não teriam a oportunidade de dar continuidade aos estudos, já que a única escola da região só ia até o quinto ano primário. Ao contrário de seus pais, Ildefonso queria incentivar os herdeiros à educação, pois bem sabia como eram precívalos os bens materiais; e o conhecimento, esse sim, nunca perderiam. Há de concordar a pequena Nildes que a insistência nessa tecla foi um bom empurrão para que tomasse gosto pela coisa. Assim como os irmãos mais velhos e assim como todas as crianças, que na época só entravam na escola aos sete anos, quando estavam na idade de cursar o primeiro ano primário<sup>4</sup>, a sétima filha do casal havia aprendido as primeiras letras

na cartilha de ABC em casa, ao lado da mãe, penando para aprender a fazer a barriga e puxar a perninha da letra b para cima. Ficou por toda a vida guardada a sensação daquela mão segurando a sua para ajudar no movimento. Sorte de Nildes, porque se costumava pensar que os meninos deveriam tentar por conta própria até que conseguissem, o que causava o desespero e sofrimento de muitas crianças que num esforço tremendo e com medo dos castigos, molhavam de lágrimas seus cadernos. No interior, quando não através da mãe, aprendiam a ler e escrever com professoras rurais, que trabalhavam nas grandes fazendas ensinando tanto os filhos do patrão como os filhos dos agricultores. Fora as letras, o resto do aprendizado ficava por conta de pequenas brincadeiras como rabiscar o chão com carvão, fazer bonecos com cascas de melancia, subir nas árvores, nadar nos rios, o que garantia aos pequenos o desenvolvimento motor, psíquico e social.

Mas, voltando a família Rodrigues Alencar Lima, diante da configuração nada positiva em que se encontravam, Ildefonso decidiu levar a filha mais velha, Nadir, para a capital em busca de oportunidades que lhe permitissem lá se afixar com toda a família. Acolhidos pela irmã viúva, Ildefonso conseguiu, através de um de seus sobrinhos, um trabalho numa empresa de ônibus que fazia rotas de viagens de Fortaleza para algumas cidades do interior. Ganharia além do salário, comissões em cima da quantidade de passageiros que partissem em cada viagem. Só que naquele tempo, naturalmente, a procura era bem menor, e no final das contas o dinheiro no fim do mês ainda seria pouco para sustentar mulher e filhos. O bom sobrinho acaba também por arranjar um emprego para a prima como vendedora na loja *Empório das Louças*, no centro da cidade, onde fervilhava o comércio. Agora sim podiam avisar em casa que fizessem as malas e partissem para a capital. Na carta que Laura recebeu havia até os preços dos itens básicos de alimentação e na ponta do lápis todos os gastos que teriam dali para frente. Ildefonso advertiu a mulher que vendesse os últimos pertences e que trouxesse na viagem somente o essencial.

De malas prontas, em janeiro de 1941, Laura parte para Fortaleza com a sua fileira de filhos, outro na barriga e ainda um agregado, Raimundo Nogueira Ramos, mais conhecido como Neguinho. Um jovem que desde criança se integrara à família através da mãe parteira, que havia ajudado a trazer ao mundo todos os filhos do casal. Neguinho por sua vez acabou ajudando a criar as crianças e se apegou tanto à família que quando resolveram partir não quis deixá-los e seguiu viagem também. De gente já basta. De pertences levaram uma mesa redonda de tábua, seis tamboretas, os baús com roupas e objetos pessoais, um santuário, uma máquina de costura *Singer* – relíquia de grande valor –, uma caixa de biscoito *Pilar* com o enxoval do bebê que estava por vir, e uma caixa comprida de gravata com todo o dinheiro que conseguiram vendendo o restante de seus bens. De tanta coisa e gente, quase ocupam um vagão inteiro do trem.

Nildes, com os seus seis anos de idade, estava muito animada. A viagem e aquela agitação de mudança era novidade demais para o seu dia a dia, até o momento, de vida interiorana. Entretida com a paisagem e o caminho que às vezes se estreitava para a passagem do trem, começou uma brincadeira inocente, porém, no mínimo, perigosa. Pendurada na janela, com a caixa de gravata na mão, roçava o objeto nos obstáculos que apareciam no caminho. Uma das irmãs mais velhas, quando percebeu o que a menina fazia deu-lhe um tapa no braço que rebolou a caixa para dentro do vagão. No meio do alvoroço que se formou e dos carões disparados, a menina se deu conta do tamanho do desastre que poderia ter sido o fim desta cena. Sua pele e as economias da família estavam salvas por um triz.

Enfim chegavam a Fortaleza e todos estavam mais uma vez reunidos, agora na nova casa estreita e comprida na rua Rodrigues Júnior, próximo a avenida Dom Manuel, uma das ruas mais

movimentadas da capital. Ali recomeçariam a vida. A primeira providência foi procurar uma escola para matricular os filhos. Foram todos para o Colégio Clóvis Beviláqua, exceto Nildes, que ficou sem vaga. Indicaram à Laura o Externato São Vicente de Paulo na rua 25 de Março, colégio gratuito comandado por irmãs de caridade do colégio da Imaculada Conceição, que funcionava com a ajuda de professoras do Estado. Ali, a menina se viu diante de uma diversidade de crianças de todas as procedências que mais tarde entenderia como uma das experiências sociais mais significativas de sua vida.

Pela boa qualidade do ensino das escolas públicas<sup>5</sup>, era comum encontrar uma quantidade considerável de crianças ricas estudando junto com crianças pobres, proporcionando assim uma grande inclusão do ponto de vista social, cultural e econômico. Ainda lembra Nildes do rico convívio com uma filha de pescador que todo dia lhe chegava com histórias interessantíssimas e com o cheiro forte de peixe exalando das mãos. Havia um momento muito propício para essa troca, as aulas de bordado, quando se sentavam em círculo e, enquanto faziam as lições, cada uma contava algum fato de seus cotidianos tão distintos.

Aquele ambiente foi profundamente importante para a sua formação, até mesmo para perceber que ainda em locais como aquele, onde as classes sociais e as cores de pele se misturavam sem sofrerem distinção por parte das professoras, nem na hora de compartilhar o mesmo minguaço de duas roscas de massa de milho, havia em alguns momentos a clara diferenciação quando se dava preferência para as meninas ricas e bem cuidadas em ocasiões especiais como coroações ou dramatizações. Nildes também passava a perceber, aos poucos, como algumas diferenças aparentes podiam lhe dar outros enquadramentos sociais que não aquele no qual estava inserida. Mesmo tendo plena consciência das difíceis condições de vida da família, era constantemente encarada como filha de gente de posses. Querendo ou não, entendeu mais tarde que a sua pele branca, seus cabelos loiros e seus bonitos olhos azuis, além de sua postura, seus bons modos e o zelo que a mãe e as irmãs mais velhas tinham com os mais novos para que estivessem sempre bem apresentados, a tornavam diferente das crianças que sabia serem tão pobres quanto ela.

O ambiente familiar, com pessoas das mais variadas idades, era o outro braço importante da sua formação, que lhe renderia variadas visões de mundo, confronto de opiniões, experiências de vida e daí por diante. Além do aprendizado com os irmãos mais velhos, em sua maioria irmãs, que a todo tempo estavam atentas ao desenvolvimento dos pequenos, corrigindo-lhes a postura, os modos de falar, o uso da língua, entre outras lições, Nildes se lembra dos ensinamentos diários da mãe, que se utilizava de sua criatividade para oferecer aos filhos o crescimento intelectual aproveitando informações sobre o santo do dia e as fases da lua no calendário do Coração de Jesus fixado na parede, e através dos poemas que tanto gostava de recitar; assim como dos ensinamentos diários do pai, que iam desde a hora do almoço às rodas de conversa na calçada. Mesmo com a pouca escolaridade adquirida na infância, com os estudos somente até o segundo ano primário, sempre foi próprio de seu Ildefonso o gosto pelo conhecimento e não voltava para casa sem trazer o jornal para acompanhar os últimos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Tanto que na sua bagagem de volta do norte, além das muitas lições de vida que trouxe e as economias que fez durante os anos que por lá passou, reservou espaço para vários livros de romance, fundamentais para o encantamento precoce dos filhos pelas letras.

Passados os sete anos de primário<sup>6</sup>, Nildes tem pela frente o exame de seleção do curso ginásial. Só que o ingresso nas melhores escolas públicas era uma tarefa árdua para os jovens. Seu objetivo era entrar para o Instituto de Educação do Ceará<sup>7</sup>, uma das escolas mais disputadas de

Fortaleza, onde havia apenas oitenta vagas. Fazia questão de estudar em escola pública, primeiro porque mesmo que quisesse os pais não poderiam pagar uma escola particular, e segundo porque a qualidade de ensino destas era geralmente tão fraca que eram conhecidas como escolas “pagou, passou”, expressão que soa, ainda hoje, tão familiar.

A fim de testar logo seus conhecimentos, resolvera fazer o exame antes mesmo de cursar o quinto ano, prática comum entre aqueles que viam a possibilidade de pular o ano de revisão e entrar mais cedo para o ginásio, mérito que alcançado enchia a família de orgulho. Mas, a disputa ferrenha deixara Nildes de fora. Quando tentou novamente no final do ano seguinte, depois de concluir oficialmente o primário, o estreito funil rumo ao ginásio a deixou de fora mais uma vez, para sua grande decepção. Com medo de perder mais um ano, pediu para a diretora do Externato que lhe deixasse assistir de novo as aulas do quinto ano. Revendo todo o conteúdo, quem sabe tivesse mais chances de ser aprovada na próxima tentativa. Como as aulas começaram com vagas ociosas, a diretora não viu motivos para recusar o pedido. Nildes passou o ano auxiliando a professora em sala enquanto fazia novamente a revisão de tudo o que tinha aprendido. Em dezembro de 48, fez o teste pela terceira vez e conseguiu finalmente entrar para o ginásio.

Pode-se dizer que Nildes veio ao mundo num momento privilegiado. Se fizesse parte da primeira leva de filhos de Laura e Ildefonso, talvez não tivesse como se dedicar tanto assim aos estudos, insistindo até ser aprovada. Os filhos mais velhos acabaram quase todos se lançando ao mundo do trabalho para garantir o ganha-pão da família e a educação dos mais novos, já que só com a renda obtida pelo pai e pela primogênita, não daria para cobrir as despesas da casa. A sua preocupação podia se resumir aos estudos e às brincadeiras.

E mal sabia a menina que a sua grande vocação profissional estaria numa dessas: a clássica brincadeira de escola, que acabou colocando em prática ainda muito nova ao substituir em sala de aula a irmã Nícia. Ela era a única professora de uma sala multi-seriada com crianças de alfabetização, primeiro, segundo e terceiro ano, todas juntas. As aulas aconteciam dentro da Escola Preparatória de Fortaleza<sup>8</sup>, destinada ao ensino militar, e Nícia ensinava os filhos dos funcionários e dos próprios militares. Apesar da loucura que poderia parecer ensinar alunos de séries diferentes na mesma sala, a irmã conseguia preparar tão bem as crianças, que quando saíam de lá e enfrentavam mais à frente o difícil teste de admissão para cursar o ginásio no Liceu do Ceará<sup>9</sup>, eram aprovadas. Nícia, nas poucas vezes que caiu enferma, pediu à Nildes que a substituísse e lhe deu todas as orientações para que tudo corresse bem. Fora essa experiência, seria de certa forma natural a jovem atentar para a profissão, já que ajudava também na hora da correção das lições e nos caprichos da irmã em fazer capas bonitas com laços de fita nas provas. Além do mais, o contato com as atividades do magistério não era só através de Nícia; outras de suas irmãs também se encaminharam para o ofício. Ainda assim, não havia despertado em Nildes a certeza de se imaginar fazendo o mesmo. Esta veio através das telas de cinema com a história de um professor<sup>10</sup>, já com seus primeiros cabelos brancos, que ensinava numa escola rural. Na sala de aula sobressaía a diversidade de cores, procedências, histórias de vida, personalidades, o que a fez lembrar de sua vivência no Externato. E era com o dia a dia de pequenas transformações, de passos dados na formação de cada um a partir de suas diferenças, que o professor se sentia realizado. Mas a trama lhe colocava um percalço: era leigo. Um dia recebeu a visita do órgão que fiscalizava as escolas e o resto da história fica para o imaginário do leitor, já que isso é tudo o que sei, diretamente das memórias da nossa personagem central. O importante é que aquela história foi como um estalar de dedos que a fez perceber o quão bonito podia ser o trabalho de educar.

Outra fonte de incentivo para nutrir o seu interesse pela educação foi a Igreja com seus

grupos de Ação Católica<sup>11</sup>, mas especificamente a JEC - Juventude Estudantil Católica. Nunca tinha ouvido falar na tal sigla até as aulas de religião de irmã Maria Montenegro<sup>12</sup>, no terceiro ano ginasial, e muito menos dos outros grupos que completavam as vogais: JAC – Juventude Agrária Católica, JIC – Juventude Independente Católica, JOC – Juventude Operária Católica e JUC – Juventude Universitária Católica. A sua admiração pela irmã Maria era tão grande, pela forma que se postava, pela sua inteligência, pelas coisas que falava, que muito a inquietou o convite feito por ela para que as jovens fossem às reuniões da JEC e conhecessem o trabalho de Ação Católica. Convencer dona Laura era fácil. Bastava que lhe dissesse que envolvia a Igreja para ficar sossegada quanto às intenções que poderia haver por trás daquilo. Sonhava até que a filha se encontrasse com Deus num sentido espiritual mais profundo e que decidisse virar freira, mas a vida não reservava a ela esse tipo de devoção ao Senhor. O pai já era mais difícil de convencer, ainda mais porque ela só estaria de volta à casa depois das seis horas da noite e isso era impensável para uma moça. Andando sozinha pelas ruas, atravessando a longa distância de dois quarteirões que separavam a sua casa do local dos encontros, o colégio Imaculada Conceição? O que diriam os vizinhos? Seu Ildefonso e dona Laura tem uma filha perdida, certamente. Só que Nildes não ia desistir das reuniões por causa disso. Todas as quartas-feiras, depois da aula, ia direto do Instituto Justiniano de Serpa para o Imaculada. Quando o relógio marcava que já passava das seis horas, ela voltava num passo apressado, no ritmo das batidas cardíacas, o coração já pulando pela boca, com medo de que o pai ao chegar em casa desse por sua falta e impedisse para sempre a sua ida às reuniões.

Isso nunca aconteceu e Nildes pôde mergulhar na JEC. Conheceu através das militantes um jeito diferente de viver a palavra de Deus. Os grupos de Ação Católica, quebrando o engessamento da Igreja, começaram a propor que fossem atuar junto à sociedade, do lado de fora dos templos, fazendo com que a preocupação com os problemas sociais se voltasse mais para a prática. O lema era ver, julgar e agir. Cada grupo seria responsável pela transformação dos indivíduos em seus meios através dos ensinamentos do evangelho.

Para as jovens, os encontros da JEC tinham um caráter semelhante a uma terapia em grupo. O evangelho era estudado e a partir dali vinham as observações de cada integrante sobre a aplicação daqueles ensinamentos nas suas próprias vidas. Era como um momento de reflexão sobre suas condutas, sobre os problemas que enfrentavam diariamente, levando sempre a uma compreensão de que eram responsáveis pelo meio em que atuavam a partir da bagagem cristã que levavam consigo. Na prática, isso funcionava da seguinte forma. Cada militante de JEC – como eram encaradas pelo compromisso de serem cristãs as vinte e quatro horas do dia – tinha que ter duas colegas em suas escolas pelas quais se responsabilizassem e ajudassem sob qualquer aspecto, desde problemas com os estudos até problemas pessoais, sendo também incentivadas a integrar à Ação Católica. O trabalho, apesar de fortemente religioso, tinha toda uma inclinação política, mesmo que as jovens militantes talvez nem percebessem essa dimensão. O contato com a difícil realidade de algumas companheiras de classes muito pobres, que moravam nos bairros mais afastados e que tinham que enfrentar a pé as longas distâncias que as separavam dos bairros mais nobres da cidade, onde estudavam, dava às meninas de classe média a real noção de mundo, das desigualdades que as cercavam. Como atuavam no meio estudantil, a educação, dentro das reuniões do grupo, era sempre abordada como um grande instrumento de transformação do indivíduo, que poderia possibilitar, mais à frente, a transformação social, fazendo com que suas militantes mais velhas em sua maioria seguissem os rumos do magistério pelo valor que haviam aprendido sobre o ato de educar. Nessa linha, dentro dos Cursos Normais<sup>13</sup>, as militantes de JEC promoviam clubes de leitura, debates sobre filmes, palestras sobre assuntos que dissessem respeito ao meio

em que viviam, todos os recursos que pudessem também elevar os conhecimentos das colegas mais humildes. Essa experiência foi uma verdadeira escola de formação para Nildes e suas companheiras de Ação Católica que se prolongou por muitos anos.

Na quarta série ginásial, já com seus dezoito anos, passou a dar aulas em casa para os meninos da vizinhança, a pedido de suas mães, e ganhava um pouquinho de nada, suficiente para a menina pobre comprar algumas coisas para si, como um vidro de esmalte para satisfazer um pouco a vaidade da adolescência. Um belo dia, uma moça que trabalhava como empregada doméstica na mesma rua, revelou-lhe que gostaria muito de aprender a ler e a escrever e Nildes passou a ensiná-la, no período da noite, sem cobrar nada. Fez o mesmo com um senhor que trabalhava como policial civil e que desejava continuar os estudos para fazer o teste de seleção do Liceu. Depois de todo aquele ano de estudos, fez o exame e foi admitido. Foi o que faltava para ela se convencer de que tinha mesmo jeito para a coisa.

Firmado o seu interesse pelo magistério, Nildes teria que se preparar para o seu segundo maior desafio: passar no teste de admissão ao Curso Normal. Naquele mesmo ano, ela e as primas formaram um grupo de estudos a fim de se prepararem para a prova do Instituto de Educação, onde haviam cursado todo o ginásial. Uma delas era filha da tia que acolhera Ildefonso e Nadir quando chegaram à Fortaleza. A menina estava com um peso enorme nos ombros porque a mãe, viúva, não tinha dinheiro para colocá-la numa escola particular e teria que passar de qualquer jeito no exame do Instituto Justiniano de Serpa, única escola pública que oferecia o Curso Normal. No dia do teste, a prima, à beira de um ataque de nervos, senta-se atrás de Nildes, que muito preocupada acaba ficando tão nervosa quanto. O resultado foi que a prima passou, mas Nildes não. Era ela agora que estava desesperada. Sua família também não tinha dinheiro para pagar o curso numa escola particular e o que Nildes queria era voltar para o colégio onde havia estudado os quatro anos anteriores. Chorou como nunca e teve o reconforto do pai ao ouvir as suas palavras de que o mundo não havia acabado e de que todos eram testemunhas do seu esforço. Aquela dose de estímulo foi fundamental.

Vendo o sofrimento de Nildes, uma de suas irmãs mais velhas decidiu que pagaria o curso no Instituto Lourenço Filho<sup>14</sup> para que não ficasse um ano todo sem estudar. Foi muito bem aprovada e ficou ali todo o primeiro semestre, mas se entristecia profundamente quando passava na frente do Instituto e via as meninas, que deveriam ser suas colegas, com o uniforme que queria estar vestindo, no alto da escadaria da sua antiga escola. Um belo dia, uma prima que ali trabalhava como secretária avisou que uma das alunas aprovadas naquele ano tinha sido transferida para São Paulo e que sua vaga estava livre. A transferência era possível, para a felicidade de Nildes que pôde retornar à escola no semestre seguinte.

No entanto, as condições em que entrou para o curso foram bem desfavoráveis ao seu acolhimento. Acabou sendo bastante rejeitada por algumas colegas que achavam por demais injusto que tivesse sido aceita sem ter passado pelo teste tão difícil pelo qual todas haviam tido que passar. Nildes viu então que teria que provar o quanto merecia estar ali dando tudo de si aos estudos. No entanto, pouco tempo foi preciso para que esquecessem a rejeição e ela logo estava muito bem integrada. Até a sua extrema dedicação era deixada de lado certas vezes em que ajudava a mobilizar toda a classe em greves para impedir que houvesse provas ou simplesmente para irem ao cinema. Uma das práticas curiosas e populares que as alunas faziam para que não tivessem aula, era amarrar a ponta da saia com um nó, o que, na imaginação delas, representava uma “alma presa”. Esta só era liberada se a professora não aparecesse. Em dia de prova todas com seus nós



devidamente dados no pé das saias.

Passaram-se os três anos do Curso Normal e lá estava Nildes diplomada, pronta para colocar em prática toda a sua vontade de iniciante. Na época, ter uma professora na família era motivo de profundo orgulho, apesar do baixo salário, nem um pouco estimulante, como bem sabiam as outras irmãs professoras. Preocupada com o futuro de Nildes, uma delas lhe botou na cabeça que deveria fazer concursos antes que terminasse os dias em sala de aula. Não deu certo. Talvez por força do destino ou pela própria força de seu inconsciente de querer acabar mesmo os dias sendo professora. Bateu o pé no chão e protestou para que não interferisse. Ela queria mesmo era ensinar. Feito!

## 1956 - 1963 : Os primeiros passos como professora

**N**ildes pensou que agora poderia ir para as escolas públicas, assim como o professor do filme, e dessa forma retribuir a educação que recebeu por todos aqueles anos. Contudo, a gratidão não era suficiente. Só conseguia uma vaga para ser professora do Estado – o que era chamado de cadeira – quem a herdasse, quem tivesse amizades políticas para ser indicado a ocupá-la, ou quem tivesse dinheiro para comprá-la num leilão. Isso porque não havia concursos. Como ninguém de sua família tinha cadeira sobrando, nem ligação com políticos, e muito menos dinheiro, teve que deixar de lado a ideia. Antes, para não dizer que desistiu assim tão facilmente, foi atrás de alguma que estivesse sendo leiloada. Infelizmente, nada de cadeiras disponíveis.

Já que o ensino público estava fora de seu alcance, o jeito foi seguir outros rumos. Soube por uma amiga que ensinava no Christus que havia uma vaga no colégio para a classe de alfabetização no turno da tarde. Era fevereiro de 1956 e o período letivo já começara há algumas semanas. Nildes apareceu no dia seguinte com a cara e a coragem e a resposta na ponta da língua, quando a coordenadora Luiza Teodoro<sup>15</sup> lhe perguntou na entrevista por que queria o trabalho: “Meu sonho é ser professora e eu me preparei para isso!”, disse. Luiza pediu-lhe então que viesse no outro dia para algumas orientações. Nem imaginava essa facilidade toda. Assim de primeira, só abrindo o peito e falando que era isso que queria e pronto? Só que a dificuldade estava por vir: enfrentar a turma de alfabetização que acabava de ser colocada sob sua responsabilidade. E, diga-se, tamanha responsabilidade. Uma turma de vinte e oito pimpolhos de seis anos que deveriam todos, ao final do ano, estar lendo muito bem, sim senhora!

No dia seguinte, a professora responsável pela turma lhe passou cuidadosamente as informações sobre os meninos, lhe entregou os cadernos, lhe mostrou guardado nos armários o material que usava em sala, e disse que estava partindo de coração partido e que não queria deixar as crianças nas mãos de qualquer pessoa. Aquele desabafo lhe soou um pouco mal aos ouvidos. Parecia que acabara de lhe dizer que seria incapaz de ter a mesma desenvoltura e competência que teve para cuidar daquela turma.

Chegou ao colégio para o seu primeiro dia de aula. Agora era para valer. Entrou, sentou-se num banquinho, viu os meninos correndo no pátio e os professores passando pelo corredor onde estava. Quando o sino tocou, uma servente se achegou e perguntou se era novata. Diante do balançar positivo de cabeça, mostrou-lhe a sala onde ficavam as professoras. Entrou na esperança de que alguém a recepcionasse, e lá, tudo o que fizeram foi lhe informar onde ficava a sua sala de aula, que na verdade já sabia onde era. Nada mais. Superava a parte de não ter ninguém para recepcioná-la, mas nem ao menos uma viva alma que lhe apresentasse a turma? Era demais. De repente se viu diante de vinte e oito crianças e começou a imaginar o que deveria estar passando pelas suas pequenas cabeças vendo aquela figura desconhecida. Pelo primeiro impacto percebeu que teria alguns problemas. A turma já se acostumara à antiga professora, o que tornava a sua missão de conquistá-los um tanto quanto difícil. Não lhe aceitaram. Tinha início naquele instante o seu martírio.

A jovem professora, recém-saída do curso preparatório, ia enfrentar o seu primeiro grande desafio e começava a sentir na pele como o Curso Normal tinha seus defeitos. Apesar da boa bagagem adquirida com algumas disciplinas como antropologia, biologia, português e com as

aulas de anatomia e higiene, o conteúdo direcionado ao trabalho específico do magistério passava muito, mas muito batido. Uma professora diplomada sem conhecimentos de psicologia infantil e metodologias de ensino, e sem nenhuma experiência profissional significativa durante o curso – já que a única forma de estágio pelo qual passavam era a observação de aulas do primário, e quando muito, davam elas mesmas uma única aula em grupo –, era uma professora em apuros.

O seu cotidiano em sala se configurava numa completa bagunça. Nildes não conseguia fazer com que as crianças prestassem atenção nas lições que passava na lousa, não conseguia chamar a atenção dos meninos para as atividades que organizava, não sabia nem sequer organizar um plano de aula. A sua inexperiência saltava a seus próprios olhos ao ver as colegas com seus alunos todos enfileirados voltando do recreio para aula, em contraste com a sua turma em que era preciso catar um por um para que entrassem na sala. Nas aulas, o método mais eficiente e único que conseguiu aplicar foi a passagem de carteira em carteira passando a lição com cada criança. Enquanto refazia o exercício de leitura com um, uma menina se pendurava na sua saia e o resto da sala era uma balbúrdia completa.

Num desses momentos frequentes de desorganização na sua turma, uma das coordenadoras, ouvindo a zoadá de longe, entrou e perguntou: “Nessa classe não tem uma professora?”. No meio das crianças uma mão se levanta e uma voz fina por trás responde: “Sim!”, e a coordenadora sai sem dizer uma palavra. Como ficou arrasada a pobre Nildes! Estava mais do que consciente de que não estava dando conta do recado. Quando chegava em casa estava acabada, rouca, completamente desestimulada e desacreditada. No domingo à tarde já começava a sentir a angústia da segunda-feira que se aproximava, motivo pelo qual ainda hoje não gosta do entardecer dominical. Vendo aquela imensa agonia no semblante da filha, seu Ildefonso entra de novo em ação e lhe dirige uma reflexão: “Minha filha, a gente trabalha é pra viver!”. Entenda-se viver no sentido digno e prazeroso. Se achava que não tinha condições, então que não fosse mais. Mas para ela aquilo não fazia sentido algum. Tinha passado tanto tempo para chegar a ser professora e justo agora iria desistir?

Continuou então na sua luta diária, até que, no auge do seu desgaste físico e mental, a reflexão do pai começou a fazer sentido na sua cabeça. Decidiu: “Antes que me ponham pra fora vou pedir demissão”. Felizmente, numa reunião para avaliar o seu desempenho, o diretor Roberto de Carvalho Rocha chegou à conclusão de que não haviam dado o suporte necessário para a jovem professora inexperiente. Conseguiram, assim, evitar que a carreira de Nildes estivesse fadada ao fim antes mesmo de começar, se assim podemos dizer.

Os meses passaram e já era setembro, quando precisaram da sala de aula que ocupava para outros fins. Foram transferidos para uma sala de outro bloco, apertadíssima, com uma grande janela e com carteiras duplas que se colavam umas às outras por causa do pequeno espaço existente. Quando se sentavam, as crianças ficavam presas, sem chances de sair facilmente. Olhando aquela cena Nildes se viu diante da solução de setenta por cento de seus problemas. Nem acreditou que o acaso tinha lhe ajudado a dar um basta na confusão que se formava nas suas aulas. Por mais que ainda fosse difícil prender a atenção das crianças, estava muito mais feliz ali, onde pelo menos a grande força que lhes tirava da cadeira e os fazia subir em cima das mesas estava controlada. Um belo dia, o diretor espia a sala e vê o sol batendo nas carteiras. Soltou uma interjeição e disse que não tinha condições dos meninos assistirem à aula daquele jeito. Com o coração na mão, já visualizando de novo o cenário de caos dos últimos meses, Nildes interveio no meio do protesto e pediu por tudo no mundo que a deixassem ali. Continuou na sala apertada.

Aos poucos ela foi fazendo descobertas interessantes e importantes para o seu desabrochar como professora. Para a sua consciência de iniciante, que levava os ensinamentos de não desrespeitar as crianças profundamente a sério, era proibido passar carões. Quando certa vez viu uma colega agarrando o braço de um menino e impondo rispidez a sua moral, Nildes ficou tão surpresa que acabou inconscientemente libertando a sua ira. O alvo foi um desses meninos rebeldes que parecem ser fabricados em larga escala e colocados um em cada turma de todas as escolas possíveis e imagináveis. Era forte, tinha os cabelos arrepiados, sardas e os bolsos cheio de capsulinhas, ou mais conhecidas como bolas de gude. Quando ouvia seus assobios, Nildes já sabia que estava chegando; e quando não aparecia, suspirava aliviada. Só podia ser o cão em forma de menino, pensava. Um de seus passatempos preferidos era importunar os coleguinhos tentando furá-los com a ponta da lapiseira. Numa dessas o grafite entrou na mão de Nildes que chegara a tempo de impedir que o menino acertasse seus alvos principais. Minutos depois, lá estava o pequeno rebelde novamente investindo contra os colegas agora com uma régua. Nildes segurou o instrumento de tortura e, aproveitando para praticar ensinamentos didáticos, lhe explicou para que servia o objeto. Depois da parte teórica não titubeou e quebrou a régua em vários pedaços. Treco, treco, treco! A atitude da professora foi um escândalo espalhado pelos quatro cantos da escola. Acabou se dando conta de que teria que aprender também a lidar com a rigidez e os carões.

Passado o episódio desastroso, Nildes teve a sua primeira recompensa. Depois de tanto insistir no método de passagem de carteira em carteira, e logo em seguida com a sua vida facilitada pela prisão não-intencional das crianças nas suas cadeiras, conseguiu aquilo que já estava completamente descrente que fosse acontecer: ouviu uma menina balbuciar as primeiras letras por conta própria. Até aquele momento os seus dias eram sinônimo de tortura enquanto estava em sala de aula, mas naquele instante em que viu a primeira criança lendo, o episódio resgatou sua alma de professora. Para completar a motivação, viu no caderno de um de seus alunos um bilhete que dizia: “Professora, muito obrigada. Meu filho está lendo.” Leu e releu quantas vezes pôde numa explosão de felicidade. Talvez nem imagine esta mãe o quão importante foi o seu bilhete para o futuro de Nildes como educadora. No final do ano todos estavam lendo. Essa missão conseguiu cumprir; já a disciplina, essa passou bem longe daquela turma.

Apesar de ter conseguido alfabetizá-los, achou que os trancos e barrancos próprios da sua inexperiência jamais passariam em branco. Já se imaginava fora dali no ano seguinte. Contudo, para a sua surpresa, é convidada a ficar e com uma turma maior do que aquela. O que poderia fazer? A fase de pensar em desistir tinha ficado para trás. Era a hora de enfrentar outro desafio. Pediu só que não lhe botassem mais nas salas grandes, por tudo que era mais sagrado!

Seu primeiro ano naquela escola foi de extrema importância para comprovar que uma professora só se fazia de fato a partir da experiência. Ao lado das colegas que ensinavam nas outras turmas de alfabetização no mesmo turno, começou um trabalho de organização coletiva dos planos de aulas e atividades que fariam ao longo de cada semana. A troca lhe caiu como um novo curso preparatório, fazendo com que conseguisse, pouco a pouco, pegar manha e aprendesse a lidar com a turma. Compartilhavam tudo o que podiam, desde a recepção dos meninos e os macetes para que aprendessem a ter disciplina, até as técnicas e trabalhos que poderiam ser colocados em prática nas aulas. Nem parecia mais a mesma inexperiente Nildes de um ano atrás. Sentia até os primeiros sinais de quem estava realmente começando a ter mais segurança no trabalho, quando surgia no rosto um sorriso de satisfação ao conseguir que ficassem atentos às lições com seus tra-seiros devidamente colados nas cadeiras. Seu coração lhe dizia que tinha tomado a decisão certa

ao insistir na profissão. O gosto pela arte de educar se firmava cada vez mais, com cada novo desafio e aprendizado em sala.

Agora que conseguira domar a turma, Nildes ficava muito mais tranquila com as frequentes visitas do diretor Roberto. Numa dessas, querendo fazer um apanhado das reformas estruturais que a escola precisava providenciar, o diretor olhou a lousa e ficou se perguntando, depois de observar o mesmo fenômeno nas outras duas salas de alfabetização, que avião havia passado metralhando os quadros negros. Mas ora essa! Será que ele desconhecia o método eficaz aplicado pelas alfabetizadoras para ensinar as crianças a ler? Pois bem. Resumindo o método: para que acompanhassem a leitura, a professora aplicava uma tacada com a régua em cima de cada sílaba escrita no quadro, ao mesmo tempo em que lia em voz alta. Movimento repetido por vezes e vezes sem fim, até que se fizesse efeito na cabeça dos meninos e na voz das professoras. Na parte de escrita as técnicas mecânicas também tinham espaço: copiar as palavras, separar sílabas, formar frases, completar frases, escrever o alfabeto de frente pra trás, de trás pra frente... Nesta última lição então, o método decoreba tinha eficácia comprovada, pois dali em diante a criança nunca mais esqueceria o alfabeto, e quando estivesse nas séries mais à frente bastaria acionar o botão de memória para que as vinte e três letras saíssem corridas formando quase que uma grande e única palavra.

Vieram mais duas turmas de alfabetização e Nildes passou para o turno da manhã. Preciavam dela em casa e o trabalho à tarde não encaixava muito bem nas suas atividades extras. Só que pela manhã não pôde mais ficar com turmas de alfabetização, teria que ensinar o primeiro ano primário. Apesar da preferência pela alfabetização sabia que a primeira série também seria boa, porque daria continuidade ao ensino da leitura e da escrita. Com a mudança de turno, pensando em como a prática de trabalho em grupo com as professoras tinha-lhe sido muito útil nos seus primeiros anos, resolveu sugerir às novas companheiras que fizessem o mesmo. Depois da reunião geral que acontecia aos sábados com o diretor e toda a equipe de professoras e coordenadoras do colégio, poderiam pedir para ficar mais um tempo e dessa forma planejar os trabalhos para suas turmas de primeiro ano. Baseando-se nelas, outras professoras começaram a adotar o estudo em grupo e a ideia em pouco tempo virou prática.

Engraçado perceber que, naquela época, em muitas escolas de Fortaleza o magistério ainda se exercia praticamente nos velhos métodos repassados de professora para professora e, quando muito, na tentativa de novas práticas que se mantinham no nível tradicional. Nildes, até então, nunca tinha folheado um livro de teorias e também não via muita importância neles, já que para ela fazia mais sentido pensar que o que importava, como professora, era somente a prática. Como entenderia sobre a importância das teorias se depois de três anos no Curso Normal se diplomara sem aprender nem uma teoria sequer? A única coisa tirada de livro que aplicou em sala foi uma orientação encontrada na cartilha *Pedrinho*, de Lourenço Filho, adotada nas suas turmas de primeiro ano primário. Enquanto folheava o livro, viu na última página uma pequena carta às professoras com algumas orientações e dicas de como trabalhar em sala. Aquilo caiu como uma mão na roda e Nildes passou a seguir todos os passos.

No mesmo período, a Secretaria de Educação do Estado estava fazendo um levantamento nas escolas para saber quais os métodos de ensino utilizados pelas professoras primárias, com o intuito de produzir uma espécie de currículo que pudesse ajudar as muitas professoras sem nenhu-

ma instrução que havia no Estado. Quando a equipe da secretaria passou na sua sala, quiseram saber de onde havia saído aquela estrutura de aula tão bem preparada. Também lhe deram sugestões e apontaram pequenas falhas às quais Nildes deveria atentar. Ela, por sua vez, quis saber de onde mais conseguiria tirar orientações fora as já utilizadas da cartilha do *Pedrinho*. Disseram então que fosse à secretaria pois lá havia um material que poderia ajudá-la. Mais uma fonte de estudos para o grupo de colegas aprimorar seus métodos de ensino.

Essa movimentação de grupos entre as professoras levada em frente com a ajuda de Nildes, mais tarde renderia a ela algum reconhecimento. O seu empenho e dedicação e o seu próprio desenvolvimento vinha, cada vez mais, chamando a atenção do diretor. Um dia lhe fez um convite para participar de um curso intensivo de treinamento pedagógico em Belo Horizonte, o PABAE – Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar<sup>16</sup>, voltado principalmente para a formação de supervisores. É lógico que se imaginar num curso desses lhe fez saltar os olhos, mas eles podiam voltar ao lugar porque não tinha como bancar a sua ida e estadia durante os oito meses do curso. Indicou uma de suas colegas de grupo, Terezinha de Jesus Mesquita, para ir no seu lugar. Quando esta voltou, repassou às companheiras todo o conteúdo que coube nas reuniões de sábado durante seis meses. Orientações sobre organização curricular, planejamento pedagógico, atendimento aos pais, conhecimentos sobre psicologia e novas metodologias de ensino, como o método global<sup>17</sup>, deram ao grupo de professoras novas visões pedagógicas e o primeiro contato com as teorias.

Em 61, Nildes e Terezinha, com a bagagem dos ensinamentos do curso do PABAE, com o domínio que haviam apresentado a partir do trabalho de orientação junto às demais professoras e tendo saído do colégio o antigo grupo que era encarregado de toda a supervisão, foram oficialmente chamadas para serem coordenadoras do primeiro ano primário, cada uma em um turno. A primeira decisão de Nildes foi que, enquanto ocupasse aquela função, daria atenção especial a toda e qualquer professora iniciante. Se dependesse dela nenhuma começaria sem orientação. As novatas agradeciam.

Depois de sete anos de vivências e aprendizados diários ali dentro, e com o seu perceptível amadurecimento, naturalmente Nildes começou a ter sobre a escola um olhar mais crítico. Percebeu que algumas coisas poderiam funcionar melhor em outras condições de trabalho, o que lhe renderia experiências, no mínimo, interessantes. Essas ideias causaram nela uma necessidade e vontade de partir para um trabalho onde tivesse autonomia para projetá-las. Sabia e reconhecia plenamente todo o apoio e liberdade que o diretor Roberto dava às professoras, mostrando o quanto confiava na sua equipe. Contudo, a aplicação de novas ideias e propostas de trabalho que ia formulando na mente tinha um limite: a filosofia da escola. Aquele espaço não lhe pertencia. Precisava guardar os projetos que lhe tomavam os pensamentos para, quem sabe, um dia quando tivesse condições de montar sua própria escola. Projeto que naquele momento, para a realidade financeira de Nildes, estava completamente fora de cogitação. Como poderia ela, com o seu reduzido salário de professora primária, montar uma escola? Deve ter se lembrado da decepção em não poder se tornar professora do Estado. Mais uma vez a falta de dinheiro fazia com que o sonho lhe batesse com a porta na cara.

No final de 1962, conversando com a irmã Neuza sobre o trabalho no Christus, Nildes confessou que adoraria ter uma escola onde tivesse liberdade para trabalhar do seu jeito. A irmã

ouvindo aquilo se lembrou de um terreno que ela e o marido tinham na Antônio Sales com Idelfonso Albano, e disse que daria para construir algumas salas ali. A ideia inicial de Nildes, se tivesse dinheiro para isso, era alugar uma casa e montar uma pequena escola, mas, com a proposta da irmã e do cunhado, decidiram ir ao terreno para visualizar melhor o espaço que ela teria. Era espaço suficiente não só para algumas, mas para inúmeras salas. A irmã refez a proposta: “Mulher, se quiseres a gente vai montando a escola aos poucos. É bom que deixas de ter patrão!”. Desconsiderando a última observação, já que aquela não era exatamente a questão, de fato, a proposta era boa. Teria tempo para pensar e organizar a escola, sem pressa. Nildes e o cunhado firmaram então a sociedade. Ele entraria com a parte administrativa e financeira, utilizando o seu terreno para construir a escola, e Nildes com a formulação do projeto pedagógico e a direção.

Quando veio o início do período letivo de 1963, foi ao gabinete do diretor do Christus e lhe contou de seus planos. Falou da sociedade e explicou que a escola seria montada devagar ao longo de todo o ano, e que a partir de dezembro já não estaria mais trabalhando ali. Garantiu a Roberto que indicaria alguém para ocupar o seu lugar, mas a preocupação do diretor era outra. O que pensava no momento é que estava perdendo uma grande professora e a quem reservava os planos de que assumisse a coordenação de todas as salas do primário. Encheu-se de orgulho com aquela notícia, o maior dos reconhecimentos que já tinha recebido durante aqueles anos de trabalho. Porém, estava decidida. Só restava a ele lhe desejar toda a sorte, e mesmo que a sociedade firmada desse errado, tinha certeza de que Nildes teria muito sucesso nas suas experiências educacionais futuras. Ela, por sua vez, teve que contar que levaria Mercedes Vieira e Marli Ribeiro para ajudá-la a dirigir a escola, ambas professoras do primeiro ano primário. Aquelas companheiras de trabalho que compartilhavam de ideais semelhantes aos seus na educação, o que pode ser explicado pela militância de Ação Católica que tinham em comum, de onde tirariam muitos princípios para a base do projeto. Ainda mais jovens que Nildes, mas estimuladas ao máximo pela profissão e querendo expandir as experiências, não pensaram duas vezes. Também queriam algo diferente. Marli, como trabalhava somente um turno, permaneceu no Christus. As três reservaram para si os planos para não prejudicar a escola. Roberto estava tranquilo quanto a isso e se mostrou de braços abertos, caso, elas, já não estando mais na escola, precisassem voltar algum dia.

Quando chegou setembro, o cunhado pediu que apressassem as definições sobre a nova escola porque precisava registrá-la a tempo de abrir no ano seguinte. Queria saber se já tinham ao menos escolhido o nome que dariam, mas ninguém haviam atentado para esse detalhe. Preocupada, Nildes se perguntou por que não sonhava com um nome. Era tão fácil nas histórias contadas na bíblia. Por que também não recebia uma mensagem dos céus? Naquela noite foi a Roma e viu o papa João XXIII<sup>18</sup> todo de branco descer uma grande escadaria até o seu encontro e pedir para que beijasse o seu anel. Acordou desanimada mais uma vez por não ter tido um sonho que lhe indicasse um nome para a escola. A mãe quando soube o que a filha havia sonhado, disse sem titubear. “Minha filha, não tá vendo que é pra tu colocar o nome da escola de João XXIII?”. Como pôde não chegar àquela conclusão? Era óbvio! E o melhor de tudo é que gostava muito do papa, da sua postura de pai e das propostas de renovação da Igreja Católica que motivaram a convocação do Concílio Vaticano II. Mesmo com as chacotas na família de que a escola ficaria conhecida como João “quase-quase”, já tinham decidido. Seria João XXIII mesmo e acabou-se a história. Bom, teria acabado se ao chegarem ao cartório não tivessem descoberto que já existia outro colégio com o

mesmo nome. A solução seria acrescentar algo que o diferenciasse e o problema estaria resolvido. Por fim a escola foi batizada Instituto Educacional João XXIII, e agora sim, fim de papo.

Conseguiram mais professoras para complementar a equipe: amigas de JEC e uma entre elas também do Christus, que ficou por um tempo nas duas escolas. Estava quase tudo pronto. O próximo passo era divulgar. Fizeram uns pequenos panfletos e saíram distribuindo nos pontos de ônibus por toda a redondeza da escola, dizendo que em novembro estariam abrindo as matrículas. Tiveram uma boa aceitação conseguindo formar as turmas de jardim da infância de quatro e de cinco anos, de alfabetização e de primeiro ano primário.

Já quase concluídas as obras, o que mais chamava a atenção no novo colégio era a sua estrutura moderna de blocos de salas de aula interligados por corredores. Até então a maioria das escolas se fixavam em casas, adaptando a estrutura que tinham. A inspiração veio da nova sede do colégio Santa Cecília, que havia deixado a casa onde funcionava no bairro do Benfica e acabara de se mudar para a Aldeota.

No quesito pedagógico, tanto na parte filosófica quanto na conteudística, o trio tinha decidido que se basearia no currículo organizado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Aquele que estava sendo preparado quando o Christus recebeu a visita de técnicas para pesquisar como estava o ensino primário nas escolas. *O Livro da Professora*, lançado em janeiro de 1964, funcionava como um guia de trabalho e o seu conteúdo estimulava e orientava as professoras primárias a formar cidadãos melhores, o que casava muito bem com a proposta de educação que queriam implantar na nova escola. Na apresentação do livro se diz:

*“Que não tem pretensões de ser perfeito. Mas que pretende estabelecer, na escola primária do Ceará, a única forma de entendimento e de promoção do Homem num processo educativo: o Diálogo. Diálogo entre aluno e professor. Entre professor e diretor. Entre escola e comunidade, pais e mestres. Entre educadores e Secretaria de Educação. Uma metodologia em que a criança participe do trabalho de educação. Onde, desde os anos mais jovens, já se lhe dê oportunidade de ver, de julgar, de agir. Pois não há educação de fora para dentro, e, sim, auto-educação. Pois nada se aprende por imposição, e, sim, por uma auto-aprendizagem. Mas tudo isso só é possível, sistematicamente, pela tua presença, professôra, pela tua orientação, pela tua sabedoria na escolha de caminhos; pela tua vigilante ternura, pela tua contagiante autenticidade. Há um mundo por nascer, nesta hora a que pertencemos. Um mundo que será de homens livres, livres de ignorância, livres da fome, livres do medo, livres do egoísmo esterilizante, sujeitos de seu próprio destino e de sua própria História.” (sic)*

É muito provável que o livro tenha sido um dos primeiros a levar em consideração as características próprias do nosso Estado, o que englobava a cultura, a economia, a política e a estrutura social. No currículo se propunham atividades ao final de cada área de estudo para que a criança tivesse noção, desde cedo, do contexto em que estava inserida e do seu papel na sociedade.

Mesmo com seu rico conteúdo, o livro parece não ter sido compreendido pelas professoras daquela geração, que não se viram estimuladas a utilizá-lo. Por tamanha infelicidade e para completar o fracasso do programa, os rumos da história iriam levar, no mesmo ano, à instauração da ditadura militar<sup>19</sup>. *O Livro da Professora* e os três livros complementares destinados aos alunos de primeiro, segundo e terceiro ano primário foram cuidadosamente analisados. Descobriram ali “intenções comunistas perigosas” fazendo com que fossem recolhidos, empilhados e proibidos.



Vale ressaltar que as mais severas críticas vieram do grupo americano que organizou o PABAAE. Naturalmente, a proposta pedagógica contida no programa fugia do tipo de linha educacional pretendido pelos EUA para implantar no Brasil. A proibição foi gradual<sup>20</sup>, mas conseguiram em poucos anos cortar pela raiz o plano que poderia ter mudado a forma de se fazer educação em muitas escolas em todo o Estado. Já que não havia nenhum tipo de proibição para trabalhar com o programa nas escolas particulares, Nildes foi até a Secretaria de Educação e levou para o João XXIII uma pilha desses livros. Pelo menos na sua escola estaria salvando a proposta do Estado e construindo algo diferente no ensino particular da cidade.

## 1964 - 1967: Trilhando sua ideologia

Numa manhã de fevereiro de 1964, a vizinhança ao redor do novo prédio na avenida Antônio Sales com Ildefonso Albano acordou com o barulho de crianças e da movimentação ansiosa de pais e professoras que curtiam o primeiro dia de aula do Instituto Educacional João XXIII. Ainda mais alegres e com a ansiedade à flor da pele deveriam estar Marli, Mercedes e Nildes. Tinham conseguido dar o primeiro grande passo. Dali em diante suas atenções estariam voltadas para trabalhar as novas experiências educacionais que saíam da mente e do papel para serem colocadas em prática.

Com o passar dos anos, o aprimoramento das ideias conjuntas daquela equipe de educadoras acabou fazendo com que o João XXIII representasse uma modificação no âmbito educacional existente até o momento na cidade, principalmente pelo seu projeto pedagógico diferenciado – já que *O Livro da Professora* havia se perdido –, pela sua filosofia educacional, que propunha um novo olhar às crianças, interligados à execução metodológica de atividades como o trabalho em grupo e de aplicações diferenciadas do ensino religioso.

Mesmo com suas propostas inovadoras, o João XXIII acabou ganhando visibilidade por um aspecto que colocava a sua proposta próxima a de muitas outras escolas: a utilização do método global de alfabetização, que tinha virado uma grande febre. A equipe de Nildes explorou o método por influência do curso do PABAE, repassado por Terezinha no período em que trabalharam no Christus, e que logo nos primeiros anos de funcionamento do João XXIII, Nildes e Mercedes também tiveram a oportunidade de fazer quando o curso foi oferecido em Fortaleza pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, o INEP, sem mais a assistência americana. O que diferenciou o trabalho no João XXIII é que, ao contrário da maioria das escolas, a sua equipe conseguiu aplicar o método com sucesso, talvez pela absorção maior de sua essência em conjunto com sua proposta diferenciada, já que o curso do PABAE por si só não tinha conseguido oferecer um bom preparo para grande parte das professoras, que tiveram sérios problemas ao colocá-lo em prática, comprometendo a alfabetização de milhares de crianças no Estado. Isso pode ser explicado pelo seu caráter tecnicista, que se tratando de um método voltado à educação, ou encontrará dificuldades para ser utilizado, ou es tará limitando suas possibilidades pedagógicas. Sobre isso é importante que se diga que o PABAE tinha uma perspectiva de educação voltada para atender anseios desenvolvimentistas, sendo este apenas um dos mecanismos de atuação dos Estados Unidos na orientação que pretendiam traçar para os países subdesenvolvidos da América Latina.

Voltando aos diferenciais do João XXIII, com relação à nova percepção sobre as crianças, o livro de Alexander Sutherland Neill<sup>21</sup>, *Liberdade sem medo*, que conta a história da escola de Summerhill na Inglaterra, trouxe para as professoras ensinamentos que foram aproveitados para aprofundar o trabalho que em essência *O Livro da Professora* apontava, como a compreensão de que o aluno deve ser entendido como agente de sua educação e a importância do diálogo para o desenvolvimento de pessoas mais seguras e críticas. Ou como diria Neil, livres.

Na verdade, Summerhill – que ainda hoje existe – vai muito mais a fundo nesses pontos e muito mais além em propostas pedagógicas, realizando uma experiência completamente fora de padrões, em que o âmago de sua educação está na liberdade do aluno, até mesmo para decidir se quer ou não estar em sala de aula. Contudo, a liberdade que se tem na escola é aquela em que o

limite está onde não haja interferência na liberdade do outro, o que é refletido e julgado coletivamente, por todos os membros da escola. Educa-se para formar adultos maduros, justos e felizes, sem que seja pré-definido a trajetória que a criança deva tomar, não importando se será um catador de lixo, ou tampouco um político. O pensamento está melhor definido nas próprias palavras de seu fundador: “...preferia antes ver a escola produzir um varredor de ruas feliz do que um primeiro-ministro neurótico.”

A aplicação do ensino religioso, por sua vez, tem origem na participação de quase toda a equipe de professoras na vivência de Ação Católica, o que também se percebe na orientação do *Livro da Professora*, que muito provavelmente teve, na equipe que idealizou e concretizou o seu programa, ex-militantes de JEC que levaram a sua visão mais sensível sobre o ato de educar. Dos ensinamentos da Ação Católica, veio a sintonia do grupo que formou o João XXIII com a adoção de princípios como a preocupação maior com o indivíduo, com a formação humana e com o aspecto da religiosidade em si, entendido como algo importante para o desenvolvimento do lado espiritual do homem. O caráter do ensino religioso não era de doutrinação para nenhuma religião específica, mas se baseava no catolicismo. O intuito era repassar valores humanos e cultivar a reflexão das crianças sobre seus atos. A escola tinha uma sala reservada para essas aulas com uma metodologia inspirada nas teorias e práticas da pedagoga francesa Lubienska<sup>22</sup>. Fechavam-se as cortinas, colocavam-se velas e em roda no chão as crianças ouviam passagens do evangelho e comentavam sobre o que sentiam e o que pensavam a respeito da história escutada. Outro objetivo desses momentos era educar a criança ao silêncio e ao mergulho interior. Já quanto aos aspectos metodológicos como a exploração do trabalho em grupo, atividades como essa eram valorizadas e direcionadas para que as crianças aprendessem a ouvir, respeitar os demais e trabalhar em equipe. Outro intuito era trabalhar a noção de liberdade das crianças através do acompanhamento reflexivo entre alunos e professoras, prática livremente inspirada em Summerhill e adotada em níveis distintos, como já mencionado.

O trabalho em grupo era estendido para as professoras, com o objetivo de dar assistência umas às outras e aprimorar as técnicas aplicadas através de avaliações coletivas; e para os pais dos alunos, que eram estimulados a fazerem parte da escola, a partir do momento em que se colocava a preocupação de entender o ambiente familiar em que a criança estava inserida e fazer com que a casa fosse uma extensão da escola e vice-versa. Muitas vezes a integração dos pais também era fundamental para que estes fossem orientados frente às dificuldades e particularidades de seus filhos, encaradas pelas professoras com naturalidade e como mais um motivo para que as crianças fossem recebidas. É o caso do trabalho feito com crianças que apresentavam alguma característica especial, fosse ela um atraso na aprendizagem, ou mesmo um QI elevado, um problema comportamental ou uma deficiência física.

Apesar de alguns colégios trabalharem com essas crianças, como era o caso do próprio Christus, onde Nildes ensinou pela primeira vez uma menina com dificuldades, a aceitação ainda era limitada. O João XXIII foi um dos primeiros de Fortaleza a estender essa acolhida, preocupação que só viria a ganhar evidência em âmbito nacional pelo menos três décadas depois com os debates sobre inclusão, ainda que em 1961 a Lei nº 4.024, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), já previsse a garantia da integração de “excepcionais” no sistema de educação. Na época pouco se sabia sobre esse artigo e não houve muita discussão. A experiência mostrava mais uma vez como a escola estava avançada no processo educacional.

Lembra-se muito bem Nildes quando um casal chegou à escola procurando vaga para a

filha. A menina apresentava um déficit cognitivo de quatro anos, diagnosticado, e seu desenvolvimento era muito baixo. O pai, com as lágrimas invadindo os olhos, disse que ali estava a sua última esperança, isso, após ter rodado por todas as escolas da cidade e nenhuma ter aceitado a menina. Nildes não teve dúvidas. Acreditava que o papel do educador era dar todas as condições que estivessem ao seu alcance e ao da escola para ajudar no desenvolvimento de qualquer criança, independentemente das suas dificuldades. Se ela se negasse a aceitá-la estaria falhando na sua função de educadora. O João XXIII recebeu a menina de braços abertos. Através do boca a boca, começou a chegar aos ouvidos de pais e mães que o colégio recebia crianças com dificuldades. Tempos depois novos casais chegavam ali ansiosos de que a informação estivesse certa e que a escola recebesse seus filhos.

Outra particularidade do Instituto Educacional João XXIII era a restrição de no máximo dezoito alunos em sala de aula. Turmas pequenas, na visão de Nildes e de sua equipe, dariam melhores condições de trabalho para as professoras e de aprendizado para as crianças, já que a assistência poderia ser individual, no sentido de se poder ter conhecimento das dificuldades e da personalidade de cada aluno e se trabalhar a partir delas. A proposta, sem dúvida, agradava as professoras que em outros colégios chegavam a acompanhar mais de quarenta alunos em sala.

Partindo desses diferenciais, o João XXIII conseguiu desenvolver uma educação na qual o trabalho não fosse feito sobre a criança, mas com a criança; onde ela, junto com a professora, podia perceber o próprio desenvolvimento. E, de fato, as propostas construídas pelas mentoras da escola e posteriormente aprimoradas com toda a equipe de professoras, funcionou na prática da forma como tinham planejado. O ambiente saudável de cumplicidade, de coletividade, de aprendizado, se refletia no desenvolvimento das crianças, alma da escola. Não foi à toa que, mesmo sem divulgação, depois do seu primeiro ano de funcionamento, o colégio teve uma procura além da sua estrutura metodológica de turmas pequenas. É aí que se dará o dilema que faz as estruturas do sonho recém-construído irem ao chão subitamente.

Conforme ia crescendo a visibilidade da escola, a oportunidade de ampliar a oferta e garantir um maior retorno financeiro enchia os olhos do sócio administrativo. Logicamente, tinha investido bastante dinheiro na sociedade e o seu objetivo era fundamentalmente econômico. Na hora em que a expansão de vagas começou a chocar mais de frente com a linha pedagógica da escola, sentiram-se as estruturas balançarem.

O modelo educacional projetado tinha seus limites. A principal proposta, fixada na ideia de uma escola em menores proporções para promover um ambiente em que todos se conhecessem e com isso possibilitar um acompanhamento pessoal, humanizado, baseado no diálogo, se quebraria caso a escola decidisse que obter mais lucros seria a prioridade. Por um lado, também era preciso fazer melhorias para garantir a qualidade da escola, por outro não havia dinheiro suficiente para investimentos. Nildes hoje concorda que não era maleável com nada que pudesse atrapalhar a filosofia educacional e que, por imaturidade, não estava preparada para trabalhar numa sociedade onde as cabeças pensavam diferente. Sabia muito bem que mais cedo ou mais tarde o lado financeiro venceria na queda de braço, e ela não queria esperar para tirar a prova. Era algo que estava muito além da sua vontade e controle.

Vendo o quanto seria desgastante aquela situação, Nildes começou a pensar em novas possibilidades fora dali, mas esbarrava em dois pontos: primeiro, teria que deixar a escola na mão de

Marli e Mercedes; e segundo, ficaria desempregada. A situação lhe pesava nos ombros, entretanto, o peso de continuar era muito maior. Foi um processo difícil. Ao longo do ano de 67 se preparou psicologicamente para a ruptura enquanto ia buscando alternativas para viabilizar a construção de uma nova escola. Sua irmã Nailde tinha uma casa ideal para os seus planos, mas estava alugada. Para a sorte de Nildes, a inquilina tinha sido sua colega no Curso Normal, e falando-lhe sobre seus projetos, ela acabou cedendo a casa.

Com a corda rompendo de um lado e começando a enxergar possibilidades de continuar um trabalho próprio, chama as companheiras e abre o jogo. Era difícil conceber uma continuidade sem uma das peças vitais à escola. Sem Nildes, sentiam que não havia condições de prosseguir. Apesar do grande choque que sofreram naquele instante, entendiam a situação complicada em que ela se encontrava. Marli e Mercedes, como não eram sócias, vivenciavam a escola quase que exclusivamente dentro do plano pedagógico. Podiam desfrutar da experiência educacional sem se preocupar com questões burocráticas, das quais Nildes, por sua vez, não tinha como fugir, já que estava diretamente ligada à sociedade e era ela quem batia de frente para assegurar que a linha pedagógica não fosse afetada.

Com o período de matrículas já iniciado, comprometeram-se a dar continuidade pela responsabilidade e consideração que tinham com as famílias, mas estavam decididas que a escola só funcionaria por mais um ano. Com tudo planejado e todas as matrículas feitas para o início do ano letivo de 68, Nildes desfaz a sociedade. As mães, ao serem avisadas de sua saída, também recebem desoladas a notícia, assim como o grupo de professoras. Havia uma noção do choque de ideias que o grupo que geria enfrentava nas decisões da escola, mas talvez não fosse esperado que essa incompatibilidade causaria o seu desmantelamento em tão pouco tempo. Diante dessa situação, mães e pais se mobilizam e convocam uma assembleia para tentar, de alguma forma, impedir o afastamento de Nildes e o fechamento do colégio no ano seguinte. Sem conseguirem acordo, um grupo entre vinte e trinta mães, inconformadas com a sua saída, decidem tirar os filhos dali e segui-la na sua nova empreitada. Para aquelas famílias, era inconcebível que o fim do João XXIII estivesse decretado.

Não poderia ter sido fácil abandonar o projeto que construiu e que havia lhe dado tão bons retornos, ainda por cima com toda a comoção gerada. Mesmo sem ver possibilidades de permanecer na escola, era inaceitável que toda a experiência vivida no João XXIII fosse por água abaixo. O que conseguiram fazer naquela escola tinha sido valioso demais para deixar de existir.

Para Marli e Mercedes e para as demais professoras, a saída de Nildes rachou a mística construída em equipe. A escola não teria mais vida. Daí a decisão de permanecer somente até o final de 68, mesmo com a insistência do sócio administrativo para que dessem continuidade ao trabalho. Nildes, por sua vez, estava disposta a enfrentar o abalo e tentar construir uma nova experiência que tivesse os pilares do João XXIII.

Estava encerrada a segunda fase na sua trajetória profissional. Desempregada, lembrou-se das palavras de Roberto Carvalho Rocha e fez o que não imaginava ter que fazer tão cedo: retornar à casa. Por falta de vagas para professora, passou a trabalhar não mais em sala de aula, mas na secretaria do colégio Christus. Aulas trocadas por trabalhos burocráticos. Foi preciso. Os seus planos de construir uma nova escola dali pra frente seriam muito mais difíceis sem alguém que entrasse com a parte financeira. Mas nas circunstâncias em que saiu do João XXIII, naturalmente não conseguia nem pensar na possibilidade de uma nova sociedade. Haveria de ser por conta própria.

## Segundo Capítulo

### *Ideais, flores e lutas*

*Dezembro de 1967 - Janeiro de 1968*: Semeando uma nova escola

Quando tomou a decisão de montar outra escola, Nildes imaginava algo de proporções bem menores do que aquelas que viu se ampliarem com a adesão de mães e professoras do João XXIII. A ideia inicial estava dentro das suas limitadas possibilidades. Faria mais ou menos como na juventude quando recebia em casa crianças da vizinhança para dar aula. Uma quantidade pequena de alunos, que ela mesma, sozinha, desse conta do trabalho. Não ia precisar de muito, apenas um espaço onde pudesse recebê-los, alguns materiais e, claro, os próprios alunos. Mas, com a reconfiguração do contexto teve a feliz necessidade de reorganizar os planos.

Depois da primeira reunião com os pais dissidentes, Nildes fez um levantamento do número de alunos que teria para iniciar a escola. Eram um pouco mais de quarenta divididos em cinco séries: os jardins de quatro e cinco anos, a alfabetização, a primeira e a segunda séries. Sem a adesão de duas professoras do João XXIII, seria humanamente impossível que Nildes desse aula para essa quantidade de crianças em turmas diferentes. No entanto, a falta de professoras ainda precisava ser resolvida. Precisava de reforços para ensinar e também para cuidar dos trabalhos burocráticos da escola.

Foi então atrás de recrutas. Havia a noiva de um enteado de uma das irmãs que tinha terminado o Curso Normal naquele ano e uma prima distante que também acabara de receber o diploma para o magistério, mas tinha resolvido ir para a casa da família no interior. A primeira aceitou logo, já a prima foi preciso cutucar mais um pouco para que voltasse à capital. As duas aceitaram. De conversa em conversa com conhecidos e familiares conseguiu montar toda a equipe de funcionários. A ajuda da prima Eneuda, que assumiu a secretaria, e do irmão Ildefonso, que se responsabilizou pela tesouraria e pelos processos burocráticos, como registro da escola e registros profissionais dos funcionários, foi extremamente importante, principalmente pela parte administrativa e burocrática que não eram lá o seu forte. Agora era mais fácil visualizar o projeto se concretizando.

Para isso o trabalho de organização da escola não podia parar. Até fevereiro deveria estar tudo pronto para o início das aulas. Primeiro passo: limpeza da casa. Sem dinheiro para contratar pessoas que a ajudassem, teve que arregaçar as mangas e cuidar disso por conta própria. Sentia o quão exaustivo seria a tarefa só de olhar a quantidade de cacos de vidro, pedaços de madeira e sacos de lixo que haviam se acumulado em um dos lados do quintal. Vendo a dificuldade que Nildes teria para fazer o serviço todo sozinha, Otília, a moça que trabalhava na casa da irmã Nailde,

se solidarizou e doou os braços ao trabalho de limpeza. Juntas conseguiram enxadas, abriram um buraco no meio do quintal e jogaram ali todo o entulho. Foram quatro dias de trabalho minucioso para que não restasse um caco de vidro sequer que pudesse acabar nos pés dos meninos durante as partidas de futebol que jogariam ali no futuro campinho de areia.

Enquanto tapavam o buraco, Otília flagrou em Nildes um semblante preocupado. O cansaço havia se misturado com uma profunda tristeza ao perceber todo o sacrifício que estava enfrentando e que ainda enfrentaria para montar a nova escola. Também sentia medo de frustrar as expectativas de pais, mães e professoras que tinham largado o seguro para ir atrás do duvidoso. Fora isso, uma casa, mesmo com adaptações, nunca estaria à altura da estrutura que o João XXIII oferecia. O seu desafio era conseguir deixá-la pelo menos agradável e adequada para ganhar título de escola, e teria que fazer isso praticamente sem dinheiro.

As preocupações eram muitas, mas sabia que precisava conter as inseguranças e se fortalecer com o apoio de pessoas como a Otília, que além de oferecer ajuda sem nenhum retorno financeiro, ainda concedera algumas palavras de incentivo à jovem sonhadora. Como forma de agradecimento, Nildes prometeu que a partir do primeiro dia de aula Otília teria um emprego na escola. Agradecimento justo e bonito. Enxugou as lágrimas e junto com o entulho resolveu enterrear medos e anseios e continuar a caminhada.

\*\*\*

Imagine que no meio de todo o desgaste emocional e com a incerteza do futuro que tentava traçar ainda se aventurou a fazer o vestibular para Pedagogia na Faculdade de Filosofia do Ceará<sup>23</sup> no fim daquele ano. Estavam oferecendo turmas à noite e era a oportunidade que tinha de fazer um curso superior. Naquela época, como a maioria dos cursos funcionavam pela manhã ou à tarde, dificilmente aqueles que dependiam do trabalho para sobreviver tinham tempo para a faculdade, já que o período era destinado ao labor. O ensino superior acabava restrito à elite que não tinha na mente preocupações com o ganha-pão. Mas é importante que se diga que Nildes acabou fazendo a prova muito mais por insistência de Maria Helena Fradique Accioly, amiga de JIC – onde Nildes militou depois dos anos de JEC –, do que pela própria força de vontade e perseverança. E não era por desinteresse. Na verdade sempre foi um grande sonho chegar à universidade, mas duvidava que pudesse ser capaz de tal proeza, e o momento, então, nada contribuía para fazê-la pensar diferente.

Maria nem quis saber das reclamações de Nildes e levou a amiga à força para fazer a inscrição. Puxou-a pelo braço até à Praça do Ferreira para tirar as fotos três por quatro no lambe-lambe – que demorava uma vida para ficarem prontas –, e depois até a faculdade. Feita a inscrição, ainda quis insistir que Nildes assistisse com ela e outras amigas umas aulas de matemática preparatórias para o vestibular durante a noite. Com toda a determinação e esforço da amiga, ela resolveu ir, mas o pique durou só até a primeira meia-hora de aula. Era demais para a sua cabeça e para o seu notável abatimento que a tinha deixado com trinta e nove quilos no corpo. Faria a prova, mas que Maria não esperasse dela esforço para estudar àquela altura do campeonato.

Nos primeiros dias de prova, passou fácil pelo português e pela matemática, que por coincidência trouxeram toda a matéria que tinha aprendido há pouco tempo no curso do INEP. Na de sociologia também passou, apesar de quase ter perdido a prova pelos caprichos do destino que a deixaram presa no banheiro. Quando todos já estavam nas salas e o silêncio reinava no prédio,

Maria ouviu estranhas batidas insistentes ao longe. Sorte que sua perspicácia lhe colocou na cabeça que poderia muito bem ser Nildes em apuros e teve tempo de socorrer a amiga, que conseguiu fazer a prova.

Só faltava um passo: a prova de francês. Já tinha estudado a língua há tanto tempo, que o francês que lhe restara seria quase tão pouco quanto o de uma criança ainda na fase de construir as mais simples frases. Ao invés de se concentrar nos estudos e tentar refrescar o francês que hibernava na memória, foi atrás da lista dos vestibulandos e anotou todas as pontuações que os concorrentes tinham alcançado, de um por um. Ora! A sua ideia mirabolante era saber, a partir do desempenho das colegas, de que nota precisaria para ser aprovada. Simples assim! A intenção até podia ser boa para lhe dar uma noção das suas chances reais, contudo, aquilo infelizmente não iria lhe garantir a aprovação. Partiu então à caça do irmão caçula para que lhe colocasse na cabeça tudo o que precisava para passar. Tito, que dominava muito bem a língua, bem que tentou, mas a sua exigência e a impaciência de Nildes dificultaram o andamento das aulas. Ela decidiu que faria do seu jeito e foi para a prova rezando para conseguir o oito de que precisava. Quando saiu o resultado no jornal, percorreu os olhos apreensivos pela lista de aprovados até a letra N e lá estava o nome *Nildes Alencar Lima*.

\*\*\*

Apesar dos pesares e dos percalços para a construção da escola, no final das contas Nildes sabia que tinha o essencial: os alunos, os pais, que queriam aquela escola para os filhos, e as professoras, que acreditavam muito no trabalho que faziam ali e que tinham total confiança na sua figura como educadora. A integração desse coletivo ficou mais forte depois que as matrículas foram encerradas, dando início então às reuniões para que discutissem a linha de ação da escola, o projeto pedagógico, as atividades que seriam desenvolvidas, e decidissem em conjunto alguns aspectos mais simples, mas não menos importantes, como o nome que dariam ao colégio e como seria o uniforme das crianças. A ampla participação de mães e pais deu segurança à Nildes sobre o trabalho. E o mais importante, tinha o apoio deles. Compreendiam as dificuldades e não se mostravam preocupados com as modestas condições da escola, estavam mesmo era interessados no trabalho educacional.

Dessa boa relação surgiram amizades. No Natal, recebeu de uma das mães o presente mais bem-vindo e inesperado: um envelope com uma quantia em cruzeiros equivalente a uns cem reais. Com certeza o valor simbólico era o que realmente importava. Os laços que fez com ela e com os outros pais durante esse período, cada um com uma intensidade, foram muito mais fortes do que a simples relação entre diretora e pais que qualquer outra escola poderia lhe oferecer. Com o dinheiro em mãos, uma das primeiras providências foi comprar folhas de cartolina azul e rosa, com as quais fez à mão as fichas de matrícula dos quarenta e cinco alunos; número fechado com a entrada de duas ou três crianças para o infantil, que se juntaram aos remanescentes do João XXIII.

Mais ajuda apareceu. De um dos irmãos ganhou um mimeógrafo a álcool, muito bem aproveitado por longos anos, para rodar os exercícios dos alunos e os documentos da escola. Outra fonte de ajuda foi o Christus. Uma ajuda muito mais indireta, na verdade. Nildes achou que ninguém se importaria se levasse, para reaproveitar na sua escola, as folhas de papel carbono e os restos de ponta de giz que sobravam nas salas de aula e que tinham o lixo como destino certo. Foi assim que conseguiram suprir algumas das demandas mais básicas nos primeiros meses de



existência da nova escola.

De volta à organização da casa. Depois de feita a limpeza era hora de dividir os cômodos entre as séries. Um dos quartos deu lugar ao segundo ano, ficando outro menor para a turma do primeiro ano. Uma parte do alpendre foi dividida para a educação infantil - o jardim de quatro anos e o jardim de cinco anos; a outra parte era o espaço onde receberiam as crianças antes das aulas. Em uma das salas pequenas fez a alfabetização, e o quarto que dava para a rua ficou sendo o Gabinete, a Secretaria e a Diretoria, tudo junto. A escola estava pronta. Ou melhor, quase pronta! As salas vazias não davam uma sensação estranha? Claro, faltavam os móveis! Sem dinheiro nem para comprar giz, como Nildes ia conseguir equipar a escola? Só se fosse com mais uma ajuda de conhecidos. E assim foi. Conseguiu todas as cadeirinhas com tampo de fórmica e mesinhas e assentos para o jardim, tudo sem custo inicial. O benfeitor foi um ex-colega de trabalho de seu irmão Ildefonso. Eram velhos amigos funcionários do Banco do Nordeste, ambos demitidos de seus cargos públicos quando estourou a ditadura, pela atuação política dentro do Sindicato dos Bancários e por envolvimento com partidos de esquerda e ideais comunistas. O irmão, então diretor do sindicato e membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi indicado pelo partido para fazer um curso de capacitação política na União Soviética. Embarcou rumo ao país vermelho em março de 1964. A estadia, que deveria durar apenas três meses, durou mais um ano por conta do regime militar que tomou conta do Brasil assim que tirara os pés da terra natal. Só conseguiu entrar novamente em território brasileiro ilegalmente, atravessando a fronteira pelo Uruguai, e passando ainda um bom tempo no Rio de Janeiro até se sentir seguro para voltar à Fortaleza. Enquanto isso o destino do amigo Aquino foi a prisão. Tendo perdido o emprego da noite para o dia, quando saiu detrás das grades resolveu montar uma marcenaria e passou a ganhar a vida construindo pequenos móveis. O acordo firmado entre ele e Nildes foi que ela pagaria a encomenda assim que recebesse o dinheiro das primeiras matrículas. Sem muita freguesia, Aquino aceitou o trabalho. Foi uma mão ajudando a outra. O problema é que a quantidade de móveis era razoavelmente grande para o trabalho manual que fazia e não houve tempo suficiente para terminá-los. Aflita, Nildes tentou se acalmar lembrando que os pais tinham se mostrado dispostos a enfrentar as dificuldades iniciais, mas ainda assim torceu para que realmente não achassem ruim os meninos terem que sentar no chão, por enquanto.

## *Fevereiro de 1968 - 1989*: Os anos dourados da Escolinha e os anos sombrios da ditadura

**D**ezoito de fevereiro de 1968. Na manhã daquele dia, a casa acolhedora com entrada estilo chalé, na rua Dr. José Lourenço, número 2533, era outra. Lá de fora, quem passava certamente ouviu o badalar do sino que Nildes tocava com um sorriso maior que o rosto, de tanta felicidade. Eis que havia chegado o tão esperado primeiro dia de aula e os quarenta e cinco alunos entram na escola e são recebidos calorosamente. Naquele momento comprovou para si que podia fazer escola de novo. O sonho enfim realizado. Na semana seguinte chegam os móveis de Aquino, tão resistentes que durariam até o último dia de funcionamento da escola, dali a trinta e três anos.

Pela base filosófica e pela proposta educacional trazida do João XXIII, a nova escola manteve o caráter familiar e participativo. Mas, por força das circunstâncias, essas características acabaram sendo vividas com mais intensidade. Uma das primeiras decisões coletivas foi a escolha do nome da escola. Na ocasião foi feita uma assembleia geral, onde qualquer um poderia sugerir nomes, e que ao final, os votos da maioria decidiriam. Nildes já vinha ensaiando alguns na cabeça: A escola que eu queria, O mundo da criança, Universidade Infantil. Mas dentre estes um lhe agradava mais por prestar uma dupla homenagem: Instituto Educacional de Alencar. Instituto Educacional, pensado por causa do João XXIII, onde estava a origem da filosofia pedagógica praticada na nova escola; e Alencar, por ser o sobrenome do avô materno, a quem a mãe se referia constantemente através lembranças de infância. O nome acabou não ganhando, mas depois, aproveitando uma rápida saída de Nildes para um café, os presentes combinaram que voltariam atrás e escolheriam o nome que ela tinha indicado. Ao ver que haviam tramado em sua ausência, só pôde se encher de felicidade e agradecer por estar em família. O nome de fato nunca pegou. O que ficou mesmo para todas as gerações que passaram pela escola foi o apelido carinhoso A Escolinha. De qualquer forma, oficialmente, a homenagem estava feita.

Depois de uma ruptura tão dolorosa poucos meses antes e de sua suada luta para colocar de pé uma nova escola, os dias não poderiam estar sendo melhores. As dificuldades iniciais enfrentadas em busca de um ideal e a solidariedade entre todos, acabaram dando uma essência especial à escola. O contato íntimo com cada criança, a forte presença dos pais, o trabalho compartilhado entre as professoras e até o bom-dia todas as manhãs trocados com os funcionários tinha um sabor diferente. Isso fez Nildes acreditar, posteriormente, que poucas escolas tenham tido um começo tão bonito quanto o que tiveram.

Pena que justo nesse início não pôde desfrutar de muito tempo livre para acompanhar e vivenciar o cotidiano da Escolinha. As manhãs eram dedicadas à ela, mas à tarde o trabalho no Christus a esperava. Foi dele que tirou o próprio sustento durante aquele ano, já que todo o dinheiro que o Instituto recebia ia para o pagamento de pessoal e para demandas internas. Pela proximidade das escolas, depois do expediente no Christus dava tempo de voltar para a Escolinha entre quatro e meia e cinco horas da tarde e acompanhar o final das aulas e a saída das crianças. Dali,

depois de um dia puxado, ia para as aulas na faculdade. Quando chegava em casa tarde da noite só tinha tempo e coragem para dormir porque outro dia já lhe aguardava de manhã bem cedo.

O tempo passou veloz. Já estava quase terminando o primeiro semestre letivo da escola. Não é aquela velha história de que tudo que é bom passa rápido? E para comemorar os primeiros meses e ter mais um motivo para reunir a família Escolinha, resolveram fazer um São João como despedida das aulas e chegada das férias. Um São João familiar para a grande família. Contando os quarenta e cinco alunos, e descontando os irmãos, eram por volta de sessenta pais e mães. Ainda os funcionários, professoras e agregados, o São João deve ter contado com um pouco mais de cem pessoas. Durante o dia as aulas foram liberadas, mas mesmo assim as crianças ficaram para ajudar a fazer os enfeites e a decoração da escola. A organização virou ritual para todas as festas juninas que se seguiram. Naquela noite, todo mundo a caráter, a escola enfeitada, muita comida e uma banda improvisada, com conhecidos, para garantir a festa.

\*\*\*

Os primeiros meses de 68 foram recompensadores. Apesar da correria que tinha virado seus dias, tinha motivos de sobra pra sorrir pelo bonito trabalho que estavam fazendo na Escolinha depois de tantas incertezas e dificuldades. Porém, no dia 28 de agosto a alegria lhe foi tomada com a morte de dona Laura. Em maio, a mãe dera um grande susto na família quando uma forte crise de asma quase lhe tirara a vida. A sua boa recuperação nos meses seguintes foi interrompida por uma gripe logo após as férias de julho. Não suportou. A escola se cobriu de luto e tinha agora no seu primeiro ano uma profunda marca de tristeza para as lembranças de Nildes.

O contexto político que o país enfrentava também foi cenário para mais um choque vivido pela família Rodrigues Alencar Lima. Em outubro do mesmo ano, a Força Policial e o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) haviam detido cerca de mil estudantes que participavam do congresso da União Nacional dos Estudantes<sup>24</sup> (UNE) em Ibiúna, São Paulo. Todos foram levados para o presídio Tiradentes e mostrados à população como criminosos. Após uma semana de interrogatórios, a maioria foi encaminhada para prisões em seus estados. Sessenta e um participantes considerados líderes permaneceram no presídio Tiradentes. Dez cearenses, um deles, Tito de Alencar Lima, o caçula de dona Laura e seu Ildefonso.

Sua vida política começara pela Igreja, e os primeiros passos nessa direção foram incentivados pela mãe, através da formação católica dos Congregados Marianos da Paróquia do Cristo Rei. Contudo, quem lhe despertou a íntima ligação entre religião e política foi a JEC, e a militância no grupo de Ação Católica surgiu pela influência da irmã Nildes, com quem nutria uma relação muito mais de mãe e filho, pelos cuidados prestados quando era pequeno, estando dona Laura já bastante cansada. Em 1966 decidiu entrar para o Convento da Ordem dos Dominicanos em Belo Horizonte. O mergulho nas duas vertentes – religião e política – veio no ano seguinte quando foi transferido para o Convento de Perdizes em São Paulo. Na megalópole se viu em pouco tempo dentro do movimento político da cidade.

Enquanto movimentações de protesto fervilhavam em todo o país, o governo militar foi

arquitetando e fortalecendo instrumentos de repressão para esmagar um a um todos aqueles que se moviam contra a sua estrutura e que diante das algemas e mordanças gritavam gritos abafados por liberdade. A prisão de Tito vinha abalar mais uma vez naquele ano a família que ainda chorava a perda da mãe.

\*\*\*

Um novo ano chega e com ele novos alunos. A escola quase dobrara o número de matrículas em 69. O aumento repentino veio com a procura de muitos alunos vindos de um colégio próximo onde a diretora havia falecido, e de alguns poucos do João XXIII, que saíram após o arrendamento do colégio por outra equipe no fim do ano anterior. A procura maior que veio dali foi das professoras que buscaram a Escolinha para dar continuidade ao trabalho de educação desenvolvido no João XXIII, pois sabiam que encontrariam na nova escola de Nildes o mesmo projeto e a mesma filosofia. A casinha de Nailde começou a ficar pequena demais para a família que crescera significativamente. No entanto, parece que a preocupação com isso não ia muito longe, porque providenciaram a construção de uma nova sala no começo do ano, certamente pensando que isso resolveria o problema de espaço.

Beatriz Fiúza, que entrara na escola no começo do ano para ajudar na supervisão pedagógica do ensino infantil, e que era nora de um dos maiores empresários da cidade, o senhor José Macedo, falou para Nildes da antiga casa da família do sogro, onde este vivera com a mulher por muitos anos e juntos tiveram, se não todos, muitos de seus filhos. A casa ficava na mesma rua da Escolinha, alguns quarteirões abaixo, no número 1660, e era grande o suficiente para abrigar muito mais do que todos os alunos que tinham. O grande problema é que esta, quatro vezes maior do que aquela onde estavam, deveria estar muito além do que podiam pagar, considerando o retorno financeiro com as mensalidades que iam até os últimos centavos para os próprios gastos internos. Mesmo assim, Beatriz levou Nildes até a casa.

Seria muito injusto se não tivessem realmente condições de montar a Escolinha no antigo recinto dos Macedos, agora que estavam com os pés ali dentro e já visualizavam o espaço onde montariam a área exclusiva dos pequenos do jardim, as quadras esportivas, as salas de aula, a Secretaria, a Tesouraria... Poderiam, inclusive, abrir turmas até as últimas séries do ensino fundamental, futuramente, se tivessem condições. Era um espaço perfeito. Amplo, agradável e que tinha tudo a ver com o ambiente que haviam construído na outra casa. O lugar estava aprovadíssimo nos sonhos e planos da família Escolinha; só precisavam saber se ainda poderiam sonhar.

Beatriz procurou o sogro e lançou a proposta. O preço era quase o dobro do que pagavam pela casa atual, mas a ampliação da escola era urgente e necessária. Como o número de matrículas também quase dobrara, talvez tivessem condições de bancar o aluguel. Fizeram o balanço e o negócio foi fechado.

Começaram então a planejar como fariam a mudança antes do final do semestre. Estavam todos muito felizes e ansiosos pelo momento. Desta vez, Nildes contaria com a ajuda de muito mais braços para a limpeza e organização da nova sede, agora que a escola e a família estavam consolidadas. Professores, funcionários, alunos e até os pais se envolveram, os últimos levando em seus carros os móveis mais pesados, impossíveis de serem levados a pé.

Participaram coletivamente, com o esforço de todos os braços e mãos, fortes ou não, de gente grande e de gente pequena para a construção simbólica da escola. Devagar, fazendo revezamento entre equipes, desceram a rua em direção à nova casa com suas enxadas e instrumentos de limpeza adaptados ao tamanho de cada trabalhador, e passaram boas horas de vários dias até que ficou tudo pronto. Que o leitor não pense que Nildes e as professoras se utilizaram de exploração da mão de obra infantil para esse feito. O trabalho dos pequenos era, de fato, muito mais simbólico do que braçal. O objetivo era proporcionar aos alunos a noção de coletividade e de se sentirem responsáveis pela organização da nova escola onde estudariam, o que teve um significado muito importante para aquelas crianças, como afirmaria Germano Vale. O menino remanescente do João XXIII e membro da família Lima e da família Escolinha, guardou muito bem o valor daquele momento no seu inconsciente e se emociona hoje se perguntando onde mais poderia ter feito parte da “construção” da sua própria escola. A mensagem foi entendida e louvada, se não para todos, pelo menos para ele.

\*\*\*

Irmã Maria Montenegro, aquela que colocara Nildes no caminho da Ação Católica, a convidada no início de 69 para dar aulas de metodologia no Curso Normal do colégio Imaculada Conceição. Seu nome começou a ficar conhecido no meio educacional por ter se destacado durante o curso do INEP. Posteriormente, o trabalho bem feito com o método global nas duas escolas que havia montado e a sua facilidade no trabalho de formação com as professoras deram a ela maior visibilidade. Além do Imaculada Conceição, outras escolas também a procuraram para que ensinasse o método às suas alunas, como o Santa Cecília e as Dorotéias.

A nova metodologia era o inverso do método tradicional, que partia do ensino das letras para as palavras. No método global, primeiro era ensinado às crianças uma pequena história. A fase do conto, como era chamada, podia se estender durante semanas, até que os alunos soubessem todos os detalhes. Essa era a principal dificuldade das professoras: trabalhar com um mesmo texto por tanto tempo sem que as crianças se cansassem ou ficassem entediadas. Nildes dizia que era preciso ter criatividade e que um simples conto poderia ser trabalhado de várias formas sem que nenhuma parecesse igual. Depois a história era fragmentada em frases. Partia-se então para as palavras, estudando seus significados. Da semântica para a morfologia, o último passo era mostrar às crianças do que eram feitas as palavras. Vinham assim as sílabas e por último as letras. O macro para o micro.

Acreditava-se que o método tradicional era mais difícil de ser visualizado pelas crianças. Já partindo do global a compreensão parecia bem mais palpável. O fato é que os cursos do PABEE, levados para vários estados do país, fizeram do método global uma novidade a ser seguida por todas as escolas. Mas a nova metodologia não era tão simples e as professoras do período suaram muito para dominar a técnica. Muitas mostraram resistência, recorrendo aos antigos métodos às escondidas.

\*\*\*

Era meados de fevereiro de 1970. Há três dias seguidos Nildes sentia uma angustia que lhe tomava conta e para a qual não tinha explicação. Voltando um dia da faculdade, dividiu com uma amiga aquela inquietação e, para sua surpresa, descobriu que ela lhe escondia algo. O coração se encolheu em desespero quando a ouviu dizer que a irmã Elizabeth Silveira, professora do colégio da Imaculada Conceição, tinha visto no jornal francês *Le Monde* uma notícia falando que Tito havia cortado os pulsos na prisão. A angústia ganhou rosto e nome. Correu para casa e dividiu a notícia com os irmãos. Decidiram que poupariam seu Ildefonso e se comunicaram com a Ordem dos Dominicanos do Convento de Perdizes pedindo informações sobre o estado de Tito.

Os detalhes chegaram até Nildes antes, por outras fontes, num papel dobrado que seu colega de turma da faculdade, Chico Lopes<sup>25</sup>, lhe passou durante a aula. Desconfiados da presença de pessoas infiltradas entre o meio universitário para fiscalizar a movimentação dos estudantes, teve que aguentar até que terminasse a aula e fosse para casa num passo apressado, quando se trancaria no quarto e mergulharia no conteúdo do papel. Viu-se diante de um intragável testemunho assinado ao final com a letra do irmão.

Pouco tempo depois, veio a Fortaleza o frei Domingos, do Convento de Perdizes em São Paulo, representando a Ordem dos Dominicanos. Reuniu a família e contou sobre as terríveis torturas a que Tito e tantos outros presos políticos estavam sendo submetidos nas prisões. Explicou-lhes que o ato de cortar os pulsos foi o meio que Tito havia encontrado para que, através da sua morte, as denúncias de torturas chegassem aos ouvidos do povo, ganhando repercussão nacional e internacional. Só assim impediria que mais companheiros fossem torturados. Seu Ildefonso, com o vazio doído que Laura tinha lhe deixado, não aguentaria se soubesse tudo pelo que tinha passado o seu caçula. Soube das torturas, mas nada que pudesse fazê-lo entender a dimensão que estava por trás do desolamento estampado nos rostos dos outros filhos.

\*\*\*

Do lado de fora dos porões da ditadura, familiares e amigos eram constantemente vigiados. Na casa de seu Ildefonso não era diferente. Era comum policiais sempre à espreita, seguindo seus filhos e filhas. Para evitar problemas maiores, caso houvesse uma vistoria na casa, decidiram esconder os livros. Nildes foi ao mercado comprar uma boa quantidade de plástico para embrulhá-los. Sem conseguir disfarçar que o que faria com aquilo deveria ficar em segredo, saiu da loja temerosa, desconfiando de tudo e de todos. Junto com os irmãos cavou um buraco no quintal e enterrou os livros da família. A guerra também era ideológica e a leitura fatalmente poderia ser um instrumento perigoso. É tanto que houve durante esses anos muitas queimas de livros em locais públicos, como a que aconteceu em plena Praça do Ferreira, causando grande repercussão. O intuito era que ficasse bem claro que livros com teor político de esquerda não eram permitidos.

A própria Escolinha era vigiada. E não somente porque ali havia pessoas da família de Tito, mas porque o regime sabia que do lado de dentro daqueles muros também se aglutinavam familiares de outros presos políticos ou desaparecidos, militantes de esquerda, intelectuais, idealistas das classes média e alta da cidade, e que era preciso ter muita atenção com aquele pequeno refúgio de inimigos do governo. Os funcionários suspeitavam de interceptações nas linhas telefônicas, pelos ruídos estranhos que ouviam durante as ligações, e de carros rondando o quarteirão da

escola. Era o máximo que podiam fazer. Como Nildes era conhecida apenas pela vida dedicada à educação, nunca se envolvera em organizações políticas, e o lugar se tratava de uma escola, não havia justificativas para uma intervenção direta.

De fato, tinham com o que se preocupar. Ambos os lados. Nildes, com a integridade da sua escola, e o regime, com o que faziam lá dentro. Por mais que o trabalho feito ali fosse algo para um futuro distante, estavam formando uma pequena geração de crianças e jovens críticos, na base do diálogo e da liberdade, e a presença de muitos pais de esquerda podia ser explicada tanto pela proposta educacional, quanto pela proximidade que naturalmente acontecia com as pessoas que tinham causas políticas e ideais semelhantes, o que, no período, se resumia a um grupo muito restrito. Dentro dos limites da escola podiam pensar na educação de seus filhos também como uma posição política, pois entendiam que a transformação social só poderia começar pela transformação dos indivíduos, para que, mais à frente, predominassem valores de igualdade, amor, tolerância, respeito, paz, e que todos os homens pudessem, finalmente, viver numa sociedade justa, livre e igualitária.

\*\*\*

O seu contrato com o colégio Imaculada Conceição acabara em fevereiro de 71. Estava feliz porque teria o tempo livre tão esperado para se dedicar à Escolinha; se não fosse um convite feito pela velha amiga Maria Helena. Em março, entrara para a Secretaria de Educação e queria que Nildes a acompanhasse ocupando um cargo de confiança como diretora do ensino fundamental. Ao mesmo tempo em que se entristeceu vendo o tempo integral de dedicação à Escolinha ir por água abaixo, achou que devia muito à amiga pela confiança, insistência e dedicação que acabaram lhe ajudando a entrar na faculdade. Maria lhe convenceu dizendo que o trabalho ocuparia apenas um turno de seu dia e que ainda teria tempo para sua escola. Nildes lembra que foi até a Secretaria conversar com o então secretário Paulo Ayrton Araújo<sup>26</sup>, que lhe fez o convite falando que a indicação tinha sido consequência dos seus méritos profissionais e que, mesmo com toda a visibilidade direcionada a sua família pela prisão de Tito e por sua recente deportação, se responsabilizaria pela indicação, pois tinha certeza de que não teria problemas de cunho político com ela dentro da secretaria.

O convite foi aceito e Nildes se viu diante do desafio de levantar a auto-estima das diretoras da rede pública, mal vistas por supervisoras e coordenadoras, que ao contrário das primeiras, geralmente carregavam no currículo uma grande diversidade de cursos de formação e que se sentiam muito mais capacitadas para comandar pedagogicamente as escolas. Sabendo por experiência própria os desafios que uma diretora enfrentava e vendo a dedicação delas às escolas sob suas responsabilidades, Nildes começou um intenso trabalho de valorização dessas profissionais. Queria lhes mostrar como tinham um papel fundamental nas escolas e como poderiam fazer muito mais dentro das instituições. Foram longos meses de cursos, reuniões semanais e visitas às escolas mostrando aquilo que sabia de vivência. Após um ano, já eram notáveis os resultados. Quando igualaram o nível das diretoras com o das supervisoras e coordenadoras, começaram um trabalho conjunto entre todas.

No início do segundo semestre entra em vigor a Lei nº 5.692, que fixa as diretrizes e bases

para o ensino fundamental e transforma os antigos cursos primário e ginásial em ensino de primeiro grau, destinado às crianças entre sete e catorze anos, com duração de oito anos; e o ensino médio em ensino de segundo grau, com duração de três a quatro anos. As principais medidas da nova lei se voltam para a democratização do acesso à rede pública, dando fim ao exame de admissão, e para as políticas de incentivo à profissionalização de jovens, exigindo a oferta de habilitações profissionais nas escolas, além do ensino geral padrão. Os financiamentos indiretos às instituições particulares, prática comum desde a década de 30, prosseguiram através da concessão de bolsas de estudo previstas para suprir as demandas e desafogar a rede pública.

Entrando mais a fundo no contexto educacional, durante a ditadura a política na área teve as atenções voltadas para o fortalecimento do ensino superior. As reformas do ensino fundamental tinham o objetivo de direcionar os jovens às possibilidades de profissionalização ao fim do ensino médio, o que diminuiria a demanda por vagas nas universidades. A democratização do acesso, por sua vez, garantiu que a antiga prática de financiamento do governo às instituições particulares ganhasse novas justificativas. Desde a Constituição de 34, as escolas privadas já ganhavam suporte do governo com isenções de tributos. Ao longo das décadas o favorecimento passa a se dar através das bolsas de estudo, ao invés de se garantir a oferta pública para todos. Com o fim do teste de admissão e a abertura do ensino público, as bolsas continuam, agora com a justificativa de ampliar as oportunidades de acesso à educação quando se esgotarem as vagas das escolas públicas. Os grandes colégios particulares ganham ainda a vantagem, com a implantação da lei nº 5.692, de receber investimentos do governo a partir de empréstimos internacionais para garantir a estrutura e os equipamentos necessários para a oferta dos conteúdos profissionalizantes. As verbas, no entanto, podiam ser facilmente desviadas para os fins que melhor coubessem aos donos das escolas, como por exemplo a melhoria da estrutura de seus estabelecimentos. Todos esses benefícios puderam ser alcançados facilmente com a estruturação prevista pela primeira Lei de Diretrizes e Bases, de 1961, que colocou decisões que antes eram tomadas pelo Executivo, a cargo dos Conselhos Federais e Estaduais de Educação, cujo os membros eram nomeados por trás de interesses políticos e pressões privadas.

Diante desse contexto, Nildes enfrentou o inchaço nas escolas públicas e a falta de recursos para garantir uma democratização acompanhada de qualidade. As verbas a serem aplicadas no ensino público dependiam dos repasses da União, e quando havia dinheiro, bem, já sabemos para onde iam grande parte dos investimentos. A educação pública sofreu assim os maiores danos durante o regime militar, se transformando num ensino muito aquém do prometido com as reformas que iriam garantir a toda a população o acesso ao ensino público de qualidade. Por outro lado, nos projetos pessoais de Nildes, as medidas acabaram também interferindo na Escolinha e em tantas outras escolas particulares pequenas que não contavam com recursos para enfrentar a concorrência desleal que se firmava. As grandes escolas particulares saíram ganhando.

\*\*\*

Em Summerhill – escola que inspirou Nildes com suas práticas educacionais revolucionárias – são realizadas assembleias com a participação de toda a comunidade escolar para tomar coletivamente qualquer tipo de decisão interna, onde o voto de uma criança de sete anos tem o mesmo peso do voto do diretor. Imagine isso nas escolas brasileiras? Na Escolinha, adaptaram a ideia e formaram um conselho escolar, pelo qual professores, alunos e até os pais tinham direito



à participação de forma paritária, dando vez e voz a todos. A escolha dos representantes era feita pelos votos de cada categoria, garantindo assim os princípios democráticos e a coerência com a linha filosófica que propunham.

É interessante pegarmos esse exemplo de participação dos pais e compararmos com o que acontece nas escolas nestes nossos anos dois mil. É fato que mães e pais tem cada vez menos tempo para estarem no ambiente escolar, em contato com professores, coordenadores e diretores, e muito menos para acompanhar todas as atividades do filho. Imagine então participar de um conselho. Mas essa distância é um sintoma antigo, dos tempos em que nem havia tanta correria. A causa podia estar na própria falta de incentivo que já existia por parte das escolas para a participação mais efetiva dos pais, o que na maioria das vezes se limitava às reuniões. A conclusão é que a cultura educacional das escolas de forma geral não mudou. Muito porque dentro de colégios com mais de mil alunos é difícil manter um diálogo com todos os pais.

Nesse sentido a Escolinha funcionava muito bem por suas dimensões e pela proposta em si. Incentivavam o diálogo porque havia a compreensão de que uma educação só poderia ser bem feita se tivesse o apoio dos pais e se fosse uma extensão da educação que as crianças recebessem em casa, e vice-versa. A relação começava daí. Devia haver uma comunhão de objetivos, caso contrário, talvez a educação proposta pela escola não fosse a considerada ideal para os pais. E isso só poderia ser alcançado pelo diálogo constante. Na Escolinha certamente isso era um reflexo do desenrolar dos fatos que levaram à sua criação. Foi um processo natural a escola tomar decisões com a intervenção dos pais. E afinal de contas, era com a ajuda deles que muitas atividades aconteciam, principalmente no primeiro ano da escola, quando levavam em seus carros todas as crianças para passeios pela cidade.

Falando em aulas de campo, estas eram as atividades que talvez tivessem o maior caráter de formação para os alunos. Durante alguns anos a escola fez visitas a bairros da periferia de Fortaleza com os alunos mais velhos, para que tivessem contato com a realidade lá fora. Consideravam extremamente importante que entendessem desde cedo que o mundo não era tão colorido como o que encontravam dentro da escola. Queriam que vissem que para além dos bairros nobres de classe média e alta em que moravam, havia pessoas, crianças passando fome, morando em lugares muito pobres, sem saneamento, sem estrutura alguma. Quando chegavam nesses locais, os alunos se dividiam em grupos e, de casa em casa, faziam pequenas entrevistas para conhecer de perto a difícil e diferente realidade dos seus moradores. De volta a Escolinha, dividiam com os colegas e os professores as informações recolhidas e as impressões da aula de realidade social pela qual tinham acabado de passar. As aulas de campo também aconteciam através de viagens pelo interior do Ceará e por outros estados do Nordeste. A formação também tinha que passar pelo conhecimento da cultura do estado e da região onde viviam, além das distintas realidades entre a cidade e o campo.

Outro aspecto que se refletia na formação humana era o convívio com as diferenças. Apesar de ser uma escola voltada para filhos das classes média e alta, já que se tratava de uma instituição de ensino particular que se mantinha com as mensalidades, os filhos dos funcionários, de classes mais baixas, tinham ensino garantido no Instituto Educacional de Alencar. Aprendia-se a conviver e a respeitar estes alunos assim como qualquer outro. Era o que fazia a pequena Patrícia, que levava para sua casa a coleguinha de classe filha da zeladora, assim como qualquer outra amiga de padrão social parecido com o seu. Também chegavam ali crianças negras e a equipe da escola era cuidadosa para que os alunos não fizessem distinções sobre a cor da pele, como a

maior parte da sociedade infelizmente ainda fazia e continua a fazer. Tanto que havia uma grande comoção quando as crianças apelidavam os negros com nomes depreciativos, sendo certa a ação de Nildes nesses momentos, chamando de um por um os rebeldes mal-educados para uma longa conversa de conscientização. Na maioria dos casos a repreensão era importante e merecida, mas dentre tantos houve um que causou uma resposta completamente inesperada para as professoras. Um menino franzino e bem negro tal qual a cor de um biscoito de chocolate, levou dos colegas o apelido do nome do biscoito. Ao saber de tamanho disparate, Nildes foi como um furacão tratar com os engraçadinhos e chamar o alvo da chacota para prestar depoimento sobre o ocorrido. O menino, na maior inocência e sem entender para que tanta algazarra, disse que não via nenhum problema em ser chamado de *Negresco*. Dizem por aí que até hoje preserva o apelido.

Sobre respeito e solidariedade, uma das mais importantes lições herdada do João XXIII e colocada em prática na Escolinha foi o acolhimento de crianças com deficiência. O nome que poderá vir logo à cabeça do leitor é inclusão. Como bem mencionamos antes, a grande preocupação na época se voltava para o preconceito racial. Falar em direitos humanos e ampliar a discussão sobre outras formas de opressão veio com força a partir dos anos 90, quando seriam realizadas as primeiras conferências nacionais de direitos humanos. Entram aí os debates sobre a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade – no trabalho, nos espaços públicos, dentro de casa, nas escolas.

Levando em consideração que a Escolinha aceitou em grande escala a entrada de crianças com algum tipo de deficiência, crianças que na maioria das vezes não eram aceitas em outras escolas, podemos dizer que o Instituto Educacional de Alencar fazia, sim, a inclusão. Porém, se olharmos por outro ângulo, podemos observar que o João XXIII e a Escolinha abriram as portas para essas crianças quando nem havia discussões sobre o tema. Nildes e suas companheiras faziam o que achavam que deveria ser feito, como educadoras comprometidas que eram: recebê-las sem que o fato de serem diferentes fosse motivo principal para que tivessem espaço na escola.

Por mais que alguns casos requeressem uma atenção mais cuidadosa, havia a compreensão de que todas as crianças tinham suas deficiências, não importando o tipo ou o grau. Todas eram tratadas como iguais diante de suas diferenças e trabalhadas em suas particularidades, fazendo com que aprendessem a lidar com suas limitações. Essa era a visão que conservavam. Como um dos preceitos básicos de Nildes era educar num ambiente de pequenas proporções para atender as necessidades especiais de cada aluno pelo acompanhamento individual, juntamente com o auxílio dos pais, não importava se o aluno estava ou não enquadrado num caso de inclusão.

De qualquer forma, crianças são crianças e o comportamento social com o qual estão em contato fora do alcance de mães e professoras, faz com que exista em qualquer escola demonstrações de preconceito e intolerância com as diferenças mais aparentes. O trabalho da Escolinha se voltava para apontar esses comportamentos, questionar e refletir junto com as crianças as consequências que esses atos podiam causar aos colegas. Era o diálogo entrando em ação para a formação dos alunos.

O ambiente familiar talvez fosse o que chamasse mais atenção na Escolinha. Esse aspecto se manteve, nas suas devidas proporções, ao longo das três décadas de vida da escola. Claro que nada se compara ao primeiro ano quando tinham quarenta cinco alunos, setenta e poucos pais e uma dúzia de funcionários. Mas, mesmo na época de maior lotação, era garantido que em cada sala de aula todos se conhecessem pelo nome e que a professora soubesse quem eram os pais de

cada menino e menina. De forma geral, os alunos eram conhecidos de todos, desde a moça da portaria até o tesoureiro da escola. Do mesmo modo, não havia pai ou aluno que desconhecesse o nome de algum funcionário.

Alguns membros da família Escolinha guardam registros desse ambiente, como Raimundo Nonato, o requisitado vendedor de picolé de todo santo recreio, que ali entrou pela primeira vez aos dezoito anos e só saiu quando não teve outro jeito. Sempre passava em frente e as crianças atrás do muro baixo da escola gritavam que se aproximasse. Um belo dia, uma das supervisoras o convidou para vender picolé do lado de dentro. Foi a oportunidade de entrar para a família. A relação de carinho e respeito que se tinha de forma geral naquela escola ficou muito viva para Nonato no dia em que três meninas o chamaram e o fizeram entrar numa das salas de aula num belo dezesseis de agosto. Lá estava um bolo com velas acesas esperando pelo aniversariante. Para alguém que há tanto tempo não recebia os parabéns no dia do aniversário, a lembrança do lindo gesto das meninas dá um engasgo na voz e uma vontade boa de chorar. E o que dizer da mocinha Emília, que decidira ficar em Fortaleza depois da separação dos pais e da ida da mãe para São Paulo, só para terminar o ensino fundamental na Escolinha? Quando deu saudade da mãe foi pedir colo para a coordenadora que atendeu prontamente. O pai é que se pergunta até hoje qual seria a reação de uma coordenadora ou secretária de um grande colégio a um pedido como esse de uma menina de treze anos de idade.

A família Escolinha também não tinha problemas de socialização com as crianças deficientes. Cegueira não era motivo para ficar de fora das partidas de futebol. Usava-se uma bola especial com guizo para o menino poder jogar com os colegas. E se com cadeira de roda era mais complicado, então o posto de técnico ou de juiz era garantido para poder entrar no jogo. Ou então se colocava xadrez nas competições esportivas, assim todo mundo podia participar. Festa de São João, peças de teatro, viagens, tudo do mesmo jeito. Quando o assunto era participar das atividades da escola e enfrentar os problemas estruturais de mobilidade das crianças com deficiência física, não faltava gente para ajudar o colega ou o aluno que precisasse de uma mão.

Há ainda as lições de vida guardadas entre aluno e professor, como no caso de uma aluna com seus doze anos que jogou na lixeira um rascunho que tinha feito durante uma prova. A professora viu e levantou a suspeita de pesca, e a menina fez sua defesa incisivamente se achando injustiçada. Ouviu da professora que eles educavam os alunos para acreditarem neles e que se ela confirmava que não era pesca, acreditaria na sua palavra. A aluna se espantou com a resposta porque talvez nunca tivessem lhe dado um voto de confiança como aquele. Percebeu com a atitude o sentido da responsabilidade e não se esqueceu da lição.

O ambiente parecia mesmo agradar a todos. Para professoras e professores, trabalhar na Escolinha era saudável. Tinham liberdade dentro de suas classes para testar métodos e se sentiam respeitados e estimulados a aprimorarem conjuntamente o trabalho. Certamente para Nildes este era um fator importante, pois muito cedo sentira como era ruim a falta de encorajamento e de orientação quando se estava iniciando a profissão. Compreendia que toda a equipe pedagógica, não só professoras, como também supervisoras e coordenadoras, formavam a alma da escola. Sem a união e a mentalidade afinada com a linha pedagógica em todos os seus aspectos, sem a confiança no trabalho e sem a segurança para que tomassem as rédeas nos momentos em que não houvesse a figura da diretora por perto, certamente teria sido muito difícil conseguir realizar

a experiência de educação a que se tinham proposto. Nildes acreditava, e tentava passar para o grupo, que o bom funcionamento da Escolinha, a permanência do ideal do qual compartilhavam, não era e nunca seria obra de uma pessoa só. Por esse pensamento, não fazia nenhuma questão de se destacar ou se diferenciar do resto de sua equipe.

Percebia-se isso claramente a partir de uma simples atitude que muito chamava a atenção dos pais: a área de trabalho da diretora. Se estiveram em outras escolas, mais precisamente as tradicionais, devem ter passado pelo desconforto de querer trocar algumas palavras com aquele ou aquela que ocupava o cargo mais alto da instituição e ter de se recolher as vossas insignificâncias pela dificuldade que essa missão podia representar. Se não chegaram a recuar, viram-se diante do dito cujo ou da dita cuja em seu escritório fechado que os olhou com um ar de “diga-me logo porque tenho muitos afazeres” por detrás de sua grande mesa, onde se encontrava uma plaquinha para que não houvesse dúvidas de quem estava à frente: a diretora ou o diretor. Pois bem, na Escolinha, a diretora não tinha sala exclusiva e muito menos plaquinha lhe dispensando de apresentações. O seu local de trabalho era no meio da escola onde havia um quiosque e uma grande mesa de pedra, onde geralmente se reuniam todas as professoras ao final de suas aulas. Nildes chegava ali, colocava seus livros, os cadernos dos alunos, sua agenda, e era onde passava boa parte do tempo, ao alcance de qualquer um que chegasse para trocar algumas palavras. Ao alcance de todos.

\*\*\*

Nildes permaneceu na Secretaria de Educação até meados de 73, quando assumiu o cargo de assessora na recém-criada Fundação Educacional de Fortaleza, a Funefor. Antes disso, em março, Maria Helena tinha sido convidada para dar aulas de supervisão escolar no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia do Ceará, onde tinham estudado. Mais uma vez chama Nildes para acompanhá-la, pois não daria conta de todas as turmas. Nessa época, não havia concursos para ensinar nos cursos superiores, e o contrato vinha por meio de indicações. Nildes conseguiu um contrato como professora tarefa, como era chamado na época. No mesmo ano, a Faculdade se incorpora a outras unidades estaduais de ensino superior formando a primeira Fundação Educacional do Estado do Ceará, a Funeduca. Em 79, a fundação se transforma finalmente em Universidade Estadual do Ceará, após alcançar o número de professores com especialização e pós-graduação exigidos. Nildes passa de professora tarefa à professora adjunta, dedicando dezoito anos ao trabalho na instituição.

No final de 73, consegue férias para visitar Tito na França<sup>27</sup>. No dia 14 janeiro de 71, o irmão fora deportado para o Chile após entrar na lista de presos políticos libertados em troca do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucker, sequestrado pelo comando da Vanguarda Popular Revolucionária<sup>28</sup>. Apesar da liberdade num lugar comandado por um político que acreditava na implantação do socialismo pela via democrática, o que trazia reconforto e esperança para os exilados brasileiros, Tito permanecia muito marcado pelas torturas psicológicas sofridas, situação que se tornava ainda pior estando fora do país, longe de amigos e familiares. A própria estadia nas terras chilenas acabou deixando uma nova marca, ao ser testemunha ocular da queda de Salvador Allende<sup>29</sup> poucos meses depois. Mais uma ditadura sugava as veias da América Latina, cercando por todos os lados os ideais socialistas. Com medo das perseguições no Chile, Tito foi para a Itália, mas foi recebido pelos do-

minicanos como terrorista. Não o queriam por perto. Partiu então para França e lá finalmente achou um refúgio seguro e acolhedor. Ficou no Convento de Lyon, onde recebeu Nildes no final de 73, e com quem passou a virada do ano.

Não era mais o mesmo Tito, era alguém desfigurado de todo o seu interior. Todo o seu potencial de vida estava liquidado. Ela teve a temível certeza que só por um milagre o irmão conseguiria viver com as torturas que ainda sofria. Quando Nildes voltou para casa e encontrou a família reunida esperando por ela no aeroporto, sentiu um forte aperto no coração porque não podia dar-lhes notícias boas.

No dia 10 de agosto de 1974, um corpo é encontrado suspenso por uma corda amarrada a uma árvore nas proximidades de Lyon. Tito<sup>30</sup> teve sua redenção. Seu Ildefonso nunca soube do suicídio, mas também nunca pediu detalhes sobre a morte do filho. Nos três anos que se seguiram adoeceu rapidamente após uma isquemia, apresentando logo depois sinais de Parkinson. Faleceu em setembro de 1977, com oitenta e seis anos de idade.

\*\*\*

A Escolinha passa por mais um luto. Na segunda-feira, dia 12 de agosto, fizeram um hasteamento da bandeira em homenagem a Tito. Seu nome ficaria tão marcado naquela escola que todos os alunos que passaram por ela souberam de sua existência, mesmo que ainda não pudessem compreender tudo o que ele representava para um capítulo sombrio de nossa história. Nildes teve que conter as lágrimas. Não queria que as crianças vissem. Apesar de toda a dor que a esmagava, ao olhar os alunos que em respeito cantavam o hino do Brasil junto às professoras, acreditou que eles continuariam a mesma luta pela transformação social, através dos ideais e dos valores repassados na escola, mas sabia que seria ao modo de cada um e dentro do contexto em que viveriam. Lembrou-se da visita do irmão à primeira casa onde a escola funcionou, da irmã Nailde. Em cada carta enviada da prisão ou do próprio exílio, sempre perguntava como andava a sua Escolinha. As recomendações de não perder a linha de ação e reflexão e acabar transformando a escola num trabalho de ativismo ficaram ainda mais vivas em pensamento.

O hasteamento da bandeira e a comemoração das datas cívicas carregariam sempre a lembrança do jovem que lutara por um ideal e pela liberdade de seu país. Antes da morte de Tito, algumas professoras e funcionários ficavam incomodados com o ato, já que se sentiam cedendo à ordem dos militares, que exigiam que as escolas fizessem o hasteamento. Sempre falando no valor do patriotismo, Nildes acreditava que era preciso amar o país e seu povo acima de tudo, e ter amor à pátria não era dar o braço a torcer à ditadura. Queria que a mensagem ficasse para os alunos e nunca abandonou o ritual simbólico da fila, da mão no peito e dos olhos seguindo a bandeira se erguendo pelo mastro, ainda que a postura militar não agradasse, o tempo passasse e o hino parecesse só ter valor no início das partidas de futebol da seleção brasileira.

\*\*\*

A vida de Nildes, sempre dedicada à educação e à militância religiosa, ganharia contornos

políticos mais claros a partir de 75, através de uma movimentação na cidade que teve início com uma carta de Terezinha Zerbini<sup>31</sup> a algumas mulheres, pedindo que formassem no Ceará o terceiro núcleo do Movimento Feminino pela Anistia do país. Uma mãe de aluno da Escolinha, esposa de preso político, foi uma das mulheres que recebeu a carta. Ela e muitas outras se juntaram para dar corpo à luta, o que levou à formação de dois grupos dentro do movimento: a das militantes políticas; e a das mulheres que tinham familiares presos e aderiram à causa pelo lado emotivo, geralmente mais conservadoras.

Nildes entrou identificada com o segundo grupo no que diz respeito ao lado emocional, mas teve uma atuação muito importante que permitiu manter a unidade geral pela posição que assumiu de presidente do movimento. A escolha de seu nome para ocupar o cargo veio por três motivos principais: pelo significado da morte de Tito um ano antes e pela repercussão da carta de denúncia do irmão sobre as torturas que sofreu; pelo reconhecimento social ao seu trabalho como educadora; e por sua postura ética e coerente, sempre atenta à reflexão crítica e analítica sobre as propostas frequentemente contrárias entre os dois grupos de mulheres atuantes, representando também um símbolo pacificador para o movimento, por não ser uma mulher identificada com antecedentes de envolvimento com partidos ou grupos políticos. Nildes confessa que teve receios de assumir a presidência, tanto pela família que temia por sua segurança, quanto por considerar que não tinha o perfil, sobre o que faz questão de dizer que apesar da posição de chefia, se via como mais uma integrante e que havia mulheres muito mais à frente do que ela dentro do movimento. Por todos os apontamentos feitos pelas colegas que indicaram seu nome e pela causa maior que o movimento representava, aceitou.

O MFPA ganhou apoio importante dentro da Igreja, do Movimento Democrático Brasileiro<sup>32</sup> (MDB), dos movimentos sociais, de jornais alternativos, da Ordem dos Advogados do Brasil – que muito auxiliou nas questões jurídicas com a prisão de companheiros, tendo destaque a figura de Dra. Wanda Sidou – e de muitos cidadãos que se uniram por solidariedade. Pelo MDB, um dos que deu respaldo ao movimento dentro da Câmara foi o vereador Bianou de Andrade, então companheiro de Nildes, que teria inclusive grande influência política sobre ela. Quando se conheceram, ambos ainda no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Bianou já atuava na vida partidária, sendo também candidato a vereador, na época. Na luta pela anistia, a participação de outros companheiros das mulheres do movimento foi uma característica que deu destaque ao núcleo do MFPA do Ceará. A presença masculina não era bem vista por Terezinha Zerbini, pois esta achava que o movimento perdia sua definição de ser um grupo feminino e que era prejudicial a participação dos homens, geralmente muito ligados a uma militância partidária ou bastante ideológica, sendo mais inclinados a um embate direto de confronto com o regime.

Com a escolha de Nildes como presidente e tendo ela já colocado sua escola como local disponível para que fizessem as reuniões do movimento, a Escolinha passa a ser a sede do MFPA. As primeiras reuniões foram feitas sob muita insegurança, achando que poderiam sofrer repressão. Aos poucos, com o fortalecimento da luta e a visibilidade que ganharam, as reuniões passaram a ser divulgadas. Todas as quartas-feiras, às sete horas da noite, quando já não havia mais aulas nem alunos. A Escolinha acabou servindo, além de espaço de reuniões, como suporte para a impressão de materiais.

A cumplicidade e a união entre militantes de vários grupos políticos, fez com que a Escolinha abrisse suas portas para outros movimentos como o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8)<sup>33</sup> e o Movimento Pró-Mudanças Frei Tito<sup>34</sup>, além de ter o sido espaço onde o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT) foram fundados em Fortaleza. A escola foi um verdadeiro reduto de mobilizações.

No dia 28 de agosto de 1979, o presidente João Figueiredo sanciona a Lei da Anistia, aprovada pelo Congresso Nacional. O Movimento Feminino pela Anistia tinha cumprido a sua missão. A vitória trouxe de volta ao país centenas de brasileiros, por tantos anos exilados. Nildes e a família, esperavam ansiosamente o corpo de Tito, que agora ia poder finalmente descansar no solo tão amado e querido, pelo qual tinha doado seus últimos anos de vida.

O Instituto Educacional de Alencar, pela importância que representou para o movimento pela anistia, assim como para tantos outros, ficou conhecido como espaço histórico para a luta política do período. Para os exilados que puderam voltar a Fortaleza, a Escolinha também foi o lugar onde seus filhos foram recebidos, de graça, até que conseguissem reconstruir suas vidas e ter dinheiro para pagar pela educação de suas crianças. Para algumas companheiras do MFPA, a escola foi também o lugar onde conseguiram trabalho, já que seus nomes estavam na lista negra da ditadura e ninguém queria aceitá-las. Esse foi o caso de Rosa da Fonseca, presa durante dois anos antes da formação do movimento pela anistia, e de Raimunda Zélia, que passou cinco anos sem emprego, após ter sido demitida do local em que trabalhava.

Na década de 90, a escola reúne pais, alunos, funcionários, amigos, políticos e militantes do antigo MFPA e da Associação 64/68 para homenagear a advogada Wanda Sidou, após sua morte, pela determinação com que defendeu tantos presos políticos, contribuindo imensamente para o processo de anistia. A placa em sua homenagem foi colocada no quiosque onde houveram tantos encontros e reuniões.

\*\*\*

Os quarenta e cinco alunos viraram mais de setenta, que viraram cem, que ainda triplicariam. Pelas anotações na antiga caderneta de Nildes, no dia 21 de abril de 1982, a Escolinha tinha um pouco mais de trezentos alunos nos dois turnos em que funcionava, e trinta e seis pessoas trabalhando. Foi o seu auge. Para uma pequena escola que não fazia nenhum tipo de propaganda, nem mesmo distribuição de panfletos nos pontos de ônibus; para sua proposta de turmas reduzidas e pelo próprio espaço físico que tinha, o número era significativo. Sem contar a concorrência pelas poucas vagas existentes, o que proporcionava casos curiosos como o que presenciou Nonato, o vendedor de picolé, na primeira década de trabalho na escola. Viu adentrar pelo portão uma mãe, com o filho ainda na barriga, querendo garantir que dali a quatro anos o menino, ou a menina, teria uma vaga.

A procura, sem dúvida, era maior que a oferta e a Escolinha acabou adotando prioridades para os que estivessem na fila. Entrava primeiro quem fosse filho de funcionário; quem já tivesse irmãos ali ou fosse indicado por alguém de dentro da escola, porque era mais fácil que os pais conhecessem o funcionamento pedagógico; ou fosse membro da família Alencar Lima. O último caso fez com que o Instituto se tornasse também familiar no sentido literal. Isso ainda levando em conta os parentes que foram trabalhar na escola, principalmente como professores, pois muitos seguiram o caminho do magistério, assim como Nildes, e deram seus primeiros passos na carreira dentro da Escolinha.

A procura tinha seus motivos. Voltando à década de 60, o surgimento do Instituto Educacional João XXIII e posteriormente da Escolinha, lançando propostas pedagógicas que fugiam em vários aspectos do padrão de escola que era encontrado na cidade, como o atendimento pessoal,

o novo olhar sobre a participação da criança na sua própria educação, a preocupação com a formação humana, o estímulo ao diálogo e o aspecto familiar, começou a chamar a atenção de pais. Isso certamente impulsionou com o passar dos anos o surgimento de muitas outras escolinhas com propostas semelhantes, ou ainda mais alternativas, que tiveram um trabalho reconhecido, principalmente com relação à educação infantil.

A partir da década de 80, as escolas tradicionais se tornam ainda maiores, passam a receber uma quantidade crescente de alunos e até a próxima década ampliariam cada vez mais suas estruturas físicas e a oferta de ensino para manter o aluno desde a educação infantil até os últimos anos de estudos, antes do vestibular. Processo que aprofundou muitas características entendidas como negativas pelos que haviam se sentido estimulados a criar experiências educacionais diferentes com trabalhos de menores proporções.

Dentre a nova geração de pais, aqueles um pouco mais preocupados com a atenção dedicada aos filhos, sabendo que nas grandes escolas seriam fatalmente números de matrícula em muitas ocasiões, escolheriam escolas pequenas onde suas crianças, e eles mesmos, fossem reconhecidos pelo nome. Pela postura e pela filosofia que conservou, a Escolinha manteve adeptos.

Como já sabe bem o leitor, os pilares pedagógicos erguidos na Escolinha foram transferidos do João XXIII, como uma verdadeira continuidade do trabalho. Pelos que fizeram a transição entre as escolas, esse era o sentimento e esse foi o desejo do grupo na sua concepção. Com a possibilidade do tempo estendido para colocar adiante a experiência, muita coisa pôde ser aprimorada. A proposta pedagógica continuou com suas duas bases principais: a formação cognitiva, intelectual, ou seja, a parte conteudística, na qual haviam propostas diferenciadas de metodologia utilizada para o ensino; e a formação humana, pelo entendimento de que educar era muito mais do que o simples repasse de conteúdos. A escola, na proposta do grupo, era o local onde o desenvolvimento da criança passava pelo cognitivo, pelo psicológico e, principalmente, pelo social, três aspectos intrinsecamente interligados.

Sua postura diferenciada de ensino tinha como ponto principal a compreensão de que a criança deveria ser agente e se perceber como tal na sua própria formação, proposta inspirada nas experiências de Summerhill. Como já mencionado a algumas páginas atrás, não que a Escolinha, ou mesmo o João XXIII, tenham feito experiências como aquelas encontradas na escola de Neill, pois nada até hoje se compara ao que ainda é feito ali. Mas algumas visões e princípios absorvidos, foram essenciais para que adotassem uma via de mão dupla na forma de se educar, pela qual o aluno não era mais apenas um receptor de informação e regras sociais, e onde era trabalhada a noção de uma liberdade reflexiva, em que a criança estaria sempre sendo estimulada a pensar sobre suas atitudes. Aí entra o diálogo como a ferramenta essencial para uma proposta de educação como esta. Mesmo que a liberdade fosse seguida através desta linha reflexiva, esse foi um ponto de choque para alguns visitantes e professores ainda amarrados à antiga educação formal que colocava pequenos numa posição de inferioridade. Quando viam crianças tratando de igual para igual com os adultos, achavam os alunos daquela escola ousados demais. Nildes garante que havia respeito e que era preciso mudar esse pensamento de domínio em relação aos menores.

Sobre essa relação de iguais que tentava se manter entre crianças e adultos, mesmo com as reações de confronto de alguns, mais uma vez se comprovava uma coerência na linha de ação da escola quando a liberdade reflexiva era também trabalhada com os professores. Houve um caso em que um aluno, tendo esquecido seu caderno em casa, falou ao professor que não tinha onde anotar as lições. Este respondeu que “se virasse”. Quando percebeu, viu que o menino estava copiando os deveres na sola do sapato. O professor ficou danado da vida e levou o insolente direto para Nildes. Ao ouvir os dois lados da história deu razão à criança, que a seu ver tinha seguido as



orientações do professor para “se virar”. Se entendera a reação como enfrentamento, não podia repreender porque ele mesmo havia dado margens à resposta. Como iam querer que os alunos se transformassem em pessoas justas, se não houvesse a reflexão sobre as próprias atitudes contraditórias dos adultos? O risco é que aprendessem mais tarde a recorrer à autoridade como uma forma legítima de ganharem razão.

Outro fator fundamental que construiu a base filosófica das experiências educacionais de Nildes foram os ensinamentos cristãos a partir da Ação Católica, como já exposto anteriormente pela influência de seu engajamento e das colegas na militância de JEC. A Escolinha, apesar de sua orientação católica, respeitava e acolhia qualquer aluno que fizesse parte de outra religião, sendo dispensados das aulas de educação religiosa caso os pais ou o próprio aluno não se sentisse à vontade. Contudo, Nildes tentava incentivar a participação de todos, justamente pela proposta de uma aula de religiosidade que estivesse ao alcance de qualquer religião e para além dela, se caracterizando como uma verdadeira aula de formação humana.

Dentro da filosofia humanística, temos a presença das crianças com deficiência. Anteriormente havia falado da dificuldade nas escolas em geral de aceitar alunos que tivessem problemas físicos, de socialização ou de aprendizado. Isso acontecia geralmente por dois motivos. Ou porque as escolas se sentiam despreparadas para atender essas crianças; ou porque a escola simplesmente cedia à pressão de pais que temiam que a entrada de um aluno excepcional na sala de seus filhos pudesse comprometer o aprendizado dos demais. O João XXIII, quando recebe a primeira criança com deficiência, aceita o desafio, e sem nenhuma orientação pedagógica, apenas por um sentido humano, acolhe a menina e outras crianças que iriam surgir nos cinco anos de existência da escola.

O Instituto Educacional de Alencar continua o trabalho e se torna a primeira escola da cidade a receber amplamente crianças com deficiência, garantindo juridicamente em seu estatuto, a partir da década de 80, a inclusão de dez por cento de crianças com alguma necessidade especial em cada sala, o que representava duas vagas para as turmas que chegavam a ter uma média de vinte alunos. A medida foi tomada para garantir aos pais respaldo legal frente às pressões de outros pais.

A escola recebeu crianças em cadeira de rodas, crianças com síndrome de down, surdas-mudas, cegas, autistas, disléxicas, dentre tantas outras com diferentes particularidades. Naturalmente, lidar com algumas dessas características em sala de aula representou um grande desafio para as professoras que compartilhavam a falta de experiência. O aprendizado foi sendo construído. O diálogo nas reuniões semanais e nos intervalos das aulas e a ajuda de alguns psicólogos e psiquiatras amigos deu, aos poucos, a segurança necessária para realizar o trabalho. Mesmo com suas próprias deficiências e com o despreparo inicial de sua equipe, a escola assumiu a proposta, quebrando a lógica exposta por muitos grupos atuais que discutem a temática, de que é preciso primeiro um processo de adaptação e preparação para que depois se faça o que hoje chamam de inclusão. Para o grupo de Nildes bastou inicialmente humanidade para acolher e esforço para oferecer a essas crianças tudo o que estivesse ao alcance da escola.

Já entrando na formação cognitiva, a metodologia de trabalho se voltava muito para novas propostas de ensino. Meninos sentados nas suas carteiras por horas atentos à professora e à lousa era um método atrasado. O João XXIII começou a propor trabalhos em grupo, visitas a pontos históricos da cidade, e a Escolinha ampliou as possibilidades para as visitas aos bairros pobres de

Fortaleza e viagens pelo interior do Ceará e para outros estados do Nordeste, com o objetivo de tirar as crianças dos limites de suas casas e da escola.

Já nas salas de aula os pequeninos do jardim trabalhavam com suas *tias* o método global e as lições sobre hábitos e atitudes. Essas eram as orientações gerais, mas em cada turma as professoras tinham liberdade para escolher como trabalhar esses pontos. Ficava sob a responsabilidade das supervisoras o controle sobre o que estava sendo feito em aula, através de visitas às salas e da análise dos relatórios das professoras sobre as atividades.

Pegando o exemplo de uma das professora que por ali passou, a primeira coisa que fazia era sentar em rodinha com as crianças e decidir em conjunto o que fariam no dia. O planejamento já estava feito, mas se as crianças não concordassem com a proposta, pensavam em outra atividade. Para atender às orientações de Nildes quanto às atitudes, as professoras incentivavam a solidariedade, o respeito e a ajuda entre os colegas. A colaboração em sala geralmente acontecia com a escolha de ajudantes do dia para pegar os materiais que iam ser utilizados, arrumar o que estivesse fora do lugar ao final da aula, entre outras responsabilidades. Tudo era aproveitado para o aprendizado e desenvolvimento das crianças. Para escolher os ajudantes do dia, as professoras faziam fichas com os nomes de todos da turma e sorteava. Aos poucos, os meninos associavam os desenhos das fichas com os nomes de cada um. Exploravam muito a associação pela visualização. Para o desenvolvimento motor, algumas faziam desenhos na lousa e pediam para os meninos apagarem com o dedo repetindo o movimento que tinham feito para desenhar. As brincadeiras no parquinho de areia também eram importantes para isso. No ensino de hábitos, fora o momento inicial dentro de sala com a rodinha, também tinham a hora de fazer fila para lavar as mãos antes de comer a merenda. As músicas ajudavam também para associarem ao momento e lembrarem do ritual.

O resto da escola também participava de rituais. O ritual cotidiano compartilhado entre todos era o bom-dia. Antes das aulas iniciarem, a professora que ficava responsável pelo bom-dia, compartilhava alguma reflexão, observação, ou simplesmente pedia para que os alunos ficassem em silêncio ouvindo o vento bater nas folhas das árvores. As turmas iam chegando e formavam as filas de cada série. A hora do bom-dia era como um momento de meditação e relaxamento para o longo dia que se iniciava. Ao final, geralmente se fazia o hasteamento da bandeira e cantavam o hino nacional, confirmando o forte patriotismo de Nildes e a sua preocupação em repassar o valor da nação para os alunos.

Para as datas comemorativas cada turma fazia atividades, conversas e reflexões sobre o porquê de tal comemoração. O trabalho era mais forte com os pequenos, já que tinham tempo muito maior para explorar os temas. Por exemplo, se na semana que estava se iniciando haveria o Dia da Árvore, então passariam todos aqueles dias falando da natureza, de meio ambiente, da importância das árvores; saíam de sala para ver se a escola era arborizada e uma infinidade de atividades que estivessem ao alcance da imaginação das professoras e dos próprios alunos. Todos esses detalhes eram pensados em conjunto entre toda a equipe de professores, coordenadores e supervisores. Os dias de sábado eram reservados às longas reuniões onde eram feitos os planejamentos de cada série e era avaliada a semana que havia passado.

Para aqueles que chegavam ao primeiro ano fundamental, novos conteúdos e atividades começavam a fazer parte de seus cotidianos. Tinham início as avaliações. Nesse quesito a escola também resolveu romper com a linha tradicional. Uma das formas de avaliação era a auto-avaliação. A intenção era criar nos meninos e meninas a auto-crítica e a responsabilidade pelo

juízo que faziam de si mesmos. Outro método era a avaliação grupal, feita pelo professor, do desempenho geral da turma e do entrosamento entre os colegas em atividades conjuntas, sem perder de vista as diferenças individuais. O último eram as provas, não havendo, no entanto, um período fixo para realização destas. Outra diferença é que todas as avaliações eram feitas a partir de conceitos ao invés de notas de zero a dez, e se levava em consideração as avaliações subjetivas do professor sobre o desempenho dos alunos. Os conceitos ou classificações de desempenho eram: insuficiente, regular, bom e ótimo. A decisão causou incômodo a alguns pais que temiam que o método acabasse afrouxando a rigidez com os estudos e os meninos chegassem nas últimas séries em desvantagem em relação aos alunos de outras escolas.

O motivo para tanto desconforto se completava com a pequena quantidade de exercícios para casa. Para a equipe da Escolinha, não havia necessidade de sobrecarregar os meninos com atividades. Para os mais velhos a prioridade era o aprofundamento dos conteúdos, e não a quantidade. E para os pequenos, era importante que tivessem tempo para aquilo que toda criança deveria fazer: brincar. A constatação veio à tona em reunião de pais quando um se colocou contra e outro partiu a favor do posicionamento da escola, questionando exatamente que horas teriam as crianças para subir nas árvores e fazer tudo o que supostamente deveriam ser incentivadas.

Ainda sobre as avaliações, as crianças que tivessem alguma dificuldade maior para acompanhar os conteúdos, como os casos comuns de déficit cognitivo, faziam provas diferenciadas. Mas isso nem sempre chegava ao conhecimento dos colegas, propositalmente, para que não ficasse em evidência uma diferenciação e para evitar que o aluno sofresse constrangimentos ou se sentisse inferiorizado. Cobrava-se do aluno até onde ele podia ser cobrado. O aprendizado se dava no ritmo de cada um. Outro posicionamento muito julgado porque os pais temiam que o método também prejudicasse o desenvolvimento dos alunos. Nildes, por sua vez, insistia que a escola tinha oito anos de ensino fundamental para trabalhar com as crianças e desenvolvê-las e o tempo era suficiente. Não precisava ter pressa. A escola adotou a postura e quem permaneceu ali foi porque concordou e confiou no trabalho ou porque nenhuma outra escola aceitou seu filho, caso muito comum, tendo a Escolinha recebido muitos alunos e alunas rejeitados por outros colégios. Nessas horas via-se, mais uma vez, como o contato com os pais era importante para que houvesse uma compreensão e uma aceitação do que se fazia na escola. De nada adiantava que tomassem uma posição sem que os pais concordassem com as posturas adotadas. O trabalho precisava ser unificado.

Quando os alunos chegavam à oitava série, o resultado comprovava que a escola tinha acertado nas suas decisões, a não ser em casos em que a criança tivesse limitações de aprendizado muito grande; mas ainda estas conseguiam avanços consideráveis em seu desenvolvimento. Contou muito para isso os reforços direcionados para as dificuldades específicas de cada aluno. Havia essa preocupação e esse acompanhamento que garantia o desenvolvimento da criança quando demonstrasse dificuldades em certas matérias ou conteúdos. Nesse aspecto, mesmo que nas séries finais não fossem cobradas matérias como física, que acabava apertando os calos dos alunos nas outras escolas, na maioria das matérias conseguiam bom desempenho, principalmente com o português, o grande forte da Escolinha. Era comum quando os alunos saíam do Instituto para o ensino médio, que os professores das escolas para as quais partiam perguntas curiosas de onde vinham aquelas moças e rapazes que frequentemente se destacavam frente aos novos colegas. Lembra-se Melânia Vasconcelos, coordenadora da Escolinha por muitos anos, que certa vez vários alunos de uma turma que estava terminando a oitava série resolveram fazer o teste de seleção para o colégio Cearense, conhecido por sua rigidez e pela fama de excelente escola, motivo pelo qual muitos pais queriam que seus filhos estudassem ali. Na expectativa pelo resultado, mães e

pais se aglomeraram no pátio do colégio para verem a lista de aprovados. Alguém que deveria ser a coordenadora chegou junto a eles e disse que não tinham ainda a lista completa, mas que podia adiantar que todos os alunos do Instituto Educacional de Alencar tinham sido selecionados.

Apesar da Escolinha manter um nível de exigência considerado baixo com relação aos conteúdos, nas séries terminais as aulas não fugiam tanto do tradicional. Fora as matérias básicas como português, matemática, história, geografia e ciências, os alunos tinham aulas de educação física, educação artística e educação sexual. Esta última era algo fora do comum para as escolas tradicionais que mantinham um distanciamento enorme em relação a esses assuntos considerados tabus. A Escolinha, entendendo a importância de educar as crianças também quanto a esse aspecto, fazia questão de que houvesse a orientação sexual para os pré-adolescentes que já davam os sinais da puberdade. Esse foi outro ponto que teve a influência dos escritos de Neil. Havia, também, nos boletins, espaço para a avaliação da integração social, levando em consideração a socialização dos alunos, tanto em sala quanto fora dela, analisando a participação dos mesmos nas atividades curriculares e nas atividades lúdicas da escola; e para as práticas integradas para o lar, representadas por qualquer atividade que atendesse a demandas domésticas, como, por exemplo, aulas de culinária.

Para que o resto da escola e os pais pudessem ter contato com o que os filhos estavam aprendendo, faziam-se as feiras de ciência e noites culturais, prática comum hoje na maioria dos colégios. O destaque ia para as noites culturais, grandes eventos da Escolinha que variavam a cada ano e se ampliavam com a apresentação das produções artísticas de todo tipo, como trabalhos artesanais, desenhos, poesias, redações e peças de teatro. Em uma das muitas noites culturais, os alunos se espalharam pela escola e se vestiram a caráter para encarnar os personagens e as histórias que tinham lido durante o ano e contá-las para cada visitante que se aproximava. O incentivo à leitura era muito valorizado. A partir da primeira série os alunos tinham contato com os primeiros livros de literatura. A partir da quarta série era normal que a lista de livros chegasse a oito por ano. A escolha dos livros literários e didáticos era feita criteriosamente, e as outras escolas tanto sabiam disso que muitas vezes consultavam nas livrarias – onde eram deixadas as listas – os livros que estavam sendo adotados na Escolinha. As redações também eram valorizadas. Faziam-se cadernos só com os textos produzidos pelas turmas, os quais eram lançados nas noites culturais, com toda a importância que mereciam.

O ensino conteudístico e humano se complementavam com outras atividades, tanto em sala quanto fora dela. Ao final do percurso de uma turma, quando se aproximavam do momento solene onde receberiam de Nildes e dos professores o diploma de formatura, a equipe da Escolinha sentia orgulho das moças e rapazes que tinham ajudado a formar e ficavam seguros do bom desempenho que teriam nos outros colégios e na vida, como pessoas capazes, preparadas, críticas e, acima de tudo, humanas. A escola passou a adotar uma última avaliação. Era a hora da turma que estava se despedindo deixar para professores, funcionários e colegas, seus depoimentos sobre a passagem pela escola. Queriam que dessem um retorno do que tinha sido bom, para aprimorar, e do que tinha sido ruim, para modificar. A declaração mais marcante para Nildes foi a de uma garota que escreveu na sua avaliação que se algum dia tivesse uma criança com deficiência não teria nenhum problema em aceitá-la, porque naquela escola aprendera a respeitar as diferenças e a conviver com as limitações de cada um.

\*\*\*

Depois da Lei da Anistia aprovada, algumas integrantes do MFPA resolveram partir para outras formas de dar continuidade à militância. Uma conquista tinha sido alcançada, mas ainda havia muitos anseios por mudanças. Decidiram lutar dentro da máquina política. Nildes, incentivada pelo companheiro Bianou, juntou-se a elas e lançou sua candidatura em 1982, ao cargo de vereadora pelo PMDB<sup>35</sup>.

A Escolinha acabou sendo, de certa forma, um comitê de campanha, mas não havia abordagem aos alunos para pedir votos aos pais. Quando tinha a oportunidade falava diretamente a eles e lhes pedia um voto de confiança, caso não tivessem candidato. Alguns pais esperavam um certo distanciamento político no que dissesse respeito à escola, havendo posicionamentos contra a propaganda política no muro e contra carros de som ao redor do quarteirão.

Nildes conseguiu ser eleita com uma quantidade significativa de votos, mas descobriu dentro da Câmara Municipal como o trabalho era limitado e testemunhou com os próprios olhos o quão mesquinho e restrito era aquele ambiente. Percebeu que o verdadeiro trabalho político, valoroso e livre de amarras se fazia fora dali, como sociedade civil organizada. Durante os quatro anos de mandato batalhou para dar voz aos direitos humanos, principalmente aos direitos da mulher, e para resolver os problemas da educação.

\*\*\*

O corpo de Tito de Alencar Lima chegou nove anos depois de sua morte, em março de 1983. Uma missa com celebração de corpo presente foi comandada por Dom Aloísio Lorscheider na Catedral de Fortaleza. Após a cerimônia foi feito um cortejo da Catedral até o cemitério São João Batista, na contramão da rua Castro e Silva. Sempre subvertendo a ordem, como diria o ator Ricardo Guilherme<sup>36</sup>, um de seus biógrafos, que foi, durante a infância e juventude, vizinho de Nailde e, posteriormente, da primeira sede da Escolinha.

A volta de Tito fez ressurgir num ex-aluno as lembranças da Escolinha de Nildes. Aquele nome tão vivo na escola, o sofrimento da família acompanhado de perto, mas ainda tão novo para entender o que acontecia a sua volta. Depois de tanto tempo, sentou e escreveu sobre as memórias que guardou dos tempos de escola. Estas foram parar no jornal e nos recortes da família, nos arquivos do irmão Ildefonso, como lembrança de um dos muitos alunos que ajudaram a educar.



O be-a-ba da vida - Texto de José Luciano Diógenes, ex-aluno da Escolinha. Jornal O Povo, março de 1983

\*\*\*

Com o processo de redemocratização do país, ocorrem em 1985 as primeiras eleições municipais diretas para a Prefeitura e a Escolinha convida os candidatos para apresentarem suas propostas à comunidade escolar. Ao longo da campanha, os alunos se envolveram com debates, escolheram seus candidatos e também fizeram suas campanhas para o dia da simulação das eleições na escola, que se repetiu todos os anos posteriores em que a população foi às urnas. A ideia partiu da intenção de discutir com os alunos a consciência política e a importância da escolha dos representantes na vida dos cidadãos. A prática se tornou uma verdadeira aula de cidadania, sendo adotada depois por muitos outros colégios.

É certo que havia na Escolinha a inclinação ideológica de esquerda, o que pode ter causado o protesto de um aluno sobre a concentração das discussões políticas em duas únicas candidaturas. Professores, pais de alunos, funcionários estavam divididos entre os nomes de Paes de Andrade, pelo PMDB, e de Maria Luiza – ex-integrante do MFPA – pelo Partido dos Trabalhadores. Entre aqueles que apoiavam Paes de Andrade, as discussões entre os alunos na escola preocupava, por mostrar que as eleições por ali já pareciam apontar a vitória da jovem professora universitária.

Na contagem dos votos, os alunos do Instituto Educacional de Alencar elegeram a candidata do PT, o que se repetiu nas eleições reais. A população da cidade deu uma resposta à velha oligarquia dos coronéis, que já vinha enfrentando sérios abalos com a ruptura de seus próprios apadrinhados, como o então governador Gonzaga Mota. A expressividade crescente de Maria Luiza durante a campanha mostrou a afinidade da população com sua candidatura, que representava uma nova visão política, levando à frente a ideia de mudança com o slogan Governar o novo com o povo. Infelizmente seu mandato foi percorrido por cima de armadilhas causadas pela dependência do repasse de recursos federais para a administração da cidade. Tudo indica que houve bloqueios no repasse de verbas também pelos próprios governos estaduais de Gonzaga Mota<sup>37</sup> e, posteriormente, de Tasso Jereissati<sup>38</sup>. Sem verbas, a Prefeitura entrou em colapso e a cidade teve uma série de problemas estruturais que destruíram a imagem da campanha de Maria Luiza durante sua gestão.

No mesmo período, quem também enfrentou problemas foi o governador Tasso Jereissati, que assumiu em 1987. Durante a campanha no final do ano anterior, apesar de representar a nova categoria dos empresários que subiria à esfera política e que naturalmente tinha objetivos de governo diferentes dos pretendidos pelos grupos de esquerda, Tasso conseguiu apoio dos militantes do Movimento Pró-Mudanças, dos partidos PC do B, PCB e PDC (Partido Comunista do Brasil, Partido Comunista Brasileiro e Partido Democrata Cristão), e de movimentos populares como a Federação de Bairros e Favelas, ao lançar sua candidatura pelo PMDB, representando o anseio de mudança e colocando a dualidade entre a política tradicional e a política moderna a seu favor. Os choques de governo começam com a grave situação encontrada na máquina administrativa, principalmente com a imensa quantidade de contratações irregulares e a acumulação de cargos. Para tentar colocar ordem na casa, Tasso adotou medidas drásticas demitindo quase quarenta mil contratados. A ação se estendeu em vários setores, dentre eles a educação, gerando colapso no sistema público de ensino. Adotando os cortes de maneira generalizada, sem o conhecimento de especificidades dos setores, os contratos de treze mil professores foram cancelados em todo o

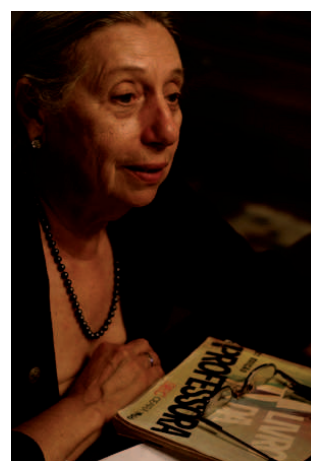
Estado, afetando aqueles que estavam em sala de aula, comprometendo o calendário escolar de milhares de alunos e colocando escolas à beira de fechar as portas por falta de pessoal. Professores tomaram as ruas em greve, fazendo uma paralisação da rede pública por quarenta e três dias. A situação foi alardeada na imprensa, causando pressão ao secretário Paulo Elpídio e seu assessor que acabaram entregando os cargos.

No outro dia, Nildes recebe uma ligação lhe pedindo para comparecer à Secretaria. Queriam que assumisse o cargo. Transfeririam o seu posto na Câmara para a Secretaria e cumpriria lá o final de seu mandato. Estava deitando numa cama de espinhos, mas se viu obrigada a aceitar. Assumiu o cargo no dia onze de março de 1988. Passaria um ano e oito meses tentando consertar o imenso erro cometido pelo governo. Durante vários meses, Nildes alternou seus dias de trabalho entre a Secretaria e as viagens pelo interior, fazendo reuniões nas escolas. Por um momento, quando professores souberam da notícia de que ela assumiria a secretaria, acharam que fosse capaz de refazer os contratos sem mais burocracias. Vendo que nada poderia fazer sobre a situação, lançaram-lhe injustos olhares tortos. Pouco a pouco, a maioria conseguiu recuperar seus contratos por meio da Justiça e voltar para as escolas.

O mandato de Tasso fica assim marcado pela falta de diálogo, afastando os grupos que lhe deram apoio durante a campanha, e levando a sua própria ruptura com o PMDB. As diferenças de posicionamentos políticos frente às eleições presidenciais fizeram com que Nildes saísse da secretaria em agosto de 89, porque não considerava ético permanecer num cargo de confiança de um governo que tinha uma linha diferente da sua. É de se imaginar que o desgaste psicológico enfrentado também teve bastante peso na sua decisão.

Nas eleições seguintes, Nildes se candidata novamente, ainda pelas motivações de Bianou, mas no seu íntimo reza todos os terços possíveis para não ser eleita. Livrou-se. Não voltaria dessa vez e nunca mais. Os seis anos divididos entre o mandato como vereadora e o trabalho na Secretaria foram os de maior desgaste psicológico para Nildes. Foram também os anos em que mais esteve distante do seu grande projeto de vida: a Escolinha. Sabia que não estivera no caminho certo.





1. Nildes, ao lado de Tito, com as irmãs e dona Laura (1957) / 2. Na primeira sede da Escolinha. Nildes - terceira da esquerda para a direita (22 de outubro de 1968) / 3. Nildes em sua visita a Tito em Lyon (janeiro de 1974) / 4. Passeata dos alunos da Escolinha / 5. Nildes com *O Livro da Professora* / 6. Passeata / 7. Segunda sede da escola.

Créditos: Livro *Frei Tito em nome da memória* (1 e 3), acervo pessoal de Nildes (2,4,6 e 7), Analice Diniz - Revista Entrevista nº 22 (5)



Fotos em preto e branco: década de 80 -  
Crédito: José Albano



8. Festa de São João (década de 80) / 9. Peça de teatro (década de 90) / 10. Festa de São João (década de 90) / 11. Eu (à direita) na cerimônia de entrega da cartilha de ABC, ao final da alfabetização, para os novos alunos que seriam alfabetizados no ano seguinte (1993).  
Créditos: José Albano (8), acervo pessoal (9,10 e 11)

## Terceiro Capítulo

### *O fim de um sonho?*

#### *1990 - 2001: Os tempos são outros*

O sistema de ensino particular teve três décadas para se fortalecer através das inúmeras medidas implantadas a favor dos empresários da educação. Isenção fiscal, concessão de bolsas de estudo, repasse de verbas do governo através de empréstimos internacionais e até mesmo a inibição da expansão de escolas públicas pelos governos a fim de garantir aos particulares sua reserva de mercado. Com todo o acúmulo financeiro que foi possível durante esse tempo, estes souberam muito bem como empregar em suas escolas os recursos excedentes obtidos, ampliando seus espaços físicos e oferecendo melhores estruturas. As melhorias, por sua vez, acabaram atraindo pais e mães da crescente classe média, tornando as grandes escolas cada vez mais visadas, tanto que ter filhos matriculados nestas, passou a representar uma espécie de status social. Fora os subsídios do governo, os donos dos grandes empreendimentos educacionais conseguiram aumentar seus lucros com o aumento de vagas indiscriminado, abarrotando salas de aula com uma quantidade crescente de alunos, o que lhes garantia mais retorno financeiro sem que houvesse gastos para isso.

No final da década de 80 e início da década de 90, acontece a corrida pela modernização nas grandes escolas. Construção de novas sedes, equipamentos modernos, laboratórios, quadras poliesportivas, além da oferta de aulas de informática e de línguas estrangeiras, atividades extra-classe, como aulas de natação, futebol, teatro, tudo o que estivesse ao alcance das escolas privadas para atrair novos alunos. A arma que seria utilizada em larga escala para tal objetivo era a publicidade, colocando em pé de guerra os grandes estabelecimentos educacionais da cidade que disputavam nos jornais, nas rádios, nos canais de televisão e nos outdoors quem tinha mais vantagens para oferecer aos pais e mães, ainda indecisos sobre qual deveria ser o melhor colégio para matricular seus filhos. Ficava estampado que o lucro era a alma do negócio, contaminando a educação com o caráter mercantil. E mesmo que isso não parecesse afetar diretamente a qualidade de ensino, garantindo o bom preparo dos alunos no que diz respeito aos conteúdos e ainda oferecendo oportunidades de atividades extras interessantes para o desenvolvimento das crianças e jovens, bastava uma análise mais atenta para perceber que o ensino para além do acúmulo intelectual e o atendimento individual encontrava barreiras. É certamente impossível que um professor em sala, por mais que quisesse, pudesse atender aos problemas específicos de cada um. O inchaço impossibilitava um ambiente de diálogo, de contato mais humano. Os alunos acabariam sendo vistos, na maioria das vezes, como números de matrícula.

Os investimentos não pararam. Começaram a ampliar suas ofertas de ensino. As escolas que não tinham o infantil, passaram a ofertar; assim como aquelas que só tinham o médio, apressaram-se para abrir os primeiros níveis de ensino. Vieram também os maternais e creches. Dessa forma garantiam que a criança entrasse nos primeiros anos de vida e só saísse direto para as universidades, aproveitando para propagandear que ali os alunos saíam verdadeiramente formados para a vida e que alcançariam, sem sombra de dúvidas, sucesso nos vestibulares. Este foi o fator que levou à mais nova onda de disputa entre as grandes escolas, desta vez para estampar nos outdoors os primeiros lugares nos cursos das universidades públicas alcançados por seus alunos. Pais podiam ficar sossegados porque as escolas grandes iriam garantir aos seus filhos toda a educação necessária para o sucesso.

\*\*\*

Diante desse contexto, não só o ensino público foi prejudicado. Pequenas escolas privadas foram afetadas com o rápido crescimento dos grandes empreendimentos educacionais. A Escolinha foi uma entre tantas escolas pequenas que começou a sentir a evasão com mais força no final da década de 80. Não fazia publicidade porque não era a intenção que houvesse grande procura. E tendo uma grande procura, também não tinha interesses em mudar sua pequena estrutura para abrigar mais alunos. Era o que era e mantinha a sua linha deixando bem claro que o seu objetivo não estava no retorno financeiro, mas no retorno social e intelectual.

A oferta estendida de ensino foi outro ponto que prejudicou ainda mais as pequenas escolas que geralmente tinham sua clientela infantil assegurada. No Instituto, além disso, suas turmas com quantidade reduzida de alunos e vários tendo abatimentos nas mensalidades, já deixavam a escola com recursos restritos para pagamento de pessoal e demandas internas. Muito difícil que sobrasse dinheiro suficiente para ser investido na escola. Nas poucas vezes que conseguiram acumular uma quantia razoável, fizeram pequenas reformas, como a pintura das quadras, a construção de uma rampa para as séries terminais para melhorar a mobilidade das crianças com deficiência física, e a instalação de uma grade em volta da quadra para evitar acidentes com os passantes do lado de fora. Não tinham também permissão para fazer grandes alterações na casa, portanto, as reformas eram modestas e nada chegava aos pés do que estavam fazendo nas grandes escolas particulares. A concorrência era desleal.

No meio da onda de modernidade, ainda tentaram fazer algo por melhorias mais significativas. Nildes vendeu o carro e com mais uma quantia em dinheiro comprou um terreno na área conhecida àquela época como Seis Bocas. Pretendia fazer no local a nova sede da Escolinha, mais moderna, melhor equipada. Talvez demorasse um pouco, mas tinha esperança que o investimento e os planos dessem certo. Já os pais não gostaram muito da ideia. Nem concebiam que a escola pudesse se mudar para aquela área, que há vinte anos era tão longínqua e inabitada. Pais também se mobilizaram e com a ajuda financeira coletiva conseguiram montar um laboratório de ciências, o que causou grande entusiasmo entre alunos e professores. Sem dúvidas, foi a coisa mais moderna que o Instituto Educacional de Alencar possuiu. Em 92, o governo Collor<sup>39</sup> iria dificultar o que já não estava fácil para as pequenas escolas, com a proibição do aumento das mensalidades. O Instituto e as escolinhas perdendo alunos e dinheiro, não tinham nem como recorrer a uma ajuda maior dos pais que pudessem pagar.

As mudanças educacionais que se visualizavam no período faziam parte de algo mais amplo: uma mudança no contexto social. O Brasil vivia sua abertura política, de volta à democracia. A repressão e a ditadura tinham ficado finalmente para trás, mas a mudança de ares afetou o perfil da nova geração de pais. Querendo ou não, o laço de ideal educacional, social e político que unia a família Escolinha tinha perdido a força. A resistência através da educação parecia ser algo que não fazia mais parte dos anseios de mães e pais. Preocupavam-se agora com um ensino mais puxado e escolas com estruturas modernas, aulas extras, e uma infinidade de “a mais” que não encontravam na Escolinha. Achavam que não estavam recebendo o retorno esperado para o que pagavam. Começaram então as pressões por mudanças. Queriam aulas de inglês, ao que Nildes respondia que se atendessem ao pedido estariam enfraquecendo o ensino do português ao qual davam tanta atenção. Para as novas insistências, Nildes deu o seu veredito final: “Não adianta. Antes, colocaria tupi-guarani, pela riqueza que seria os meninos entrarem em contato com uma língua indígena, do que o inglês, que seus filhos podem suprir a necessidade com cursos de língua muito melhores do que as aulas de colégio”. Os pais queriam aulas de informática para os filhos, ao que Nildes dizia que a prioridade da Escolinha ainda era a formação humana. Mas a preocupação dos pais com a formação intelectual se sobrepôs à formação humana. O vestibular fortaleceu a corrida intelectual e os pais estavam de olho nele, apreensivos se a educação que seus filhos receberiam seria bem sucedida na hora das provas para ingressar na universidade. O futuro profissional estava em jogo.

Os sintomas dessa cultura surgiram rápido com a super exigência em cima dos alunos. Aulas, aulas e mais aulas; conteúdos, conteúdos e mais conteúdos. As escolas estavam partindo para o método de absorção sem crítica. O jovem não sabia porque estava aprendendo uma fórmula de física para resolver um determinado problema. Sabia somente que precisava dela para chegar a um resultado. O mecanicismo gerado tendia a piorar. Estavam cortando o raciocínio. Nildes lembrava que era preciso ter calma com o processo de aprendizado, mas decretaram que não havia mais tempo a perder. Essa postura já era sentida antes na Escolinha com a incompreensão de muitos pais pelo ritmo mais lento que a escola adotava.

Acharam que o Instituto não estava preparando seus alunos para essa realidade. Mas também não havia a compreensão mais profunda quanto às crescentes deficiências da educação que se aplicava nas grandes escolas preocupadas com o vestibular. Infelizmente tinha-se cada vez mais uma educação padronizada, com avaliações periódicas puxadas, disciplina rígida, muito conteúdo, aulas extras, e pouco tempo para dar ao aluno a oportunidade de assimilar tudo o que estavam lhe enterrando no cérebro.

A Escolinha continuava com suas propostas e os esforços se voltavam para um aprendizado ao tempo de cada aluno. É fato que do lado de fora haveria cobranças para os alunos que saíssem e os professores das séries terminais passaram a se preocupar crescentemente com o preparo que estavam dando aos alunos, cautelosos para que eles não enfrentassem dificuldades em outras escolas. As adaptações foram inevitáveis. Era difícil competir com uma nova mentalidade social se os pais da própria Escolinha acompanharam essas mudanças e as exigiam dentro da escola. A pressão era externa e interna.

Vale lembrar que a proposta pedagógica do Instituto Educacional de Alencar nunca foi um padrão de ensino da preferência dos pais de Fortaleza, desde a década em que surgiu. Percebia-se, mesmo entre os que colocavam seus filhos ali – o que pressupunha uma mentalidade diferente por parte deles –, preconceitos e formatações sociais tão arraigadas, que a escola sempre enfrentou problemas com alguns que batiam de frente com suas propostas. O ponto clássico de embate era a presença de alunos com deficiência de aprendizado, o que geralmente fazia com que os professores desacelerassem o ritmo de toda a turma. O processo era feito com cuidado. Logicamente tinham cautela para não prejudicar o andamento de uma classe toda, e para isso se faziam reforços

individuais. Mas o simples fato de existir um aluno com dificuldades na sala de seus filhos, fazia com que pais torcessem o nariz, levando à atitudes muitas vezes constrangedoras e egoístas como um grupo de mães que pediu para a escola tirar uma criança com problemas da sala de seus filhos com a ameaça de que, caso contrário, tirariam os próprios filhos. Era difícil lidar com situações como essa. Nesse caso, a escola partia em defesa de seus princípios e dos que estavam em desvantagem. A resposta de Nildes para o grupo de mães foi que se elas tirassem seus filhos, não teriam problemas para achar outra escola para eles, mas se a mãe do menino com dificuldade tivesse que sair da escola, dificilmente encontraria outro lugar que aceitasse receber seu filho. Portanto, era uma pena que pensassem assim, mas teriam que tirá-los dali.

Situações semelhantes aconteceram diversas vezes, o que levanta questionamentos de como pais com essa mentalidade chegaram a botar seus filhos numa escola com tantas propostas diferenciadas. Talvez houvesse imaturidade para compreender que o trabalho do Instituto partia de um posicionamento político, uma educação que pretendia dar condições para a formação de indivíduos com cabeças mais abertas, indivíduos mais humanos; ou simplesmente nada disso interessava a alguns pais que só colocavam seus filhos na Escolinha porque estes haviam sido rejeitados em outras escolas ou porque não eram aceitos em nenhum outro lugar. A procura seria apenas uma solução para se verem livres do “problema”.

No período de maior evasão, a escola acabou abrigoando um número alto de crianças com alguma deficiência e por isso acabou ficando conhecida como colégio para crianças excepcionais. Alguns pais, como no caso anterior, buscavam a Escolinha para seus filhos ditos especiais, mas não colocavam ali os ditos normais, fazendo uma clara distinção e mostrando que realmente não comungavam com os princípios de Nildes e de sua equipe. O diálogo permanecia, mas muitos não davam o braço a torcer, e a escola não podia comprometer as crianças com deficiência por causa dos problemas dos pais.

\*\*\*

As pressões por mudança se intensificaram, mas Nildes foi irredutível. Achava que ceder seria matar a escola aos poucos. Sentia que perderia seu perfil, seus princípios, e aquilo era inconcebível com o trabalho de tantos anos, com o ideal de educação que nasceu de um grupo, de uma vontade, de tantos sacrifícios. Sentia que não podia quebrar o compromisso com a educação que acreditava. Do outro lado, alguns pais começavam a se incomodar com a falta de voz nas reuniões. Achavam que o fechamento cada vez maior da escola sobre ela mesma para tentar se proteger das pressões, acabou causando uma quebra nos seus próprios princípios de participação coletiva, de diálogo. Havia descontentamento com essa postura que era percebida como contraditória por alguns. A situação rendeu uma bola de neve rumo a um buraco sem fim. O diálogo estava se quebrando. Às vezes, entre os próprios funcionários aconteciam atritos pela gerência muito fechada entre os familiares de Nildes, que não aceitavam sugestões ou críticas.

Nildes percebeu o problema se agravar quando chegou na escola para uma reunião de pais do ensino infantil e se deparou com cinco ou seis presentes, no máximo. Aquilo fez soar o alarme de que a Escolinha realmente ia mal das pernas. Mas por mais que às vezes levasse em consideração que era preciso fazer algo e que certas posturas tinham limitado alguns princípios que tanto nutria, se via sem saída porque pensava que era preciso manter uma postura firme diante de transformações que tinha certeza que, aí sim, poderiam mudar completamente a filosofia construída. O

medo causou reações tantas vezes desagradáveis aos que ela achava que se voltavam aos poucos contra os seus propósitos.

Por outro lado, pouco a pouco, os próprios professores e funcionários foram se convencendo de que era preciso fazer alterações, modernizar a escola e, quem sabe, oferecer aulas de inglês, de informática. Pensavam que deviam acompanhar as mudanças externas até mesmo para que tivessem como salvar a proposta pedagógica da escola. Entendiam que ela não seria prejudicada. Tinham como fazer mudanças sem afetar sua essência. Cabe muito bem a metáfora da coordenadora Melânia. A Escolinha tinha uma essência muito boa, dentro de um vidro não tão belo. E as outras escolas tinham um vidro lindo, mas com uma essência ruim. Sabiam que o que poderia salvar a escola era um vidro mais bonito, mas Nildes achava que tinha que fazer uma opção, e optou pela essência.

As turmas foram se esvaziando, até que em 97 foram obrigados a fechar o turno da tarde por falta de alunos. As poucas séries que sobreviveram tinham seis alunos ou às vezes menos do que isso. Concentraram todos pela manhã, mas o esvaziamento prosseguiu. A parte financeira estava comprometida. A situação fez com que familiares de Nildes que tinham filhos na escola tentassem se mobilizar para pagar, da mensalidade, o que estivesse ao alcance de cada um. Entre cabeças pensando diferente sobre os rumos que deveriam ser tomados, o pequeno grupo cada vez menor que permaneceu continuou comungando com o trabalho da escola e nem pensava na possibilidade de tirar seus filhos dali. Nesse contexto, a escola precisou realizar uma assembleia para propor um pequeno aumento da mensalidade. A proposta foi aceita e os pais assinaram um documento comprovando o acordo, já que o governo Collor havia impedido cobranças a mais nas mensalidades escolares. Compreendiam que era necessário se quisessem evitar que seus filhos ficassem órfãos de escola.

Apesar do ar carregado que pairava sobre a escola, com tantos problemas, dúvidas e inseguranças, o que pode fazer o leitor pensar que nada mais eram flores, ainda havia, sim, o caráter familiar, o companheirismo; as confraternizações foram mantidas e o São João ainda era o grande evento da escola, recebendo muitos ex-alunos, antigos pais e pessoas que fizeram parte da família Escolinha. As crianças pareciam viver seus dias como antigamente, um pouco distantes da realidade de preocupação que cercava a cabeça de pais e funcionários. No jardim da infância a preocupação continuava sendo as brincadeiras. Os mais velhos sabiam das dificuldades, impossíveis de serem escondidas já que estavam aos olhos de quem ali entrasse, mas tentavam viver seus dias e torciam para que a escola aguentasse. Queriam fechar o ciclo como tantas turmas anteriores. Sonhavam que a Escolinha ainda estivesse viva para abrigar os filhos que teriam algum dia. A esperança não podia morrer.

\*\*\*

Foram necessários trinta anos para que Nildes pudesse chegar ao dia de se dedicar exclusivamente à Escolinha. Parecia que nunca chegaria, mas se aposentou da Universidade Estadual do Ceará em 1991 e de seu último trabalho na Secretaria de Educação do Município em 1998.



Pôde enfim se voltar para o que quis desde o dia 18 de fevereiro de 1968. À quantas atividades se dedicou durante todos esses anos e quantos momentos perdeu de vivência na escola. Por ironia do destino, tinha a oportunidade de vivenciá-la no seu momento mais difícil. Apesar disso, sentiu-se feliz porque foi para onde queria estar: dentro de sala de aula com os alunos.

Pode parecer contraditório, mas os meses e anos que se seguiram foram os melhores para Nildes. Acreditava que tinham chegado num estágio de maior aprimoramento do trabalho com as crianças e com os meninos das séries iniciais. Com os maiores, admite que a filosofia foi se perdendo com a pressão cada vez maior para que saíssem bem preparados para as outras escolas. Apesar dos problemas, tentava tirá-los da cabeça ao entrar em sala para não estragar o momento pelo qual tanto tinha esperado. No seu íntimo, Nildes queria acreditar que junto com os professores e pais que se mantivessem firmes, poderiam voltar a um começo: uma escola numa casa menor, com uma quantidade pequena de alunos e pais, onde todos compartilhassem, novamente, um ideal de educação, um ideal de sociedade, um ideal de vida. Não teriam que mudar a Escolinha.

\*\*\*

Mesmo sendo visível que a situação financeira ia mal, parece que ninguém fazia tanta ideia assim das reais condições da escola, a não ser os familiares que cuidavam diretamente da parte financeira e administrativa. Nildes descobriu, da pior forma possível, depois da visita de um fiscal da Receita Federal, que chegara à escola um certo dia entregando uma intimação sobre uma dívida de vinte e cinco mil reais, que deveria ser paga em trinta dias. A dívida era referente ao descumprimento da lei que proibia o aumento nas mensalidades escolares há mais de nove anos, durante o governo Collor. Ela tinha a prova de que o aumento tinha sido cobrado após uma assembleia em que todos os pais presentes tiveram concordaram. O problema estava aí. Um dos pais, que não estivera presente na reunião, teria denunciado o aumento e agora chegava a dívida. O fiscal disse que podiam resolver facilmente o problema com uma quantia de quinhentos reais, mas Nildes não se rendeu à propina, afirmando que se o fizesse estaria admitindo um erro que não havia cometido.

Ah, se fossem somente os vinte e cinco mil! O alarme soado com o aparecimento desta dívida acendeu o restante, cem vezes maior, que a Escolinha acumulava ano a ano com o INSS. Foi só aí que Nildes soube que o problema estava completamente fora de controle. Na mesma noite foi impossível dormir. Ficou tentando achar uma solução, sem sucesso, para dar conta do novo problema que tinha caído de uma vez sobre seus ombros. Pensou nos familiares que sobreviviam da escola e nos que só podiam garantir a educação dos filhos porque tinham suas mensalidades reduzidas; pensou nos tantos alunos com deficiência que teriam dificuldades para achar outra escola; pensou que, pela segunda vez em sua vida, um sonho se quebrava como uma linda escultura de vidro indo ao chão, sem tempo para salvá-la. Negava-se a aceitar, mas sabia que não havia outra alternativa: teria que dar fim à Escolinha.

\*\*\*

A primeira providência foi conversar com os funcionários. Admitir que era impossível ir adiante foi duro e precisou pedir que esperassem pela venda do terreno que tinha comprado para

montar a nova sede do Instituto, pois com o dinheiro faria todos os pagamentos e indenizações a que tinham direito após o fechamento da escola. Depois de tantos anos, sendo a maioria da equipe formada por veteranos com mais trinta anos de trabalho, seria injusto que não compreendessem a situação. Sairiam prejudicados, mas a dor da perda, no momento, era muito maior do que qualquer outra preocupação.

Foi muito mais duro quando teve que reunir mães e pais para anunciar o fim da Escolinha, em maio do mesmo ano de 2001. A escola assistia seus remanescentes se abraçando e chorando pelos seus últimos dias de vida. Numa tentativa final, os pais ainda pensaram em fazer um empréstimo e salvá-la, mas já era tarde demais. Nildes e as coordenadoras se comprometeram a intervir junto aos diretores de algumas escolas que consideravam boas e mais acolhedoras, para que recebessem os órfãos da Escolinha. Ao final da conversa os pais foram, aos poucos, indo embora e Nildes foi ficando só. Sabiam que estivera se segurando muito para se manter firme durante a longa e difícil conversa. Seria a última a deixar a embarcação.

\*\*\*

O dia 29 de junho de 2001 foi o último dia de aula para os poucos mais de quarenta alunos restantes. Quem sabe fosse exatamente o mesmo número de alunos de seu começo. Fechavam assim um ciclo. Será impossível traduzir em palavras o que alunos, professores, funcionários e pais compartilharam nas horas que restavam para se despedir. Nem teve dor comparável. Foi o dia mais triste vivido no Instituto Educacional de Alencar.

Durante os seis meses seguintes, Nildes e as companheiras ajeitaram todos os documentos da escola para entregar à Secretaria de Educação. O trabalho foi sofrido, sem o barulho das crianças, sem o soar do sino, sem a gritaria na hora do recreio. Em dezembro, a despedida foi definitiva. Era a hora de olhar pela última vez a escola, sair pela porta carregando um mar de saudades e nunca mais voltar.

Depois de tantos anos dedicados à educação, com os dias preenchidos de atividades, Nildes se viu pela primeira vez em casa durante as longas vinte e quatro horas de muitos dias. Passou semanas sentada no sofá fazendo croché para passar o tempo que se negava a passar. Cada minuto sentido, cada ponto de costura, uma lembrança e uma lágrima. Foi inevitável um turbilhão de pensamentos voltados para o que poderia ter feito, o que fez de errado... Mas não tinha volta. Pensou que a sua teimosia e imaturidade tinham lhe dado novamente um fim traumático. Não havia aprendido com o João XXIII. Na sua fé, achou que talvez tivesse insistido em algo que não fazia parte do seu caminho. O sonho real chegara ao fim, mas muitas noites depois e ainda hoje, outros sonhos lhe trazem de volta a Escolinha. Lá está ela aberta novamente, os rostos de felicidade nas companheiras de trabalho, nas crianças correndo pelo pátio da frente, a escola novinha, bonita como nunca, e ela preocupada porque tinham reaberto sem que a proprietária soubesse. Mas era tanta felicidade que deixara de lado as preocupações e fora reviver tudo o que tinha direito.

*“Essa Escolinha nasceu nas lágrimas e ela se fechou nas lágrimas.”*

**Nildes Alencar Lima**

# Referências

---

1. Lavras da Mangabeira: décimo sexto município criado no Ceará localizado na região centro-sul, a 434 km da capital Fortaleza, tem Cedro, Icó, Ipaumirim, Aurora e Várzea Alegre como alguns dos municípios limítrofes. Lavras é também terra natal do educador Filgueiras Lima.
2. Êxodo da borracha: Ildefonso se juntava à primeira leva de cearenses que, junto com milhares de outros nordestinos, seriam conhecidos como os “soldados da borracha”. O primeiro ciclo da borracha, que atraiu à região amazônica aqueles que queriam fugir da seca, aconteceu entre os anos de 1879 e 1912.
3. Seca: No começo do século XX, as secas de 1915 e de 1932 deixaram uma multidão de famintos e doentes. O Estado, temendo a invasão dos flagelados à capital, começou a criar campos de concentração na área periférica de Fortaleza e em outras cidades mais bem estruturadas, onde milhares de pessoas eram mantidas em péssimas condições e sob a vigilância de soldados.
4. Divisão do ensino: o ensino primário geralmente era feito em cinco anos, tendo algumas escolas adotado séries a mais para reforçar o processo de alfabetização. Depois do primário vinha o ginásio, com quatro séries, denominado ensino secundário até o ano de 1971. Com a Lei nº 5.692, o primário e o ginásio se juntam formando o ensino fundamental com oito séries (1ª a 8ª). Em 2004, a Lei nº 3.675 tornou a alfabetização obrigatória, incluindo assim mais um ano no ensino fundamental. A Classe de Alfabetização se tornou 1ª série, a 1ª série 2ª, e assim por diante, formando agora nove anos.
5. Por mais que o Externato não fosse público, tinha um padrão de ensino comparável às escolas públicas que podia ser explicado pelo suporte do Estado que garantia ali a permanência de professoras da rede pública.
6. Em algumas escolas o 1º ano do primário era estendido para reforçar a alfabetização feita em casa; como no caso do Externato, que reservava três anos respectivamente intitulados seção A, B e C, antes do 2º ano.
7. Instituto de Educação do Ceará: na época a escola oferecia o jardim da infância, o primário (Escola Modelo) e o ginásio, além do Curso Normal, voltado para a formação de professoras primárias, com três anos de duração. A instituição de ensino foi fundada em 1884 como Escola Normal do Estado, a primeira a oferecer curso voltado para o magistério. A partir de 1952, passa a ter o nome de Instituto de Educação Justiniano de Serpa, funcionando na Praça Figueira de Melo, em frente ao colégio Imaculada Conceição. No local hoje funciona o Colégio Estadual Justiniano de Serpa. O Instituto de Educação do Ceará fica atualmente no bairro de Fátima.
8. Escola Preparatória de Fortaleza: fundada em 1942 e extinta em 1961, após a reestruturação do ensino militar do Exército. No mesmo ano a escola foi reativada como Colégio Militar de Fortaleza, no mesmo local onde funciona até hoje.
9. Liceu do Ceará: primeira instituição de ensino do Estado, fundada no ano de 1845, em Fortaleza.
10. Filme: segundo Nildes o título do filme é Alma Forte. Lembra de tê-lo assistido em 1951, quando estava cursando o terceiro ano ginasial.

11. Grupos de Ação Católica/JEC: a Igreja Católica lançou o movimento em 1935 com o intuito de formar leigos para atuar junto à sociedade, contribuindo com a missão de expandir o cristianismo. A partir da década de 60, com o Concílio Vaticano II, um segmento da igreja firma uma ideologia de esquerda que vai se fortificar nos grupos de Ação Católica em sua maioria voltado para os jovens.

12. Irmã Maria Montenegro: educadora cearense nascida em Quixadá, no ano de 1923. Foi diretora do colégio Imaculada Conceição.

13. Curso Normal: o curso equivale hoje ao Ensino Médio. Na época, quando se terminava o ginásio, havia a opção de cursar o científico ou então fazer o teste de admissão para o Curso Normal, voltado exclusivamente para mulheres.

14. Instituto Lourenço Filho: fundado em 1938 pelos professores Filgueiras Lima e Paulo Sarasate. Passou a oferecer o Curso Normal a partir de 1939. Escolheram para ser o patrono da instituição o educador Lourenço Filho, conhecido nacionalmente pela participação no Movimento dos Pioneiros da Escola Nova no Brasil, que lançou um manifesto em 1932 em defesa da formulação de um plano geral para a educação e a favor de um sistema de ensino público, laico e obrigatório.

15. Luiza de Teodoro Vieira: educadora cearense. Após sua saída do colégio Christus, trabalhou na Secretaria de Educação e Cultura do Estado durante o governo Virgílio Távora (1963-1966), sendo responsável pela coordenação e orientação metodológica do primeiro programa de trabalho para as professoras das escolas públicas primárias do Estado, *O Livro da Professora*.

16. PABAAE: Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar, resultante de um acordo firmado entre Brasil e Estados Unidos em 1956, que dizia ter como objetivo central a melhoria do ensino básico nas escolas brasileiras, mas se configurava como uma das ações destinadas aos países subdesenvolvidos da América Latina, voltadas para seus interesses políticos e econômicos.

17. Método Global: denominado também método analítico, começa a ser desenvolvido a partir das ideias do pedagogo Comenius, no século XVII. No século XIX, Nicolas Adam, um dos responsáveis pelo desenvolvimento posterior da metodologia, defende o método global para o processo de alfabetização por levar em consideração a importância de partir do aprendizado da língua pelos significados e não da decifração de códigos linguísticos, caso do método sintético, que compreende como mecânico o processo.

18. Papa João XXIII: seu pontificado foi de 1958 a 1963. Ficou conhecido como “o Papa da Bondade” pela sua postura simples e cordial, pelas visitas a presos e doentes, pela receptividade com homens de todas as nações e crenças e tendo sido responsável pela tentativa de renovação da Igreja através do Concílio Vaticano II, que tinha como objetivo promover uma reflexão sobre a Igreja Católica e suas relações com o mundo, buscando uma aproximação maior com a bondade e paz pregada pela palavra de Deus.

19. Ditadura militar: instaurado após o golpe que depôs o presidente João Goulart em abril de 1964. A inclinação política de Jango à esquerda causou desconforto entre os militares que confabularam para a tomada do poder. O governo que deveria ser provisório acabou se estabelecendo até 1986 fechando as portas da democracia e perseguindo duramente seus opositores.

20. *O Livro da Professora* chegou a ser reeditado em 1966, ainda no governo de Virgílio Távora, antes de ser retirado de circulação.

21. Alexander Sutherland Neil (1883 - 1973): professor inglês que, a partir de suas ideias sobre educar através da liberdade, fundou a escola de Summerhill em 1921. Após quarenta anos de experiências educacionais escreveu quatro livros, dentre eles *Liberdade sem medo*.

22. Hélèn Lubienska: pedagoga nascida na Polônia, mas tendo vivido a maior parte da vida na França, era seguidora de Maria Montessori e sua metodologia pedagógica de valorização do desenvolvimento da criança a partir da atenção voltada àquilo que lhe desperta interesse. Lubienska adotou a metodologia, o incentivo ao silêncio como lição de grande valor educativo para o domínio pessoal.
23. Faculdade de Filosofia do Ceará: encampada pelo governo do Estado em 1966 e oficializada como instituição estadual em 1967.
24. Com o golpe militar, a União Nacional dos Estudantes e as demais organizações estudantis passam a serem consideradas ilegais. A atuação continua na clandestinidade e em 65 comandam uma greve geral na USP com a adesão de mais de sete mil estudantes.
25. Chico Lopes: iniciou sua vida política pelo PCdoB, se juntando ao MDB após a instauração do bipartidarismo durante a ditadura militar. Após a redemocratização, se candidatou pelo PCdo B, cumprindo desde 1993 dois mandatos como vereador, dois como deputado estadual e um como deputado federal. Nas eleições de 2010 foi eleito novamente deputado federal, indo para o seu segundo mandato no cargo.
26. Cel. Paulo Ayrton: assumiu a Secretaria de Educação no dia 15 de março de 1971, permanecendo até o dia 2 de fevereiro de 73.
27. A irmã Elisabeth Silveira visitou Tito no começo do mesmo ano e na volta conversou com Nildes preocupada com o estado psicológico de seu irmão. Foi o que lhe impulsionou a visitá-lo no fim do ano.
28. Vanguarda Popular Revolucionária: organização armada de extrema esquerda que teve grande atuação durante a ditadura. O grupo foi formado em 1966 entre dissidentes da organização Política Operária (POLOP) e os remanescentes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR).
29. Queda de Salvador Allende: o golpe no Chile foi realizado pelas forças armadas dissidentes comandadas pelo general Augusto Pinochet, contando o apoio militar e financeiro dos Estados Unidos. Allende morreu após a invasão das tropas ao Palácio de La Moneda, no dia 11 de setembro de 1973. Sua morte até hoje nunca foi explicada, havendo suspeitas de assassinato ou de suicídio. A ditadura chilena se manteve até 1990.
30. Frei Tito de Alencar Lima virou símbolo de resistência pelas notícias que se espalharam pelo mundo após a sua carta de denúncia sobre as torturas sofridas durante a ditadura militar. Sua curta trajetória política e religiosa foram tomadas pelos traumas psicológicos que levou durante os anos seguintes ao seu exílio. O seu suicídio foi considerado por Nildes e por muitos como assassinato, pelos transtornos deixados pelas torturas.
31. Terezinha Zerbini: idealizadora e criadora do Movimento Feminino pela Anistia. Mulher do general Euryalis Zerbini, que foi expulso do exército e preso na ditadura por não ter apoiado o golpe de 64.
32. Movimento Democrático Brasileiro: o partido foi fundado após a instauração do bipartidarismo pelo regime militar. O MDB abrigou os opositores do governo. Os aliados do regime, por sua vez, formaram a Aliança Renovadora Nacional (ARENA).
33. MR-8: grupo atuante no meio universitário, conhecido originalmente como Dissidência da Guanabara do Partido Comunista Brasileiro. Após o sequestro do embaixador estadunidense Charles Burke, em 1969, adotou o nome Movimento Revolucionário 8 de outubro, em homenagem a Che Guevara, capturado na Bolívia nesta data. O grupo atuou junto a VPR na reação armada contra o regime militar.

34. Movimento Pró-Mudanças Frei Tito: formado em setembro de 1985, o grupo levava propostas de mudanças sociais partindo de profundas análises sobre a estrutura política do Estado.

35. PMDB: após expressivo crescimento político do MDB durante o governo Geisel, o pluripartidarismo volta em 1980 e o MDB vira PMDB.

36. Ricardo Guilherme: mais ou menos com seus dezenove anos foi procurado pela antiga vizinha Nailde para que traduzisse umas cartas em francês. As correspondências contavam detalhes sobre a morte de Tito e as perturbações psíquicas que enfrentou durante os anos em que esteve na França. As cartas foram enviadas pelos dominicanos do Convento de Lyon para Nildes, que as manteve escondidas para poupar a família das verdadeiras causas de sua morte. Até então pensavam que o caçula tinha sofrido um ataque cardíaco. Nailde descobriu as cartas, juntou os irmãos sem que Nildes soubesse e ouviu os relatos através das traduções de Ricardo, que só então teve conhecimento de toda a história de Tito e que mais tarde esta lhe inspiraria para a produção de uma peça biográfica de nome *Frei Tito: vida, paixão e morte*.

37. Gonzaga Mota: com a ajuda dos coronéis que dominavam a política cearense, foi eleito governador em 1982, pelo PDS. O apadrinhamento não garantiu, no entanto, os interesses das oligarquias, e Gonzaga tentou utilizar as falcatruas políticas aprendidas com os padrinhos para seu próprio benefício. Seu mandato foi sucedido pelo de Tasso Jereissati, com quem disputou e perdeu o cargo nas eleições de 1998. Foi deputado federal por três mandatos.

38. Tasso Jereissati: teve um mandato como senador e três como governador. Nas eleições de 2010, perdeu a disputa pelo Senado.

39. Collor: as denúncias de corrupção envolvendo Fernando Collor de Mello se voltaram contra a sua campanha de promessas pela moralização política e pelo fim da inflação. As medidas drásticas que adotou pelo plano econômico não conseguiram conter a inflação. A crise do governo se agravou com a compração de um grande esquema de desvio de verbas e tráfico de influência que foram trazidos à tona pelo irmão de Collor, Pedro Collor. Em 1992, o presidente renuncia antes da decisão final do Senado sobre o seu *impeachment*.

## *Novos Caminhos*

---

A educação não se distanciou de Nildes Alencar, sendo até hoje o motor de sua vida. Dois projetos cruzaram o seu caminho no ano seguinte ao fechamento da Escolinha, lhe reservando novas experiências educacionais. O primeiro foi um convite para se juntar ao corpo docente do curso de pedagogia destinado à formação dos professores e professoras da rede pública do município de Jucás, através de um convênio entre a Prefeitura local e a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Foram dois anos de curso e mais cinco destinados ao trabalho de assessoria através de novos cursos para formação continuada abrangendo o estudo de metodologias, orientação para os diferentes níveis de ensino e orientação para diretores, coordenadores pedagógicos e para outros profissionais da área.

No final de 2008, vem o convite do prefeito recém-eleito Helânio Facundo para assumir a Secretaria de Educação de Jucás e dar início a um grande projeto de reforma educacional no município, que partiria da proposta de descentralização gradual da gestão escolar, dando autonomia financeira, administrativa e pedagógica às escolas. O objetivo era proporcionar a valorização, a democratização e o desenvolvimento do setor.

A implantação do projeto começou no início de 2009, com a organização de todas as escolas do município. Quarenta e cinco unidades que se encontravam em áreas de difícil acesso, que apresentavam problemas estruturais ou que ainda mantinham um ensino em salas multi-seriadas foram desativadas, havendo remanejamento dos alunos para as dezesseis unidades maiores que foram mantidas. O segundo passo foi a aprovação de uma lei municipal que possibilitou o repasse dos recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). Com isso o núcleo gestor e o Conselho de cada escola passou a gerenciar seus próprios recursos, contando com a orientação e o acompanhamento de equipes técnicas da Secretaria de Educação, que repassa as prestações de contas para o Fundeb. Dessa forma, burocracias tem sido evitadas, retirando da secretaria a resolução de problemas simples como um pedido de aquisição de material ou de manutenção, fazendo com que as escolas possam direcionar suas verbas da melhor forma de acordo com suas necessidades específicas.

A autonomia financeira e o trabalho de formação durante os seis anos anteriores, contando também com o acompanhamento pedagógico constante da secretaria, deram estímulo aos profissionais de Jucás e ajudaram a elevar os indicadores educacionais do município, sendo apontado como um dos melhores da região Centro-Sul do Estado. Além da valorização e dos bons resultados alcançados no setor, a reforma educacional está colaborando também para a movimentação da economia local, através da compra de merenda escolar nos próprios distritos.

A outra experiência na qual Nildes pôde se envolver em 2002, veio com o convite de Elda Meireles Braga, velha amiga e mãe de aluno da Escolinha, remanescente do João XXIII. Aquela que lhe deu no Natal de 1967 uma quantia em dinheiro para ajudá-la a montar sua nova escola. Ela e mais treze senhoras reunidas pela vontade de ajudar o próximo, montaram, em 1999, o Projeto SOL – Solidariedade, Operosidade e Liberdade, em um dos bairros mais violentos da capital cearense, o Caça e Pesca. Em 2001, o Projeto SOL começou a construir um Centro Educacional e Nildes foi convidada pela amiga para se juntar ao grupo e ajudar na orientação pedagógica da escola. A Escolinha SOL, assim batizada, foi uma nova Escolinha na vida de Nildes e uma nova

oportunidade de reviver um trabalho de educação, agora com novas perspectivas. Não se tratava mais de uma instituição particular. Estava num projeto social, voluntário, e sentindo ainda mais viva a noção da educação como agente transformador da sociedade. Agente transformador da vida de crianças e adultos daquela comunidade fora do alcance das atenções do governo e marginalizada quanto tantas outras na grande Fortaleza, que comprova nos seus níveis de desigualdade como tenta esconder a pobreza afastando os mais necessitados das suas áreas nobres.

Voltando os olhos à comunidade do Caça e Pesca, o Projeto SOL, através do seu Centro Educacional, se transformou num grande instrumento de ação social, atendendo não só as crianças do bairro, como as suas famílias. A escola está dentro das casas, oferecendo orientação desde aos cuidados com a casa até ao planejamento da renda familiar. Por sua vez, os adultos estão dentro da Escolinha SOL participando das atividades dos filhos e fazendo cursos de capacitação para terem oportunidades de melhorar suas finanças. Outro incentivo está nas salas de aulas, comandadas por professoras graduadas que moram no Caça e Pesca. O objetivo é que futuramente elas e a comunidade em geral coloquem o projeto adiante, incorporando a ajuda que veio de fora, sendo não mais simples receptoras dos benefícios, mas agentes e protagonistas das ações que contribuam para melhorar aos poucos a vida de sua gente.

Com essas duas novas atividades, Nildes pôde, de um lado, voltar de novo a atenção para o ensino público, organizando pela Secretaria de Educação uma experiência até agora muito bem sucedida e mostrando que a educação pública, se tiver a atenção necessária, torna concreto o grande potencial que deve ser colocado a favor da sociedade. E de outro, fazer parte de uma obra social, que lhe retoma os ideais plantados durante os anos de JEC, de que é por meio da educação que podemos realizar poderosas transformações a favor de um mundo melhor para todos.

Já são nove anos dividindo o tempo entre a Secretaria de Educação e o Projeto SOL. Na primeira metade da semana se dedica à Escolinha e na segunda metade enfrenta a longa viagem de seis horas entre Fortaleza e o município de Jucás. O companheiro Bianou as vezes se surpreende com a disposição de Nildes, que logo cedo está de pé, com livros na mão, pronta para mais um dia de trabalho. Para ela, a disposição só fez aumentar.

Com 76 anos de idade, acumulou filhos de coração que fez por ofício e que preenchem o espaço dos filhos que não teve do próprio ventre. Por mais que diga que nunca teve um espírito maternal tão forte, são muitos os que passaram por ela que receberam a atenção e o carinho de mãe, este último confessando ter aprendido a lidar e a manifestar somente agora, depois de tantos anos de profissão.

Nildes Alencar Lima vive a sua longa trajetória dedicada à educação, aos filhos adotivos, e à militância constante de modificar os que estiverem a seu alcance por meio das letras, do conhecimento e do amor, obra incansável que fará até o dia em que tiver cumprido sua missão; como diria, somente no último dia de vida.



## *Depoimentos*

---

*“Eu fiquei encantada com a maneira da Nildes ensinar a gente a ensinar os meninos a ler.(...) Porque a maneira como ela conduzia o processo de leitura, de alfabetização, pra nós que éramos professorandas (...), aquilo ali pra mim foi a maior novidade. Eu nunca tinha visto ninguém falar daquela maneira em alfabetização.” - Melânia Vasconcelos*

*“A Escola não via o ser humano como um ser separado. Ela via o ser humano como um ser total: emocional, psicológico, cultural, humano, físico. Você via uma criança num todo e com todos os seus sentimentos. Então, aquela criança merecia mais do que nada: respeito. Essa era a filosofia.” - Eneuda Lima*

*“Na cabeça dela não funcionava isso de fazer escola pra fazer dinheiro.” - Germano Vale*

*“Eu acho que a escola fez um bem maravilhoso pra sociedade e um mal terrível ao acabar. (...) Ao mesmo tempo em que a escola escreveu o nome dela na história, ela também deixou um buraco.” - Victor Vasconcelos*

*“Porque eles (os pais da Escolinha) tinham a liberdade de falar, de reivindicar, reclamar...e se sentiam em casa. E isso ajudou muito, porque hoje o que falta na escola é a família. Não tem. Você procura um pai pra conversar e ele fala ‘não, resolva, porque eu não sei mais o que fazer! É o que a gente tem escutado hoje.” - Márcia Vale*

*“Por uma questão meramente administrativa, existe os alunos especiais e os ditos normais. O que eu vivenciei nesta escola foi que todos os alunos são especiais. Porque se uma escola pode conviver com um aluno surdo-mudo dentro da sala (...), ela pode conviver com qualquer individualidade, mesmo dentro da faixa “normal”. (...) O respeito à individualidade é a coisa mais fundamental que se pode desejar de uma escola. E a gente sabe como as grandes escolas por aí são rolos compressores tentando uniformizar todo mundo.” - José Albano*

*“Foi puro ideal. (...) Eu acredito, historicamente falando, que poucas escolas tiveram um começo tão bonito como nós tivemos”. - Nildes Alencar*

## *Entrevistados*

---

Nildes Alencar Lima  
Melânia Vasconcelos  
Victor Vasconcelos  
José Albano  
Emília Albano  
Regina Targino  
Eneuda Lima  
Ildefonso Lima  
Jocelene Reis  
Mariana Fontenele  
Marina Barreira  
Patrícia Costa e Silva  
Solon Neto  
Márcia Vale  
Raimundo Nonato Maia  
Rita Vieira  
Celso Nóbrega  
Socorro Bezerra

Mercedes Vieira  
Marli Moreira Rino Grandó  
Socorrinha Alencar  
Conceição Frota  
Euda Nogueira  
Sandra Pires Vieira  
Germano Vale  
Ana Carolina Bittencourt  
Marli Ribeiro  
Celina Costa  
Octavio Costa Neto  
Germana Costa  
Camila Costa  
Rosa da Fonseca  
Maria Luiza Fontenele  
Raimunda Zélia  
Tereza Albano

## *Colaboradores*

---

Elisabete Dantas  
Rodrigo Dantas  
Geraldo Pinheiro Filho  
Isabel e Chico Lustosa  
José Albano  
Ana Carolina Bittencourt  
Iara Moura  
Larissa Lima Montenegro  
Liliane Holanda

Luana Soares  
Daniel Fonseca  
Analice Diniz  
Germano Vale  
Ildefonso e Eneuda Lima  
Melânia e Victor Vasconcelos  
Lana Costa  
Ana Carolina Nogueira  
Amanda Sampaio

# Bibliografia

---

## Livros

LIMA, Edvaldo Pereira. O que é Livro-Reportagem. São Paulo, Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo, Editora da Unicamp, 1993.

LOPES, Régis e KUNZ, Martine. Frei Tito: em nome da memória. 2ª edição, Fortaleza, Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005. (Coleção Outras Histórias, 7)

MEDINA, Cremilda. Entrevista – O diálogo possível. São Paulo, Editora Ática, 1995.

MARQUES DE MELO, José. A Opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis, Vozes, 1985.

NEIL, Alexander Sutherland. Liberdade sem medo (Summerhill). Tradução de Nair Lacerda, 19ª edição, São Paulo, IBRASA, 1980.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. Tinta, papel e palmatória: A escola do Ceará no século XIX – Fortaleza, Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004. (Coleção Outras Histórias, 24)

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. São Paulo, Contexto, 2005.

VIEIRA, Sofia Lerche. Leis de Reforma da Educação no Brasil: Império e República. Brasília, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. (Coleção Documentos da Educação Brasileira)

VIEIRA, Sofia Lerche. História da educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. Biografias & Biógrafos – Jornalismo sobre personagens. São Paulo, Summus Editorial, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. Perfis e como escrevê-los. 2ª edição, São Paulo, Summus Editorial, 2003.

## Artigo em site

CUNHA, Luiz Antônio. “O desenvolvimento meandroso da educação brasileira entre o estado e o mercado” - *Educação e Sociedade*. vol. 28, nº 100, Campinas, 2007. ([www.scielo.br](http://www.scielo.br))

